Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 12 DE DEZEMBRO DE 1971-N.º 17591-ANO-51.º PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

Na vēspera da "cimeira" dos Açores

Fantasma da recessão une os europeus

O fantasma de uma possível recessão uniu a Europa na véspera da «cimeira» dos Açores. O fulcro do encontro Nixon/Pompidou deve residir no debate da crise monetária que aflige o Ocidente e das soluções a adoptar, uma vez que o problema se arrasta sem que a recente reunião de Roma ou o encontro Pompidou/Brandt tenham fornecido um desfecho, que, aliás, seria inesperado

Sttau Monteiro enviado especial do «DL» a Angra

A «cimeira» dos Açores será acompanhada por um enviado especial do «Diário de Lisboa». Para o efeito, encontra-se já em Angra do Heroísmo o nosso companheiro de trabalho dr. Luís Sttau Monteiro que, no seu estilo inconfundível nos dará uma visão pessoal do encontro e das conversações entre Nixon, Pompidou e Marcello Caetano.

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

O novo «meeting» do Clube dos Dez a 17 e 18 do corrente, em Washington, ocorrerá três dias depois da «cimeira» dos Açores e nele os ministros das Finanças da França e dos Estados Unidos, Giscard d'Estaing e John Connaly, que também irão a Angra, poderão desempenhar papel importante expondo os conceitos dos respectivos presidentes se, entretanto, tiver havido acordo completo ou parcial na conferência do arquipélago. Agindo em bloco, a Europa está a mostrar-se impermeável às pressões de além-Atlântico, expressas por Connaly com uma rudeza pouco comum. Na página 24, Adriano Cerqueira analisa as perspectivas da «cimeira» dos Açores e da reunião de Washington.

A VOLTA A PICAR
nas págs. 7 a 10

"Calígula" e "Ivan" em debate

«Calígula», de Camus, conheceu carreira meteórica no Trindade: sai hoje de cena, mas está em foco no suplemento Literário, onde é analisado por Carlos Porto, Manuel João Gomes, Raul de Carvalho e Fernando Luso Soares. Também no Suplemento, há dois artigos sobre «Ivan, o Terrível», de Eisenstein, da autoria de José Vaz Pereira e Fernando Correia Marques, o »Prontuário das Letras» e a secção «Artes Visuais» de Rocha de Sousa. Outras atracções desta edição: balanço da temporada tauromáquica (Rogério Perez), a secção feminina, horóscopo (Horus), passatempos, crónicas, críticas de discos e grande cobertura dos espectáculos.

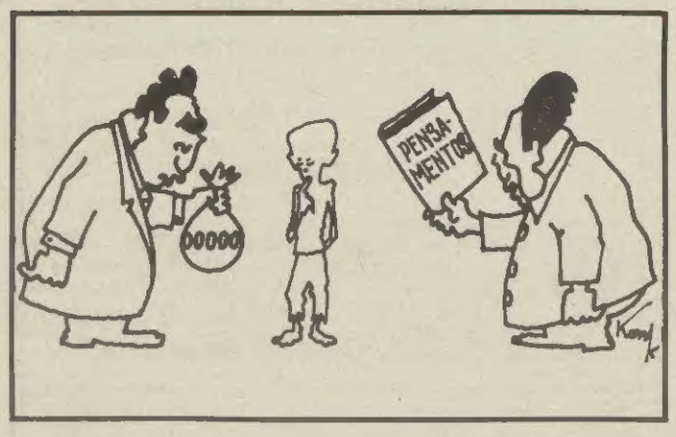
NÚPCIAS SECRETAS

Mary Hopkin, a cantora «pop» que os Beatles lançaram, casou-se secretamente com Tony Visconti, produtor dos seus discos. A notícia veio a lume demasiado cedo, segundo o casal. Eles queriam que tudo fosse conhecido «no seu devido tempo». A cerimónia realizou-se em Nova York e Mary, de 21 anos, só queria revelá-la depois de visitar os pais de Tony em Londres. Isto daria pretexto para fotografias que ajudariam a fortalecer a imagem que o público inglês faz da cantora. «Agora está tudo estragado» — queixa-se Mary, fazendo beicinho. Mas autorizou os repórteres a fotografarem-na com o marido, à chegada a Londres.

Anabela não sai da casca

Anabela, a grande revelação de «Saídas da Casca», é uma genuina estrela do teatro de revista, mas, por enquanto, só os empresários e os autores não sabem disso. Agora que uma nova revista vai entrar em ensaios no ABC, entrevistámos Anabela sobre a sua carreira e os seus projectos. Mas ela não saiu da casca: preferiu não emitir opinião sobre nada, para não ferir susceptibilidades nem dar a entender que tem a noção exacta do seu indiscutível talento. Não quis sequer falar sobre as músicas «quadradas» que canta em «Saídas da Casca». E quando disse alguma coisa, advertiu: «Velá se põe isso no jornal».

Esta guerra liquidou o neutralismo



A guerra entre a Índia e o Paquistão liquidou a política do não-alinhamento levantada pelos países do Terceiro Mundo em Bandung. O mundo bipolar URSS/EUA acabou: a China entrou na liça, disposta a combater a hegemonia soviética. Mas, por agora, Moscovo oferece dinheiro, e Pequim os pensamentos de Mao. (Artigo de André Fontaine nas páginas 12 e 13)

Nas ruas de Jessore os guerrilheiros do Bangla-Desh comemoram a conquista da cidade

RELAÇÃO DA FESTA DE TOUROS NO ANO DE GRAÇA DE 1971

Mas onde estão os toureiros?...

Texto de ROGÉRIO PEREZ

Da relação da festa de touros em 1971, como na de 1752, consta a celebrada pelo Senado Municipal com carros triunfais. E mais festas se deram no Campo Pequeno, como as da Imprensa e dos Toureiros, as da empresa, bem orientada por Manuel dos Santos, que até ao Far-West levou o espectáculo, com pegadores portugueses, amadores dos vários grupos de valentes.

Menos feliz foi a empresa da Monumental de Cascais, que apenas conta com os turistas e os banhistas, mas Nuno Salvação Barreto não treme na cadeira ortopédica em que se tem de deslocar até outras das suas praças. E muito melhor sorte não teve a de Santarém, que as lotações das monumentais são difíceis de esgotar, mas a Maestranza ribatejana deu-nos uma indicação para o Prémio da Imprensa ao classificar o cavaleiro José Maldonado Cortes, que este ano deu um salto, o «espada» Ricardo Chibanga e o pegador João Cortes, do Grupo de Montemor.

E festa de touros nos proporcionou o sr. dr. Fernando Salgueiro, que na sua bela propriedade da Azeveda antecipou as tentas de 1972 para satisfação de numerosos convidados e exibição de seu filho, o bom cavaleiro Andrade Salgueiro, herdeiro dos irmãos Salgueiros e Andrades, dos quais também fomos amigos.

Enfim, de maneira geral foi animada a temporada de 1971, que a população aumentou, e os automóveis também, tantos que já morrem mais toureiros na estrada que na arena.

De todos os toureiros demos as nossas impressões oportunamente, e dos que andaram por Espanha merece distinção José Samuel Lupi, que com os Peralta e o jovem Domecq bateu o «record» de êxitos, seguido à distância pelo já referido Maldonado Cortes, por Alfredo Conde, irmão do grande Manuel, Ribeiro Teles e Manuel Jorge.

Pelo México andaram os «espadas» Fernando Santos e Rosinhano, que ali recebeu alternativa de matador.

PICAR SEM MATAR

Quando se defende a conservação de todas as espécies não poderá desaparecer a do touro bravo, a que no fim de cada corrida há que dar a morte que a sua bravura merece, em plena luta e não no vilipêndio do matadouro, amarrado à coluna.

Enfim veremos o que acontece com o touro de 1972, que terá a idade própria, da qual nos fala o regulamente português, que apenas trata do peso, o que menos importa desde que o touro tenha boa presença.

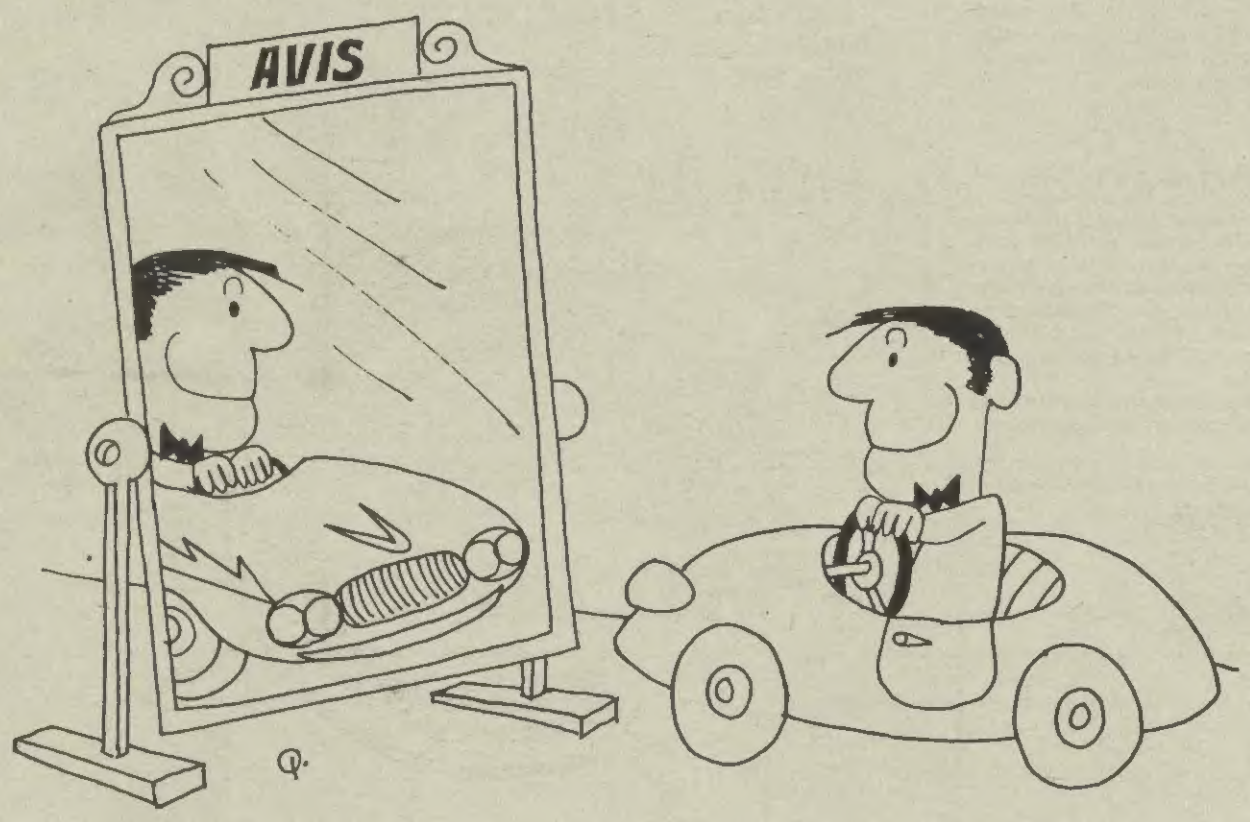
Em Espanha trata-se também da desaparição do corte das pontas das hastes, mas sempre haverá artimanhas para que o toureio se mantenha no seu pseudo brilho. Diz o dr. Victoriano de la Serna, doutor em Medicina e Tauromaquia, que «é uma monstruosidade dizer-se que hoje se toureia melhor que nunca», e acrescenta: «Os touros criavam-se livres, no campo, e desenvolviam força e musculatura. Quando chegavam às arenas tinham cinco anos. Agora, criados em pouco terreno, não se movem, não fazem exercício. Podem estar gordos, mas fofos, carentes de musculatura, pelo que, enquanto tomam uma vara, já se não aguentam.»

E dos toureiros de Espanha traduzimos o que lemos em «El Ruedo», o vibrante semanário madrileno: «Há muitos, mais que nunca, mas a quantidade não está de acordo com a qualidade». E acrescenta: «É difícil recordar o nome de todos e difícil citar as diferenças, mesmo entre os vinte que, entre mais de uma centena, ocupam os primeiros postos. Uma das mais graves ameaças está na monotonia, derivada da semelhança entre a forma e o estilo da maioria. Tomaram alternativa mais trinta novilheiros, a maioria sem preparação.»

E da abundância, e da natural preferência pelos de cada terra, foi vítima o nosso José Falcão - dizemos nós que ainda confiamos no toureiro de Vila Franca.

Isto em Espanha, que em Portugal mantemos o que vimos escrevendo há mais de meio século: picar sem matar, não! E dos cavalos dos picadores, olhos e ouvidos tapados para não ver nem ouvir, mantemos também a defesa que já levámos à tribuna da Casa da Imprensa. Contra o que se pode supor, não somos cruéis, e mais que afeiçoados à festa de touros somos irmãos de S. Francisco de Assis, que até ao lobo chamava irmão.

Se tem o seu carro bem estimado, a única diferença que notará num carro da Avis, é que provavelmente será mais novo!...



E se calhar mais bem lavado... que o seu. E se calhar com mais gasolina... que o seu. E se calhar... É evidente que assim tem de ser. Nós vendemos um serviço — é preciso que seja impecável para que você o aprecie tanto que volte a procurar-nos. Desta maneira progredimos para sermos, no aluguer de automóveis, os melhores. Ponha-nos à prova. Apostamos consigo que ficará cliente. Como apostamos que o carro da Avis que o espera terá menos quilómetros... que o seu.

Lisboa — Av. Praia da Vitória, 12-C — Telef. 56 11 77
Porto — Rua Guedes de Azevedo, 125 — Telef. 3 59 47
Faro — Rua Horta Machado, 42 — Telef. 2 45 38

PUBLIFIRMA

AVIS
ALUGAMOS AUTOMÓVEIS

Informamos a Exmª Classe Médica de que o mercado se encontra abastecido da
VACINA ANTIGRIPAL E ANTICATARRAL

PULMONAR-OM
na nova apresentação bebível, em
caixas de 10 FRASCOS-AMPOLAS de 3 ml.
VERIFICADA PELO INSTITUTO CÂMARA PESTANA

FABRE LINE

para:
NEW YORK e BALTIMORE
n/m. «Helene Roth» em 16 do corrente

para:
NEW YORK — ST. JOHN (NB) — MONTREAL E TORONTO
n/m. «Ede Sottorf» em 26 do corrente

Recepção permanente em contentores

OS AGENTES GERAIS:
SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 — LISBOA 2
TEL. 366056 362266 — PORTUGAL
AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.

ANABELA
não sai da casca

Anabela defende-se: não tem opinião sobre coisa alguma

A partir das 21 e 30, aos domingos e feriados especialmente, anda-se com uma certa dificuldade nas pequenas artérias do Parque Mayer, àquela hora repletas de gente, que à porta dos restaurantes ou à saída dos «matraquilhos», aguardam pacientemente o início das primeiras sessões de revista.

No teatro ABC, onde semanalmente se realiza o programa Canal 13, prosseguem entretanto, com boas casas as representações da revista «Saídas da Casca» que há mês e meio aproximadamente, foi muito bem recebida pela crítica. Um dos aspectos mais salientes deste espectáculo foi a actuação de Anabela, que com pouca experiência de palcos de revista, consegue marcar pontos, vendo subir ràpidamente a sua cotação teatral.

«Desculpe, são só cinco minutos. É o tempo de mudar de cabeleira e de me preparar para o próximo quadro». Foram estas as primeiras palavras que lhe ouvimos, quando a procurámos no seu pequeno camarim. Tinha apenas quinze minutos para conversar. Depois Anabela teria de se arranjar para o último quadro do primeiro acto.

AMBIÇÕES

Estreei-me na revista com um pequenino apontamento no espectáculo «Esta Lisboa que eu amo». Foi uma coisa mínuscula, quase ninguém deu por isso. Mas eu gostava muito de fazer teatro, e acabei por me ligar à companhia de Henrique Santana, com a qual estive durante quatro anos. Foi uma experiência razoável para mim que tinha começado havia pouco tempo. Depois mudei de ambiente e fui para o teatro de revista fazer as «Frangas na Grelha» para todos os efeitos o meu primeiro contacto a sério com a revista. Apesar de não ter papéis de tanta responsabilidade como tenho aqui, já foi uma experiência agradável, até porque me deu a possibilidade de fazer esta revista nas condições em que a estou a fazer». Anabela fala com um grande sorriso nos lábios meticulosamente pintados. Calcula bem as palavras que diz; tem as frases todas bem medidas. Está numa situação em que não vale a pena arriscar, um milímetro só que seja. Quando o seu nome for o primeiro do cartaz, o mais iluminado, poderá então dizer, sem temores, tudo o que pensa e sente sobre o que profissionalmente a rodeia.

«Estou muito satisfeita com o meu trabalho e parece-me que o público e a crítica também não desgostaram. O público, então, tem sido excepcional. Para uma pessoa que está pràticamente no princípio é muito agradável sentir-se apoiada pelo público. É o maior dos estímulos».

Uma vez que o trabalho realizado até este momento, não tem desiludido ninguém, Anabela espera ter bons números na próxima revista, que a nova parceria do ABC (Eduardo Damas e companhia) preparam a todo o vapor. Os ensaios começam já amanhã.

«Calculo que me vão dar coisas melhores do que as que tive no espectáculo anterior. Acho que dei boas garantias, por isso talvez os números agora sejam melhores».

Continua a sorrir e a pesar bem as respostas. Tudo o que foi dito fora do lugar pode suscitar más interpretações. E não convém. Fala-nos entretanto dos seus projectos:

«Gosto muito de fazer revista. Acho que é um sector do teatro onde as pessoas se sentem realizadas, mas não penso ficar por aqui muito tempo. Sinto que mereço mais e tenho possibilidades de voltar à comédia a sério. Suponho até que vou voltar muito brevemente». Quererá isto dizer que Anabela já recebeu convites de outras companhias, (Vasco Morgado deve estar atento!). Tudo leva a crer que sim. Mas não chegamos a ter resposta, não satisfaz de modo algum a nossa curiosidade. Não convém arriscar...

«Convites? Bem... prefiro não responder. O que lhe posso dizer é que continuo no ABC, pelo menos até terminarem as representações da próxima revista»

TEATRO

Que opinião tem Anabela, como actriz de revista, sobre o teatro que por cá se vai fazendo?

«Sabe? Há tantas opiniões, diz-se tanta coisa sobre isso. Fala-se tanto de teatro sério, de teatro comercial e de outras coisas complicadas, que é muito difícil as pessoas terem opinião formada sobre isso. Para já tenho impressão que é preciso fazer teatro sério - quanto mais melhor - mas para que ele seja feito é necessário que esteja por trás o teatro comercial a aguentá-lo. Doutro modo as coisas não resultam. Acho que o público e os próprios actores merecem teatro com pés e cabeça, mas ele só será possível se forem o teatro de revista e a comèdiazinha de «boulevard» a pagá-lo. Anabela referia-se certamente ao sitema de funcionamento dos teatros explorados por Vasco Morgado. Mas sempre é melhor não referir nomes por causa da publicidade...

Disseram os responsáveis que «Saídas da Casca» seria em muitos aspectos uma revista «revolucionária». Anabela tem também opinião sobre isso, mas prefere não se alargar exageradamente:

«Acho que «Saídas da Casca» veio inovar, mas creio que ainda não chega. É preciso revolucionar por dentro. Suponho no entanto que isso não será possível, pois o público continua a gostar das coisas tal como estão, e, sem a colaboração dele não se poderá fazer muita coisa».

MÚSICA

Como Anabela por momentos conseguira abandonar a sua constante posição de defesa arriscámos: gosta da música que aqui vos dão para cantar, no teatro de revista? Novamente um sorriso malicioso no lugar da resposta e meia dúzia de palavras para iludir a pergunta:

«Ah! a música! às vezes não me adapto muito bem. Por vezes as melodias não me agradam nada. Tenho a vantagem de ser afinadinha, mas tenho pouca voz. Sobre isto não tenho mais nada para lhe dizer»... se calhar até tinha.

Quando uma pessoa tem no teatro uma brusca ascensão, e vê subir ràpidamente a sua quotação profissional há muita «dor de cotovelo», muita «raiva de dentes» na vizinhança. Mas Anabela não sentiu nada disso. Antes pelo contrário...

«Os meus colegas têm sido maravilhosos. Se falam bem ou mal de mim pelas costas, não sei, não estou lá para ver. O que lhe posso garantir é que são sempre os primeiros a aplaudir o meu trabalho».

Sobre o futuro do teatro de revista e sobre a utilidade dele só mais duas palavras:

«Se tem futuro ou não, não sei, o que sei é que continuamos a ter público e isso já quer dizer qualquer coisa. Para além disso, acho que o teatro de revista só serve para divertir e que mesmo com piadas políticas à mistura as pessoas querem é «gozar» e sair daqui bem dispostas. É para isso que pagam quando cá vêm.

A saída disse-nos ainda, quando se preparava para entrar em cena **«Veja lá o que é que escreve sobre a música. Olhe que sobre isso até nem tenho opinião...»**

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

5.° CONCERTO
16 DEZEMBRO 1971 ÀS 21.45 H.
Grupo B — 10 anos
19 DEZEMBRO 1971 ÀS 16 H.
Grupo A — 6 anos

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA
Dirigida por MANUEL IVO CRUZ
Nella Maissa — Piano

3.° CONCERTO BRANDEBURGUÊS
BACH

CONCERTO PARA PIANO E ORQUESTRA
(NOVA VERSÃO ORQUESTRAL)
— 1.ª AUDIÇÃO
ARMANDO JOSÉ FERNANDES

7.ª SINFONIA
BEETHOVEN

BILHETES DESDE 12$50

TEATRO
TODAS AS NOITES
ÀS 21.30 H.
Grupo D — 18 anos
(Excepto às 5.as-Feiras)

A SALVAÇÃO DO MUNDO
TRAGICOMÉDIA EM 3 ACTOS DE
JOSÉ RÉGIO

Encenação de COSTA FERREIRA
Cenários e Figurinos de ARTUR CASAIS

Elenco (por ordem de entrada em cena)

JOÃO LOURENÇO — CARLOS SANTOS
ÁLVARO BENAMOR — FERNANDA FIGUEIREDO
JOAQUIM ROSA — ANDRADE E SILVA
ROLANDO ALVES — GILBERTO GONÇALVES
HUGO CASAIS — COSTA FERREIRA
EUNICE MUÑOZ — DÁRIO DE BARROS
M.ª DE JESUS ARANDA — MARIA JOÃO GALOPE
LUIZ MACHADO — JORGE DE SOUSA COSTA
CARLOS CABRAL — e
BAPTISTA FERNANDES — PAULO SARAIVA
MÁRIO SARGEDAS — CARLOS BARRELA
BRANCO ALVES — MANUEL DUARTE MOREIRA
VICTOR DE SOUSA — CARLOS ROCHA

BILHETES DESDE 15$00

porque não?

PORQUE NÃO
ARTIGOS NÁUTICOS
PARA OS SEUS
PRESENTES DE
NATAL?

Porque não, se quizer presentear alguém que de algum modo esteja ligado a actividades náuticas?

Nós ao sugerir-lhe para os seus presentes de natal ARTIGOS NÁUTICOS, pomos ao seu dispor uma vasta gama de artigos e acessórios capazes de satisfazer, tanto o simples entusiasta como o mais exigente desportista.

Visite os nossos Stands

NÁUTICA, BELLO & FILHO, S.A.R.L.

Escritórios Av. Fontes Pereira de Melo, 14 - Telf. 59 17 1/6 - Lisboa 1

Stands Av. da Liberdade, 66-68 - Telf. 32 69 31 - Lisboa 2 Trav. da Praça, 4 - Belém - Telfs. 63 61 54 - 63 79 70 - Lisboa 3

Richard Burton como Tito não agrada aos jugoslavos

Por DAN MORGAN (Exclusivo «The Washington Post/«DL»)

BELGRADO — Já está a suscitar grande polémica na Jugoslávia o filme «Sutjeska», em que o actor inglês Richard Burton desempenha o papel de Tito como líder revolucionário durante a segunda Guerra mundial.

As cenas iniciais da película foram apenas vistas até este momento por meia dúzia de generais e um reduzido grupo de críticos locais. O filme está ainda a ser rodado com um «cast» composto por centenas de pessoas, nas montanhas da Bósnia, que não são agora muito mais acessíveis do que em Junho de 1944, quando 20 mil «partisans» romperam miraculosamente o bloqueio germânico, com tremendas baixas.

Alguns críticos destacados e argumentistas de nomeada declaram entretanto, pùblicamente, que o Tito de Burton pouco ou nada tem a ver com a imagem que os homens da resistência tinham do seu líder.

Tito, tal como surge no filme, é frequentemente descrito como «inflexível e duro» (segundo o crítico de cinema da revista **Politik**, Milutin Colic), ou «dramàticamente activo e dictatorial» (o realizador jugoslavo Dejan Djurkovic). O argumentista italiano Ugo Peri, que esteve temporàriamente ligado à realização do filme, declarou numa entrevista a um magazine italiano que o filme apresenta os **partisans** como «homens-modelo» e não como seres humanos.

O custo exorbitante do filme inspirou inúmeras anedotas, que circulam agora nos cafés de Belgrado. Numa delas afirma-se jocosamente que a imitação deve sair mais barata que o original.

Burton e sua mulher Elisabeth Taylor (que apesar das especulações não chegou a desempenhar o papel de mulher do líder) partiu de Belgrado há cerca de um mês. O actor, muito prudentemente, declarou que o papel é «um enorme desafio».

Alguns actores jugoslavos queixam-se, porém, da distância ostensivamente mantida por Burton em relação a eles e principalmente do facto de o actor ter levado consigo um criado para lhe servir as bebidas nas montanhas da Bósnia. Foi sempre transportado por um helicóptero militar e chegou a deslocar-se no seu iate particular para alguns locais de filmagem.

O actor britânico Michael Hordern declarou em defesa do casal Burton: «Eles são uma espécie de realeza. Construiram à sua volta uma muralha para melhor se protegerem».

Hordern encontra-se na Jugoslávia para desempenhar um importante papel no filme «England Made Me», baseado numa novela de Graham Green.

Sutjeska, que é o nome dum rio da Bósnia, é uma palavra legendária no panteão das proezas revolucionárias. No dia 9 de Junho de 1943, Tito e os seus homens estavam a tentar furar o cerco alemão quando foram bombardeados. O próprio Tito foi ferido no braço esquerdo, e o seu cão morreu. Na sua companhia encontravam-se então os majores Deakin e Stuart, membros da missão britânica enviada por Churchill à Jugoslávia. No filme estes papeis são desempenhados por dois actores jugoslavos, Petar Banicevic e Relja Basic, respectivamente. Os dois oficiais lutaram enquanto foi necessário e no fim de Junho conseguiram evadir-se com o auxílio dos revolucionários e do próprio Quartel General.

O realizador jugoslavo Djurkovic declara num memorandum sobre o filme que Tito é retratado como «um homem sem dilemas que parece muito mais empenhado em estudar mapas do que em privar directamente com os seus homens». Posteriormente, numa entrevista ao semanário «Nin», Djurkovic propôs que o filme seja totalmente refeito com o auxílio de consultores militares e que o realizador Stipe Delic seja substituído por outro «mais competente».

no inverno da cidade do rio azul
um hovercraft
leva-o para férias

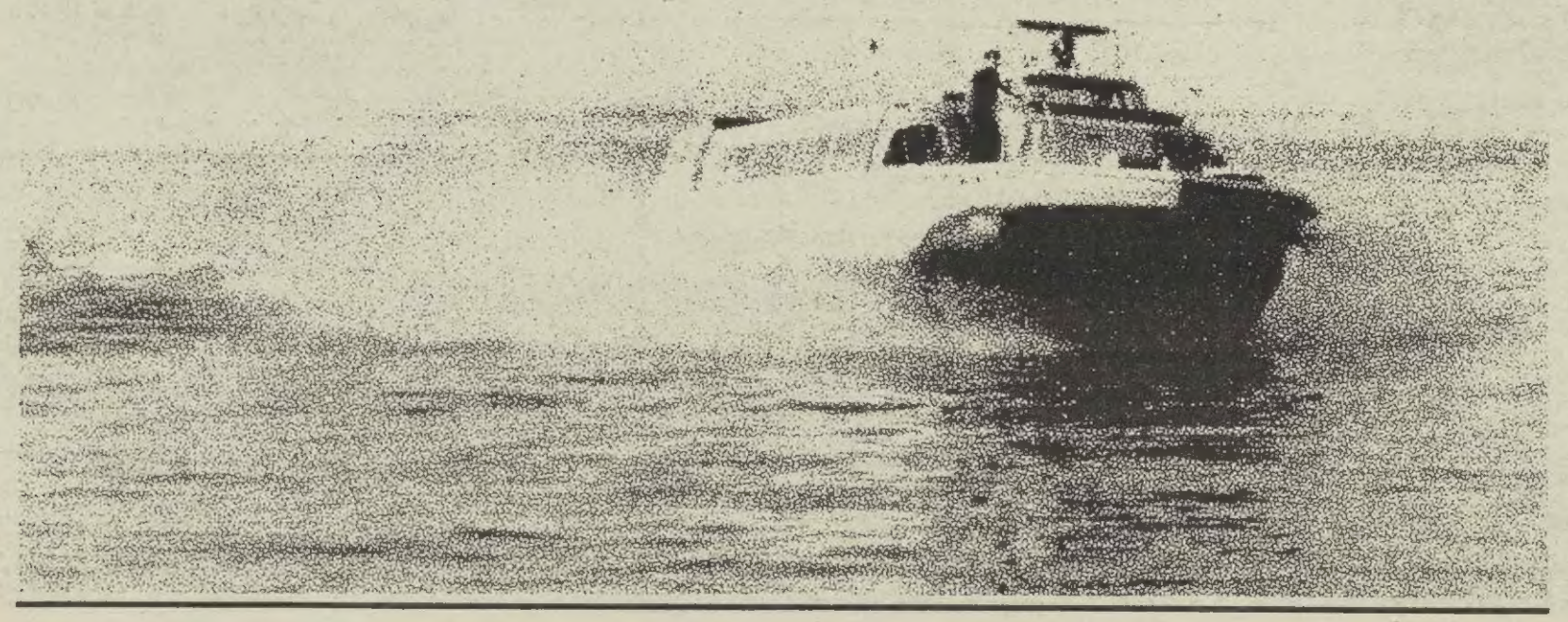
Vá a TROIA e almoce ou jante no Restaurante TROIAMAR

HORÁRIO DOS «HOVERCRAFTS»

SETÚBAL
8.15 - 9.30 - 11.00 - 12.00 - 12.30 - 13.00 - 14.30
15.00 - 17.30 - 18.00 - 18.30 - 19.00 - 20.00 - 20.30 - 22.00

TROIA
8.30 - 9.45 - 11.45 - 12.15 - 12.45 - 13.15 - 14.45 - 15.15
17.45 - 18.15 - 18.45 - 19.15 - 20.15 - 21.30 - 23.00

TORRALTA
UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS



ANTENAS

PARA RÁDIO
E TELEVISÃO

INDIVIDUAIS
E COLECTIVAS

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

DL sho

«O Inferno», Santareno, está n de Vasco Morgad produzir a peça co pe e Céu Guerra n papéis. Mas pare Guerra se sente n ABC e não prete lá. Com o que c Humberto Cunha ponto, d de três.

O ral e convidado a deslo glaterra, a fim de XVIII Festival Fol nacional de Lidmo realizado de 27 d de Agosto do próx nindo grupos de v europeus.

Atenção, d crianças: já saiu, Estúdio, «Fábulas ne» (A Raposa e Pastor Mentiroso, o Leão e O Lobo e na interpretação sé, Saudade dos mundo Falé, Ju Graça Vitória e An va.

Os filmes por Destino Marca a Maluquinha de Ar exibidos no Grém de Ludlow, Massa sessão especialm da à comunidade l na residente na reg

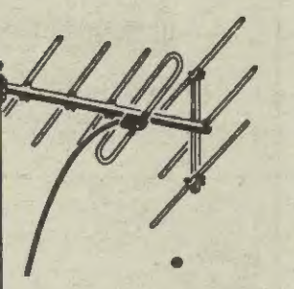
Santos Manue mendador de «Fue de Lope de Vega, Experimental de C a direcção de Ca apresentará no Gi fins de Janeiro.

AC
opo

For
Só uma T
E nós tem
a TRANS
de negóc
LI
av. da

Belgrado. Numa delas afir-se jocosamente que a imi-ão deve sair mais barata o original.
urton e sua mulher Elisa-n Taylor (que apesar das es-ulações não chegou a de-penhar o papel de mulher íder) partiu de Belgrado há ca de um mês. O actor, mui-prudentemente, declarou o papel é «um enorme de-o».
lguns actores jugoslavos ixam-se, porém, da dis-cia ostensivamente mantida Burton em relação a eles rincipalmente do facto de ctor ter levado consigo um do para lhe servir as bebi-nas montanhas da Bósnia. sempre transportado por helicóptero militar e che-a deslocar-se no seu iate icular para alguns locais ilmagem.
actor britânico Michael dern declarou em defesa do al Burton: «Eles são uma es-ie de realeza. Construiram ua volta uma muralha para hor se protegerem».
ordern encontra-se na Ju-lávia para desempenhar um ortante papel no filme «En-od Made Me», baseado nu-novela de Graham Green.
utjeska, que é o nome dum da Bósnia, é uma palavra endária no panteão das ezas revolucionárias. No 9 de Junho de 1943, Tito s seus homens estavam a ar furar o cerco alemão ndo foram bombardeados. próprio Tito foi ferido no ço esquerdo, e o seu cão reu. Na sua companhia en-travam-se então os majores kin e Stuart, membros da são britânica enviada por rchill à Jugoslávia. No fil-estes papeis são desempe-dos por dois actores jugos-s, Petar Banicevic e Relja ic, respectivamente. Os oficiais lutaram enquanto necessário e no fim de Ju-conseguiram evadir-se o auxílio dos revolucio-os e do próprio Quartel Ge-al.
realizador jugoslavo Djur-c declara num memoran-sobre o filme que Tito é atado como «um homem dilemas que parece muito empenhado em estudar as do que em privar direc-ente com os seus homens». teriormente, numa entrevis-o semanário «Nin», Djurko-propôs que o filme seja to-ente refeito com o auxílio consultores militares e que ealizador Stipe Delic seja stituído por outro «mais petente».

ANTENAS



PARA RÁDIO
E TELEVISÃO

INDIVIDUAIS
E COLECTIVAS

JF
DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
L. 654165 * LISBOA

DL show

ooo

«O Inferno», de Bernardo Santareno, está nos projectos de Vasco Morgado, que quer produzir a peça com Sinde Filipe e Céu Guerra nos principais papéis. Mas parece que Céu Guerra se sente muito bem no ABC e não pretende sair de lá. Com o que o empresário Humberto Cunha marca um ponto, d[illegible]de ter perdido três.

O [illegible].órico, Cultural e F[illegible] do Funchal foi convidado a deslocar-se a Inglaterra, a fim de participar do XVIII Festival Folclórico Internacional de Lidmouth, que será realizado de 27 de Julho a 4 de Agosto do próximo ano, reunindo grupos de vários países europeus.

ooo

Atenção, discos para crianças: já saiu, pela etiqueta Estúdio, «Fábulas de La Fontaine» (A Raposa e as Uvas, O Pastor Mentiroso, o Cavalo e o Leão e O Lobo e o Cordeiro), na interpretação de Maria José, Saudade dos Santos, Edmundo Falé, Julia Chaves, Graça Vitória e Andrade e Silva.

ooo

Os filmes portugueses «O Destino Marca a Hora» e «A Maluquinha de Arroios» foram exibidos no Grémio Português de Ludlow, Massachusets, em sessão especialmente dedicada à comunidade luso-americana residente na região.

ooo

Santos Manuel será o Comendador de «Fuenteovejuna», de Lope de Vega, que o Teatro Experimental de Cascais, sob a direcção de Carlos Avilez, apresentará no Gil Vicente em fins de Janeiro.

ooo

Depois da digressão que realizaram por Angola e Moçambique, o cantor brasileiro Nilton César e o seu conjunto «Zappatons» actuaram anteontem na sala de espectáculos da Harrington School, em Cambridge, EUA, tendo sido muito aplaudidos. Nilton César deverá voltar antes do fim do ano a Lourenço Marques e espera, também, ter ocasião de apresentar-se em Lisboa. Depende de Vasco Morgado, que até agora não se manifestou.

ooo

Na sua colecção de Dezembro, a Estúdio lança um EP gravado pela fadista Tina Santos, incluindo «Não Vou Deixar», «Interrogo-te ó Vida», «Fado para um Regresso» e «Nove Milhões de Guitarras». Acompanhamentos pela orquestra de Rocha Oliveira, com a colaboração de Armandino Maia à guitarra.

ooo

Por iniciativa de programa «Ecos de Portugal», actuou no teatro de Somerville, Massachusetts, o grupo de artistas que levou para os emigrantes portugueses nos Estados Unidos e no Canadá a revistinha de bolso, «Cá Vai Lisboa a Cantar». Do elenco faziam parte Leónia Mendes, Luis Horta (que já regressou a Lisboa), Carmem Mendes e Fernanda Diniz.

ooo

No quadro de actividades culturais que acompanham a apresentação de «A Salvação do Mundo», de José Régio, o Teatro Municipal de São Luis distribuiu aos espectadores, ao preço de um programa vulgar, o texto integral da peça, além de três pequenos artigos sobre o espectáculo, três textos do próprio Régio sobre teatro, uma antologia crítica e ainda uma cronologia das edições e representações da dramaturgia regiana. Um dos artigos, da autoria de Fernando Midões, evoca a noite em que, após a estreia, por um grupo cénico académico de «A Salvação do Mundo», Régio dançou «nos braços de Márcia Condessa», no restaurante típico desta fadista.

Tina Santos

Mais uma baixa no ABC: Rui Mendes, uma das grandes atracções de «Saídas da Casca», não fará parte do elenco da nova revista que Fernando Avila, Carlos Coelho e Eduardo Damas estão a escrever para aquele teatro.

ooo

Ada de Castro tem digressão marcada para os Estados Unidos em Março. Será acompanhada pelos guitarristas Nóbrega e Chaínho.

ooo

A estreia de «Tartufo», de Molière, no Monumental, está prevista para os primeiros dias de Janeiro. Os ensaios, sob a direcção do encenador espanhol Marsillac, com a colaboração de Luis Sttau Monteiro, vão ser intensificados a partir de amanhã.

ooo

Três novos cartazes teatrais em Lisboa, na próxima semana: «Um Sonho», de Strindberg, no Vasco Santana, pela companhia de Luzia Maria Martins e Helena Félix; «Tango», de Slawomir Mrozek, no Trindade, pela companhia de Amélia Rey Colaço; e «A Dama das Camélias», uma «charge» à peça de Alexandre Dumas, pela companhia de Dercy Gonçalves, que inclui, além da titular, os artistas Fernando Vilar, Fábio Sabag, Aracy Esteves e Ribeiro Fortes, com encenação de Flávio Rangel e figurinos de Gianni Rato. No Municipal de São Luis continua «A Salvação do Mundo», enquanto prosseguem, sob a direcção de Artur Ramos, os ensaios de «A Mãe».

Lobito já prepara novo festival de cinema amador

Está marcada para os dias 9 e 12 de Março do próximo ano a realização das sessões de projecção dos filmes admitidos ao II Festival Internacional de Cinema Amador do Lobito. A organização, complexa e dispendiosa, só é possível mercê do interesse especial que a ACâmara Municipal do Lobito dedica a esta iniciativa, subsidiando-a práticamente na totalidade, e também do entusiasmo da Secção de Cinema de Amadores da Casa das Beiras do Lobito, a quem está entregue o certame que, em princípio, se efectuará de dois em dois anos.

A repercussão alcançada internacionalmente pelo I Festival levou os organizadores a solicitar novas colaborações quer financeiras quer humanas. Assim, para o Festival de 72, serão patrocinadores, além da Câmara do Lobito, a Companhia de Caminho de Ferro de Benguela e a Union des Cineastes Amateurs Huitistes Mundiaux, através do seu delegado em Portugal, sr. Aguinaldo Machado, reforçando-se também a organização com o trabalho conjunto das secções de Cinema Amador da Casa das Beiras do Lobito, membro da respectiva Federação Portuguesa, e do Lobito Sport Clube.

REPERCUSSÃO

Os trabalhos da Comissão Executiva, presidida por José Maria Brandão de Brito, iniciaram-se em Outubro e, desde então, foram expedidas cerca de 840 cartas na cobertura dos cinco continentes, um sistemático e exaustivo programa de divulgação. Os frutos já começam a sentir-se, pois estão a chegar ao Lobito, por dia e em média, duas cartas de interessados, solicitando informações sobre o Festival.

Como nota curiosa, regista-se que a Comissão Organizadora utilizou na sua correspondência nada menos de sete línguas diferentes, com originalidade de duas delas: o Japonês e o Lituano.

Os pedidos de informação devem ser dirigidos a «III Festival Internacional de Cinema Amador do Lobito», Caixa Postal n.º 1367, Lobito, Angola.

OPINIÕES

Entre os elogios recebidos pelos organizadores do último festival, destacam-se os de A. Macijauskas, da Lituânia, URSS, que escreveu: «Fiquei bastante admirado ao notar o índice de cultura atingido pela organização do vosso Festival». De Itália, Giorgio Occhiodoro escreveu: «Felicito-vos pelo brilhante sucesso do vosso Festival e sua perfeita organização». Do Canadá, disse Jaime Campabadal: «Felicito-os pela boa organização, a melhor de quantos concursos em que tomei parte». De Moçambique, Henrique Guedes Pinto realçou «o esmero e eficiência» que notou em todos os pormenores e agradeceu o acolhimento prestado a todos os concorrentes.

Os organizadores do I Festival partem assim para o II com a certeza de que devem ultrapassar o trabalho feito da vez anterior, para continuarem a merecer as boas palavras que lhes foram endereçados por tão prestigiosos cineastas amadores.

AGARRE esta oportunidade

Ford Transit

Só uma **TRANSIT** agarra outra **TRANSIT.**
E nós temos, PARA ENTREGA IMEDIATA,
a **TRANSIT** que lhe convém ao seu tipo
de negócio

LINCURI
av. da república 32 lisboa
tel 77 7091

Luso Eléctrica

MARINHA

EQUIPAMENTO GERAL PARA NAVIOS
DESTINADO A:

CONSTRUÇÃO
CONVÉS
ILUMINAÇÃO
NAVEGAÇÃO
PROTECÇÃO E SEGURANÇA
PROPULSÃO
REPARAÇÃO
SOBRESSALENTES
SERVIÇO AUXILIAR

Sociedade Luso Eléctrica Limitada

LISBOA ★ PORTO

NOVO CASINO ESTORIL
TELEF. 264521

SALA DE JOGOS
todos os dias
das 15 às 3 horas

SLOT MACHINES
acesso livre
maiores 21 anos

PUBLIMPAR

les ballets de GEORGES REICH

STELLA STARR
vedeta da Rádio
e da TV alemã

TORENO ilusão e fantasia

LENITA GENTIL "Os Beatnick's"
Jirina's Combo Ferrer Trindade e sua Orquestra
Caprice Lenoire SÓ NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H
Grupo D / Maiores de 18 anos)
NO WONDER BAR A 1,0H maiores de 21 anos

SALMOS DE STRAWINSKY

Com encenação de Águeda Sena e realização plástica de Artur Casais, continua no Gil Vicente, de Cascais, a «Sinfonia dos Salmos», com música de Strawinsky e textos compilados por Mário Viegas. Entre os intérpretes: Augusto Leal, João Vasco, Lia Gama, Duarte Vilar e Orlando Costa. Completam o espectáculo a «Sinfonieta», de Tardieu, e «Acto Sem Palavras», de Beckett

NUNO MARTINS: rádio a sério é um exercício subtileza

Nuno Martins, Prémio da Imprensa de Rádio em 1970, voltou à actividade, de um intervalo de um ano e três meses sem um trabalho regular no campo radiofónico. Ele é, actualmente, o responsável por uma hora dentro do «Espaço 3P» __ entre as 9 e as 10 horas todos os dias, na FM do Rádio Clube Português.

Estivemos na cabina 2 do RCP e assistimos ao vivo a uma hora de Rádio feita com pés e cabeça (muito mais com cabeça!) por um homem que encara a actividade e o próprio fenómeno radiofónico com uma clareza de conceitos e um sentido das realidades que é raro encontrar no nosso meio. Ele trabalha com um ficheiro impecável, com uma preparação prévia que não admite falhas. Ou que as admite, se quiserem. Mas que não lhe agradam, e é por isso e pelo mais que adiante se verá, que a Rádio que Nuno Martins faz é uma Rádio a sério.

REGRESSO EM FM

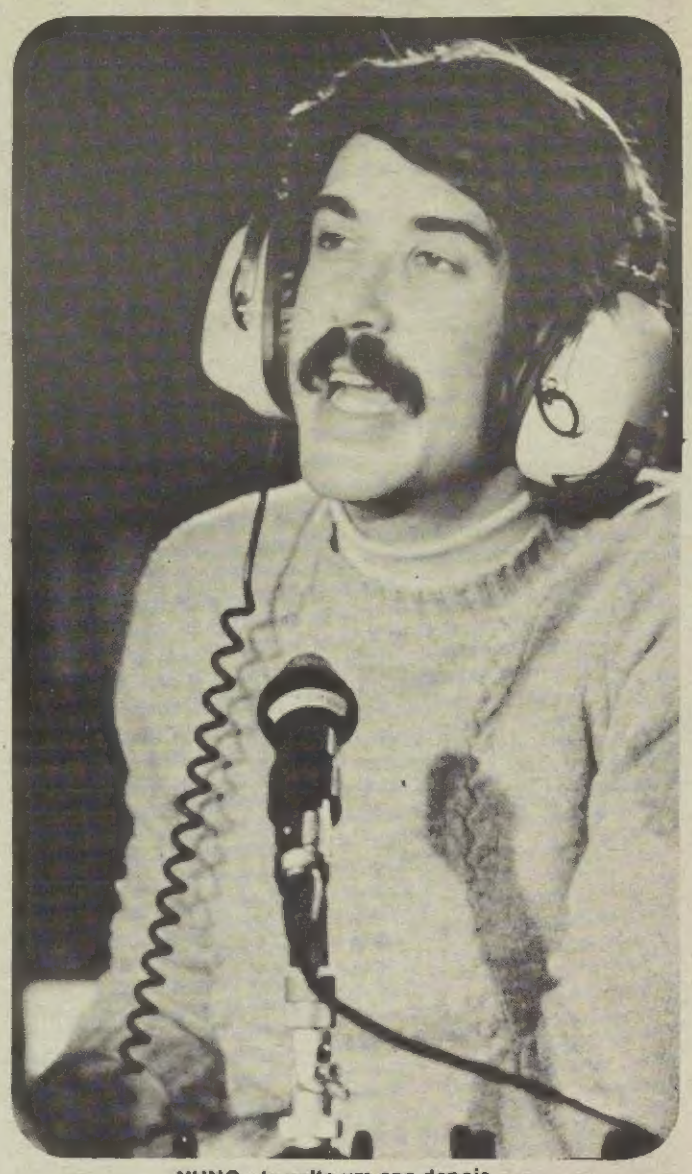
Que significa, para Nuno Martins, este regresso?

__ **«Quando estive no Raid Paris-Persipolis-Paris, houve um dia em que tive saudades. Estávamos perto de Ancara (Turquia). Conheci pessoalmente, durante o Raid, Michel Lancelot (emissão Campos, Europa 1), que eu considero meu mestre, e que ouvia quase diàriamente desde Abril de 68. Isso o arranque para o meu regresso. Cheguei a Lisboa cheio de saudades de Rádio. Eu tinha necessidade de regressar».**

Porquê Frequência Modulada?

__ **«A onda média é a onda dos detergentes e dos voos comerciais. E se a FM é a onda «rica», das pessoas que podem comprar um rádio compatível, ela é, também, a onda que possibilita uma melhor Rádio, muito diferente em Portugal e no estrangeiro, onde a FM é a onda que se ouve quando se quer ouvir boa Rádio.»**

Texto de NUNO GOMES DOS SANTOS



NUNO: de volta um ano depois

Como surgiu a hipótese «Espaço 3P»?

__ **«Eu tinha necessidade de fazer Rádio e tinha, também uma responsabilidade que me vinha, por exemplo, do Prémio da Imprensa. Queria fazer uma coisa que se situasse frontalmente, nos seus devidos termos. A FM era o ideal para tratar a Música como expressão de uma nova cultura e decorrente dela. O Joel Nelson e as pessoas do «Vector» perceberam, ao mesmo tempo, a minha necessidade de ganhar dinheiro e de fazer esta Rádio».**

O PROGRAMA

«Começou no dia 1 de Dezembro», ia dizendo o Zé Nuno Martins.

«Tenho uma hora em que posso realizar o que penso ser a tarefa mais adequada, uma Rádio coerente. Estou com os pés assentes na terra. Não tenho grandes ilusões sobre o que estou a fazer, nem sei, sequer, a audiência que tenho. Mas procuro chamar a atenção das pessoas para um fenómeno social que é transmitido por canções e por textos».

Constatámos isso mesmo na hora que passámos com Nuno Martins na cabine do RCP onde se fabrica aquela hora de Rádio. Olhando um pouco para trás, não pudemos deixar de notar uma diferença fundamental entre o seu trabalho de agora e o que fazia anteriormente. Vimos, desta vez, um Nuno Martins mais calmo, mais maduro.

«Estou mais contente com o que faço agora do que com o que fazia em Julho e Agosto. Creio que estou diferente e mais, como disse atrás, com os pés assentes na terra.»

Nuno Martins fazia «Rádio televisão», no programa «Pop 25». Terá esse trabalho contribuído, de algum modo, para a sua actual maneira de pensar e de fazer Rádio?

__ **«O «Pop 25» definiu-me um pouco. O que faço agora é mais concreto do que o que fazia nesse programa de televisão. Aí era a sugestão. Agora é a concretização.»**

PROPÓSITOS

__ **«Gostaria de fazer uma Rádio que obrigasse o indivíduo que está a ler o jornal ou a fazer qualquer outra coisa enquanto ouve um programa, a deixar o resto para ouvir, apenas, Rádio. Porque eu quero, essencialmente, transmitir coisas e ideias respeitantes à música e ao resto daquilo que se está a passar agora, num plano de cultura actual que interesse, ou melhor, que deve interessar às pessoas __ prossegue Nuno Martins. Gostaria, ainda, de fazer mesas redondas, debates, etc., utilizando e saboreando a estereofonia. Mas, muito humildemente, parece-me que ainda não me posso aventurar a isso.»**

Qual a Rádio que interessa fazer aqui, neste momento?

__ **«Uma Rádio que informe as pessoas, que seja didáctica, de propósitos. Partindo do princípio de que o radialista é condutor de um público, que tem consciência disso e que está a sofrer, como o ouvinte, uma permanente actualização. Uma Rádio em que as necessidades latentes do ouvinte determinem a Rádio que o radialista faz.»**

Para conseguir isso era preciso muita coisa que não há na nossa Rádio...

«Isto pressupõe, exactamente, muita coisa: desde a permanente actualização dos radialistas, até aos noticiários exactos, desde a divulgação do Teatro bom até à informação estudada do problema do trânsito em Lisboa nas horas de ponta. A Rádio ideal é a determinada pelo ouvinte. Ele, o ouvinte, deve ser o primeiro a não precisar dos programas de discos pedidos ou dos consultórios sentimentais (ou científicos que também os há)»

Mas o ouvinte médio português não é «isso». Portanto...

__ **«É por isso que eu digo que estou a fazer uma coisa com os pés bem assentes na terra. Passo Dylan ou os Beatles porque são temas universalmente aceites e, a partir deles, consigo, dando-lhes uma carga informativa, falar deles a um nível de cultura. Não interessa que eu me limite a passar o disco do Paulo de Carvalho. Passá-lo, apenas, é estar a colaborar com os discos pedidos. É necessário que eu justifique a passagem do disco.»**

Depois da Rádio Universidade, PBX e «Tempo Zip», eis Nuno Martins num novo caminho. No fim da nossa conversa, ainda nos disse:

«Lamento que a Rádio não seja, em Portugal, um tema quotidiano, como é o jornal. Se fosse possível comprar Rádio como se compra um jornal, ninguém comprava Rádio, mas o jornal. Por isso é que a Rádio é, hoje um exercício de subtileza para quem a quer fazer a sério.»

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

Estalagem "A GRUTA DO RIO"
RIO DE MOURO
Telef. 2960535
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

VASCO MORGADO COLABORA CONVOSCO
10% de redução DE PREÇOS SOBRE A TABELA

TEATRO • tel 327493
CAPITOLIO
QUERIDA MAMMA
com CARLOS DUARTE
LAURA ALVES
Todas as noites 21.45 h.
Domingos e feriados 16 e 2 as-feiras repouso da C.ª
11.º MÊS
maiores 17 anos

TEATRO • tel 538586
VILLARET
O aniversário da Tartaruga
com FLORINDA QUEIRÓS e RUI DE CARVALHO
UM GRANDE BALLET INGLÊS
2.as feiras Descanso da Comp
Todas as noites
2-SESSÕES-2
20.45 e 23 h
Domingos e Feriados
à tarde, às 16 h. e
à noite, às 21.45 h.
GRUPO C (M/ 14 anos)

TEATRO • tel 326037
VARIEDADES
HENRIQUE SANTANA
MARIA DULCE
PAULO RENATO
EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO
A COMEDIA «SUCESSO» DE GARGALHADA
2.ª, 3.ª 5.ª feira, 2 .45 h.
6.as e sábados 2 sessões
20.45 e 23 h.
Domingos 16 e 2 .45 h.
4.as feiras descanso da C.ª
Domingos e Feriados «matinées» 16 h.
2.ª feira descanso da C.ª
15.ª SEMANA

TEATRO • tel [illegible]
MONUMENTAL
HOJE ÀS 21.45 H.
3. SEMANA
Grupo D (M.) 18 anos
A OBRA-PRIMA DE
EDWARD ALBEE
QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?
DESEMPENHO DE
JACINTO RAMOS
GLÓRIA DE MATTOS
MÁRIO PEREIRA
ELISA LISBOA
ENCENAÇÃO DE
JOÃO VIEIRA
CENARIO DE
PAULO GUILHERME
2.ª feira
descanso da C.ª
Espectaculo subsidiado pelo Fundo de Teatro

sério za

no depois
propósitos. Partindo do ncípio de que o radialista ondutor de um público, que consciência disso e que a sofrer, como o ouvinte, permanente actualização. a Rádio em que as necessi- es latentes do ouvinte de- minem a Rádio que o radia- faz.»
ara conseguir isso era pre- muita coisa que não há nossa Rádio...
Isto pressupõe, exactamen- muita coisa: desde a perma- te actualização dos radia- as, até aos noticiários exac- desde a divulgação do tro bom até à informação udada do problema do sito em Lisboa nas horas ponta. A Rádio ideal é a erminada pelo ouvinte. Ele, uvinte, deve ser o primeiro ão precisar dos programas discos pedidos ou dos con- órios sentimentais (ou tíficos que também os há)»
Mas o ouvinte médio portu- s não é «isso». Portanto...
«É por isso que eu digo estou a fazer uma coisa os pés bem assentes na a. Passo Dylan ou os Bea- porque são temas univer- nente aceites e, a partir de- consigo, dando-lhes uma ga informativa, falar deles m nível de cultura. Não inte- sa que eu me limite a pas- o disco do Paulo de Carva- Passá-lo, apenas, é estar olaborar com os discos pe- os. É necessário que eu jus- ue a passagem do disco.»
epois da Rádio Universida- PBX e «Tempo Zip», eis o Martins num novo cami- . No fim da nossa conversa, da nos disse:
Lamento que a Rádio não , em Portugal, um tema tidiano, como é o jornal. Se se possível comprar Rádio o se compra um jornal, nin- m comprava Rádio, mas o al. Por isso é que a Rádio oje um exercício de subtile- para quem a quer fazer a o.»

A MOSCA PICA...

Nota de abertura

Lá se foi mais uma semana da única vida que temos. Felizmente porém, e ao contrário do que acontece quase sempre, foi uma semana notável em acontecimentos susceptíveis de nos deixarem felizes, satisfeitos e atufadinhos de esperanças de que o futuro vai ser diferente do passado. Uma notícia que não podemos deixar de referir embora apenas diga respeito aos munícipes de Lisboa e não tenha portanto o carácter nacional respeito à abertura do Teatro Municipal com uma peça, a tantos títulos notáveis, de José Régio. Veio «A Salvação do mundo» do falecido dramaturgo fixo em Portalegre, salvar o teatro português e reanimar quantos já não acreditavam no espírito de colaboração que se está lentamente a revelar em certos sectores da vida portuguesa. Afirmava-se à boca pequena que bastaria dar bom teatro ao povo para que ele o entendesse e amasse e que a crise do teatro era, portanto debelável desde que se colocasse em posições de responsabilidade indivíduos capazes de aliarem o útil ao agradável ou, por outras palavras de porporcionar ao público um teatro simultâneamente cultural e divertido que não ofendesse ninguém, que não chateasse ninguém que não ferisse susceptibilidades e que não fizesse referência a interesses não directamente vinculados à Arte com A grande. O entusiasmo com que o público recebeu a peça estreada no S. Luis, os aplausos com que a crítica a acolheu e, dum modo geral, o optimismo que reina acerca da futura actividade da companhia da Câmara revelam que o teatro português conduzido pelas mãos de quem, desde muito cedo, soube optar pelo bom caminho, está finalmente em vias de recuperação.

Diz um velho rifão que quem não quere ser lobo não lhe veste a pele mas o grave, no que se refere a estas opções de vestuário, é que o carneiro que opta pela pele de lobo acaba por ter de agradar-lhe e por se adaptar aos seus gostos já que - isto parece-nos evidente - os lobos não têm empenho em oferecer pedacitos de carne a quem os não defenda. Para a nova companhia do S. Luis e para todos os que colaboraram na notável escolha desta peça de José Régio, os sinceros parabéns de «A MOSCA» — assim é que é! Do que precisamos é de que o mundo continue a ser salvo e de que não sequem, por falta de apoio camarário, as boas vontades que para aí venham a surgir. E com toda a sinceridade que gritamos: Bis! Bis! Bis! Queremos mais porque tudo vale a pena quando a alma não é pequena... (Para quando «A Salvação do mundo» na TV.? Se ainda não pensaram nisso aqui fica a sugestão da MOSCA porque a montagem desta peça na televisão, além de divulgar a obra desse grande homem de teatro que foi o José Régio teria a vantagem tirar uma vez para sempre a razão que alguns mal intencionados e mal informados telespectadores ainda possam atribuir às afirmações do peçonhento Castrim. Palavra que aquilo está mesmo a pedir uma noitinha de teatro, não está? Novo lema para os «boavontadistas do momento que passa»: enquanto houver um espectador acordado ou um espectador potencial, a nossa acção continua...)

Também fora de Portugal a semana foi fértil em acontecimentos, quanto mais não seja porque a União Indiana atacou o Paquistão provocando com essa atitude, alguns esclarecedores e interessantes comentários do José Mensurado na televisão. (Ainda que os não tenha escrito, certamente concordou com eles porque como é evidente, ninguém é porta-voz daquilo com que não concorda.) A situação, graças a esses comentários, ficou mais do que esclarecida e A MOSCA, sempre aguerrida no que se refere à defesa da verdade e da justiça, vai enviar gravações destes comentários aos chefes dos governos em lítigio, na certeza de assim contribuir para a causa da paz entre os povos

De trágico, de verdadeiramente trágico esta semana, apenas o facto de não ter havido um único desafio de futebol internacional que nos desse a possibilidade de reclamar contra um árbitro um clube, uma federação ou fosse contra o que fosse. Este facto é tanto mais grave quanto é certo que, possìvelmente por estar ocupada com a guerra India/Paquistão, a ONU tambem esta semana não votou qualquer moção contra nós. Porque é que consideramos estes factos trágicos? Porque se nos tiram a possibilidade de reclamar, com que diabo é que nós ficamos, sim com que diabo é que nós ficamos? Como é evidente, se o gigantesco complot internacional que há tantos anos actua contra nós, começa a desfazer-se, ficamos sem personalidade e começamos a criar complexos que até agora ainda não criamos. A MOSCA não está disposta a assistir impassível a este desinteresse e por isso daqui manda para o mundo um grito de angústia:

- Queremos mais «complots»!

O GRAVADOR DA MOSCA

Publicámos no último número uma conversa acidentalmente gravada num gravador que adquirimos para as nossas reportagens e a publicação dessa reportagem deu origem a que recebessemos numerosas cartas pedindo para continuarmos a publicar conversas gravadas nas mesmas circunstâncias, isto é, sem que os conversadores suspeitem de que as suas palavras estão a ser gravadas. Discutida a ideia, foi resolvido que um dos nossos colaboradores passe a andar sempre armado do gravador em questão a fim de gravar, tão discretamente quanto possível, conversas em diversos pontos do país. As conversas que hoje apresentamos foram gravadas em Lisboa, uma na pastelaria Nova Iorque e a outra numa pequenissima taberna de Algés onde vários indivíduos assistiam à projecção do folhetim «Cinco Filhas para Casar» num receptor de televisão colocado a um canto da casa. Da gravação levada a cabo na pastelaria Nova Iorque pouco sabemos: a gravação foi feita por volta das seis da tarde e devem ter partecipado na conversa, a julgar pelo número das vozes registadas, dois rapazes e duas raparigas

CONVERSA NA PASTELARIA NOVA IORQUE

1.ª VOZ DE RAPAZ — Pagas a bica?

2.ª VOZ DE RAPAZ — Ficas-me a dever 22$50.

1.ª VOZ DE RAPAZ — Passa cinco paus para eu comprar cigarros e fico-te a dever 27$50, contas redondas.

VOZ DE RAPARIGA — Quando é que pagas?

1.ª VOZ DE RAPAZ — já te disse que estou com sete meses de atraso.

VOZ DE RAPARIGA — Essa das transferências cheira-me a esturro.

2.ª VOZ DE RAPAZ — O esturro interessa-me pouco — o que me interessa é o dinheiro. Tu sabes quanto é que deves na pensão?

1.ª VOZ DE RAPAZ — Sete meses mais o que o raio da velha me adiantou para eu pagar a matrícula.

VOZ DE RAPARIGA — Porque raio é que tu não ficaste em Luanda ou onde diabo é que é a tua terra?

2.ª VOZ DE RAPAZ — Isso não interessa, agora que ele cá está — o que interessa é que ele consiga pelo menos para pagar as dívidas.

1.ª VOZ DE RAPAZ — Se os vinte e sete e quinhentos lhes fazem tanta falta como isso tudo, deixem lá que eu vivo perfeitamente sem bicas e sem cigarros...

VOZ DE RAPARIGA — Deixa lá o dinheiro, que sempre há-de chegar até ao fim do mês...

CONVERSA NA TABERNA DE ALGÉS

1.ª VOZ FEMININA — Oque é que ela está a fazer?

1.ª VOZ MASCULINA — Está a ler uma carta — não faz outra coisa, o raio da mulher...

1.ª VOZ FEMININA — O que eu não entendo é porque é que o Curado anda sempre tão furioso.

2.ª VOZ FEMININA — De quem eu gosto é do outro, do Mário Pereira. Aquele bigode...

2.ª VOZ MASCULINA — Qual é o Mário Pereira?

1.ª VOZ FEMININA — É o da barca.

2.ª VOZ MASCULINA — Qual barca?

O TABERNEIRO (interferindo) — É um que tem cinco barcas.

2.ª VOZ MASCULINA — Ainda não vi barca nenhuma.

1.ª VOZ FEMININA — Porque é que tu não deixas crescer um bigode assim, o Zé?

(Pausa)

1.ª VOZ FEMININA (insistindo) — Zé: porque é que tu não deixas crescer um bigode assim?

(Pausa)

1.ª VOZ MASCULINA — Deixa-o, que já está a dormir.

2.ª VOZ MASCULINA — Mas onde é que esse das barcas tem as barcas, que ainda ninguém as viu?

O TABERNEIRO (interferindo novamente) — No Brasil. No Brasil é que ele tem as barcas.

1.ª VOZ FEMININA — O que está no Brasil é o outro, aquele que está sempre a chorar. Quem é que me acorda o meu Zé?

1.ª VOZ FEMININA — Acordá-lo para quê, se ele volta a adormecer...

2.ª VOZ FEMININA — Eu gosto que ele veja estas coisinhas culturais, para ir aprendendo.

O TABERNEIRO — O das barcas vai dar uma festa na barca, não vês?

2.ª VOZ MASCULINA — Olha, lá vão elas todas... **ó papá, podemos namorar com este senhor?** Se eu tivesse uma filha como aquela...

1.ª VOZ FEMININA — O que é que lhe fazias?

2.ª VOZ MASCULINA — Deitava-a a um poço... No meio de tudo isto ainda ninguém me disse o que é que está a acontecer a estes chatos. Não há meio de perceber...

2.ª VOZ FEMININA — Olha, este é que é o Curado, vês?

1.ª VOZ MASCULINA — Qual?

2.ª VOZ FEMININA — Aquele de cabelo branco com um ar tão furioso.

1.ª VOZ MASCULINA — Porque é que ele anda assim?

2.ª VOZ MASCULINA — É da gripe.

2.ª VOZ FEMININA — Qual gripe?

2.ª VOZ MASCULINA — A de Hong Kong — vê-se mesmo que ele está com febre. Que diabo é que eles estão a fazer agora?

1.ª VOZ FEMININA — Estão a dançar na barca.

2.ª VOZ FEMININA — Qual barca? Eu cá não vejo barca nenhuma.

3.ª VOZ MASCULINA (ensonado) — Então essa gaita já acabou?

2.ª VOZ FEMININA — Tu é que acordaste — até que enfim!

3.ª VOZ FEMININA — O que é que aconteceu?

2.ª VOZ MASCULINA — O costume: andam dum lado para o outro a ver qual é que é o mais honrado.

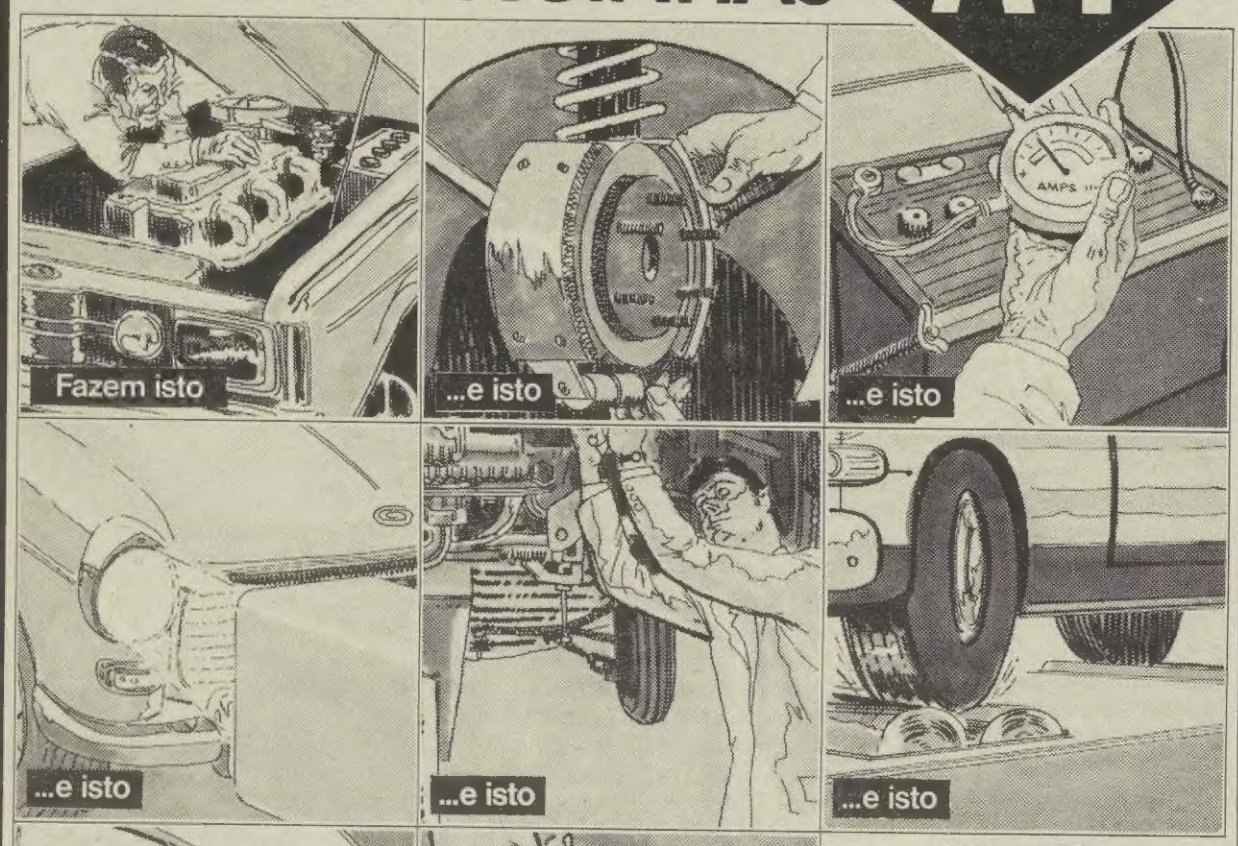
3.ª VOZ MASCULINA — E qual é?

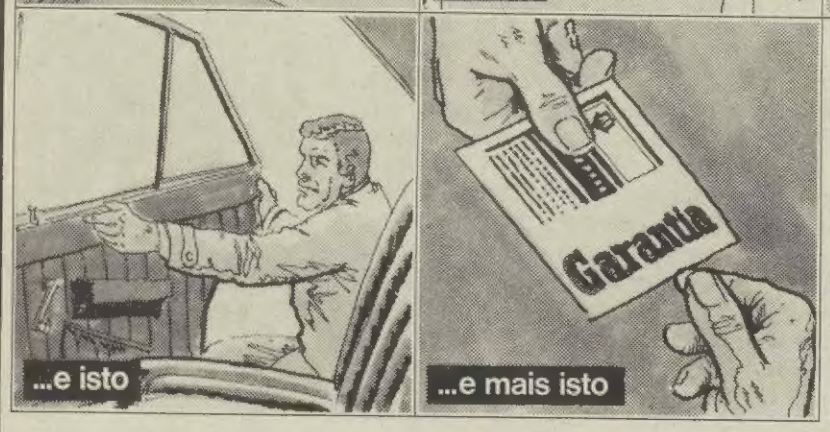
2.ª VOZ MASCULINA — Sou eu, que vou para a cama. Muito boas noites, meus senhores e até à próxima.

TODOS — Espera aí, que vamos todos juntos.

OS TÉCNICOS DO A-1 SÃO UNS PICUINHAS

A-1





nos 22 Concessionários A-1 em todo o país

Garantia por 3 meses ou 7500 Km.
Visite o seu Concessionário A-1 e compre o que mais se parece com um carro novo.

Ford à frente

AVEIRO — Satèlauto
BEJA — José Pinto Caeiro, Lda.
BRAGA — Ranhada & Teixeira, Lda.
CASTELO BRANCO — J. Valente & Irmãos
COIMBRA — Auto Garagem de Coimbra
ÉVORA — Aniceto & Espanhol, Lda.
FARO — Fomento Industrial e Agrícola do Algarve, Lda.
FUNCHAL — Madeira Auto-Car, Lda.
GUARDA — Auto Neofor, Lda.
LEIRIA — Auto Leiria, Lda.
LISBOA — Auto Boavista, Lda.
LISBOA — J. Mendes Coelho, Lda.
LISBOA — Lincuri, Lda.
OLIVEIRA DE AZEMÉIS — Manuel Alves de Freitas & C.ª Lda.
PONTA DELGADA — Setalme, Lda.
PORTALEGRE — Auto Portalegre, Lda.
PORTO — Auto Comercial Ouro, Lda.
PORTO — Manuel Alves de Freitas & C.ª Lda.
RÉGUA — Pôncio Alves Janeiro & Irmão, Lda.
S. JOÃO DA MADEIRA — Auto Comercial Ouro, Lda.
VILA REAL — A. Camilo Fernandes
VISEU — Garagem Lopes, Lda.

CEBA - NCK

todo o pormenor conta

Registo Automático de cálculos, multiplicações contínuas e bloqueio de capacidade.
Multiplicações negativas.
Duplo espaço automático para sub-totais e totais.
Repetição automática de números.
Duas teclas que efectuam cinco operações diferentes - soma, sub-total, "não-soma" e total -

CITIZEN

A mais veloz multiplicadora automática (400 R. P. M.)
Peça catálogos

NOGUEIRA INFORMÁTICA
ELECTROLÓGICA E MECANOGRAFIA APLICADA S. A. R. L.
Av. da República, 41, 3º - Telef. 77 91 51/5 — LISBOA 1
PORTUGAL

SCA

VOZ MASCULINA — É
pe.
VOZ FEMININA — Qual

VOZ MASCULINA — A
ng Kong — vê-se mesmo
le está com febre. Que
é que eles estão a fazer
?
VOZ FEMININA — Estão
ar na barca.
VOZ FEMININA — Qual
? Eu cá não vejo barca
ma.
VOZ MASCULINA (enso-
— Então essa gaita já
u?
VOZ FEMININA — Tu é
cordaste — até que en-

VOZ FEMININA — O que
aconteceu?
VOZ MASCULINA — O
ne: andam dum lado para
o a ver qual é que é o
onrado.
VOZ MASCULINA — E
?
OZ MASCULINA — Sou
e vou para a cama. Muito
oites, meus senhores e
róxima.
OS — Espera aí, que va-
dos juntos.

todo o
rmenor
conta

multiplicações
ade.

b-totais e totais.
s.
perações diferentes
otal -

EN

tica (400 R. P. M.)

FORMÁTICA
AFIA APLICADA S. A. R. L.
. 77 91 51/5 – LISBOA 1
GAL.

A MELGA NO PRATO

Para que a Melga poise no prato é preciso que a nota lhe poise prèviamente na carteira o que, nos tempos que vão correndo, é cada vez mais difícil e menos frequente. Daí o dedicar-se esta secção, de quando em quando, a especulações filosófico-culinárias que nada têm a ver com a crítica de restaurantes que é a sua razão de ser e a sua justificação. Que os estimados leitores desta secção da MOSCA (Não é assim que se costuma dizer ou será que os leitores são «prezados» E NÃO «estimados»? Como não estamos bem seguros, que cada um seja o que lhe aprouver). Perdoem estas periódicas incursões levadas a cabo em territórios alheios à cozinha e que a atribuam a motivos, puramente economicos e não a um nosso secreto desejo de os lesar. - É certo que para além do problema económico já referido ainda há o da disponibilidade de tempo porque nem sempre é possível ir todas as semanas a um restaurante novo, mas não é costume dizer que tempo é dinheiro?

Falámos no último número do ATRIUM, onde comemos, se o estômago nos não falha, uns deliciosos pesinhos de carneiro com feijão branco a que fizemos justiça tanto no restaurante como na Mosca e, quanto mais não seja porque raras vezes falamos dos restaurantes da Baixa, resolvemos continuar, esta semana, a comentar o que neles se passa.

Quem desce o Chiado esbarra, logo de entrada, com uma pastelaria celebrada em Lisboa e arredores pelos seus bolos e pelos seus banquetes - a Benard - que julgamos ainda não ter sido comentada nesta coluna mas bem o merece ser quanto mais não seja porque se trata duma pastelaria onde se come um «trivial» muito aceitável por um preço que é razoável para os tempos que vão correndo.

Diga-se, para começar, que os rissóis e os croquetes da Benard, prontos por volta das dez da manhã, são dos melhores de Lisboa quando comidos ainda quentes e que se a massa dos rissóis não estivesse, por vezes, um pouco mais crua do que seria para desejar, a nossa recomendação destes «tapa-buracos» não teria quaisquer reservas. São ainda de recomendar as empadas de carne da casa a que só falta um pouco de sal para merecerem a classificação de francamente deliciosos.

Pondo de parte estes petiscos de balcão para se entrar no campo do restaurante pròpriamente dito, devemos começar por um esclarecimento prévio: a Benard não tem pretensões a ser um restaurante de primeira - abaixo voltaremos a referir-nos a esta classificação - nem ambiciona bater-se com os bons restaurantes de Lisboa quer em matéria de decoração quer em matéria de alta cozinha. Trata-se, muito simplesmente, duma pastelaria com serviço de restaurante mas, feita esta restrição, justo é referir que há muitos restaurantes pretensiosos onde se come bem pior do que na Benard...

Do ponto de vista de decoração, a Benard pertence àquele número de estabelecimentos que, ou por terem uma freguesia certa ou estarem muito bem situados nunca se deram ao trabalho de apainelar as paredes a contraplacado ou de as forrar de plástico para criar ambiente. Bem vistas as coisas, os proprietários desses estabelecimentos o que pretendem é conquistar a simpatia do público que a Benard já tem e que, por isso mesmo, não precisa de conquistar... A casa tem a forma dum longo rectângulo que, se não é forrado a azulejo branco (não estamos certos disso) dá a impressão de o ser e contém; para além duma área destinada aos que estão em torno do balcão; uma ou outra com mesas e cadeiras neutras e indiferentes: Não se fez, repetimos, o menor esforço para decorar esta pastelaria ou para a tornar luxuosa - os seus proprietários adoptaram, nesta matéria, o lema «quem quer, quer, quem não quer, não quer».

A lista, variada mas simples, contem sempre um ou dois pratos caseiros daqueles a que estamos mais habituados em casa do que fora dela e não há dúvida de que são, como se diz na tropa, abundantes e bem confeccionados. Para além destes pratos, há os habituais «fritos, cozidos e grelhados» de todos os restaurantes mas não há dúvida, também, de que os géneros são de primeira qualidade e que são muito aceitàvelmente confeccionados. O serviço é francamente bom, o que não espanta atendendo a que a maioria dos empregados está na casa há anos.

Dissemos em cima que íamos fazer referência à classificação dos restaurantes, promessa que se filia no facto de termos visto recentemente um anúncio dando a conhecer ao público os resultados dum concurso promovido, se não estamos em erro, pelo S. N. I. que - é justo dizê-lo se não tem poupado a esforços para melhorar o nível dos restaurantes portugueses.

O que nos espantou, neste anúncio que, infelizmente, não temos presente, é o facto de nele figurar o Galeto com a classificação de «Restaurante de primeira» e o António com a classificação de «restaurante de segunda». Já temos afirmado que, em nosso entender, o Galeto é o melhor dos snacks de Lisboa - não conhecemos o do Atrium mas não há dúvida de que entre o Galeto e o António vai uma grande diferença o António é dez vezes melhor do que o Galeto. Em que critério assentará esta classificação tão franca e evidentemente absurda?

adapt. LATINA

Porque
não lhe oferece
uma ilha neste Natal?

Há coisas que valem um milhão mas custam pouco. Escolha uma colina verdejante no Inverno, uma ilha deserta na Primavera, ou um inesquecível Verão americano. Escolha aquilo de que Ela gosta. E ofereça-lho neste Natal. O agente da Pan Am entrega-lhe o bilhete num envelope de oferta, ou completa-o numa ida-e-volta em alguns minutos. Para qualquer parte do Mundo: é só pedir. Para Nova York, Los Angeles, S. Francisco, Sidney, San Juan, Barbados ou para onde quiser. De facto, até pode escolher uma viagem à volta do Mundo.
Bem sabemos que esta não é uma oferta vulgar. Mas então? A mulher com quem casou também não o é!
Pan Am torna a sua viagem maravilhosa

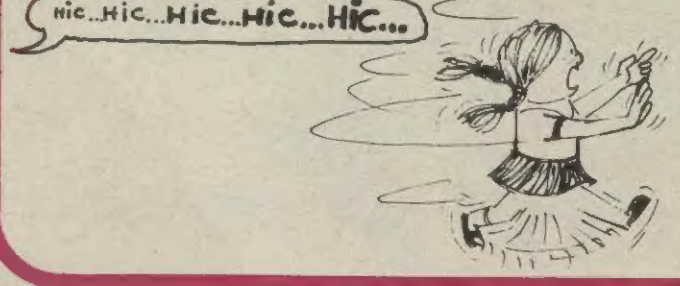
PAN AM

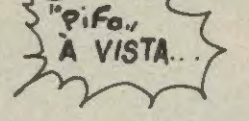
A linha aérea de maior experiência no mundo

O MEU PRIMO ERNESTO

Ena pai que grande sarilho que anda cá por casa a passear pelos quartos e pelos corredores ena pai que eu até ando com medo de falar mas o melhor é eu explicar o que é que aconteceu sim porque se eu não explicar ficam sem saber nada ora o que aconteceu foi que o meu primo Ernesto que é um filho da minha prima Leocádia e dizem as más-línguas que do farmacêutico lá da aldeia chegou a Lisboa para arranjar emprego e meteu-se na nossa casa por ser primo ora este meu primo Ernesto tinha andado a trabalhar numa fábrica de sapatos em S. João da Madeira e era ajuntador vai chegou cá e logo na primeira semana foi parar à esquadra três vezes com três grandecíssimas bebedeiras coitado do meu primo Ernesto que é bestialmente criticado quando a culpa não é dele porque ele é ajuntador vai passear para a rua e quando vê alguem entrar na taberna ajunta-se a ele e entra também o que pergunto é porque é que não lhe ensinaram outro ofício sim porque é que não lhe ensinaram outro ofício mas o melhor é eu continuar a contar o que lhe aconteceu ora o que lhe aconteceu é que da primeira vez que chegou à esquadra com a primeira bebedeira levava a cabeça aberta duma matracada que lhe tinham dado lá na taberna e quando o chefe lhe perguntou se ele não sabia descrever a pessoa que lha tinha dado ele calou-se que nem um rato e por mais que fizessem não abriu a boca vai o chefe da esquadra chamou o meu pai e disse-lhe para ele falar com o meu primo para ver se ele descrevia o agressor porque de outra forma lá na polícia não podiam fazer nada e o meu pai falou com ele e ele explicou-lhe que o não descrevia não senhor porque por ele o ter descrito é que tinha levado com a cadeira na cabeça sim porque tinha sido exactamente quando ele o estava a descrever é que o outro lhe tinha arreado com a cadeira na cabeça ora eu acho isto bestialmente prudente porque aposto que se eu começar a descrever alto a minha professora de matemática também me acontece alguma desgraça a verdade é que neste mundo não há como a gente estar calado e não descrever as pessoas mas também é preciso ter sorte sim porque sem sorte não se faz nada e a prova é este meu primo Ernesto coitadito que tem um azar bestial ainda não lhe tinha secado a ferida que lhe fizeram na cabeça e já ele estava outra vez na esquadra por causa dum outro sarilho lá na taberna do senhor Silva que é danado para meter as pessoas em alhadas o meu primo coitado que tinha bebido uns copitos para alegrar a alma foi para o balcão falar com a mulher do senhor Silva que é uma de todo o tamanho e vai teve uma distraçãozita e o senhor Silva chegou-se ao pé dele aos gritos a **seu isto seu aquilo então vovê não tem vergonha de ter dado um arroto nas trombas da minha mulher seu grandecíssimo desavergonhado ponha-se na rua senão eu chamo a polícia** e vai o meu primo que não se dá bem com a polícia teve medo e pediu-lhe desculpa **o senhor desculpe de eu ter dado o arroto mas a verdade é que perdi-me com a conversa e não me lembrei que era a vez dela** enfim um sarilho de fazer ferver o ar mas isto ainda não foi tudo sim porque o senhor Silva ficou-lhe com uma gana danada e vai dois dias depois lá para as dez da manhã tocou-nos á porta e começou aos berros que queria ver esse bandido do meu primo que o tinha acordado quatro vezes de madrugada para lhe perguntar a que horas é que ele abria a taberna e mais isto e mais aquilo e que um homem tinha o direito de dormir e que queria dizer ao meu primo que a taberna abria às nove mas que ele não tinha lá entrada de maneira que o melhor era desinteressar-se pelo horário da casa enfim uma gritaria à porta e vai o meu pai foi para buscar o meu primo mas ele não tinha dormido na cama que na verdade não é uma cama sim porque é o sofá da sala mas bastava olhar para ele para ver que o meu primo não tinha dormido lá corremos a casa toda o que não é difícil nem leva muito tempo mas a verdade é que ele não tinha posto os pés em casa de maneira que o meu pai muito aflito sem saber onde o homem teria dormido saiu com o taberneiro para ver se o via na rua e de caminho o taberneiro foi abrir a taberna e querem ver o que é que aconteceu querem mesmo ver o que é que aconteceu? pois o que aconteceu é que quando o Silva abriu a porta da taberna saiu o meu primo coitadito lá de dentro com um pifo de todo o tamanho e explicou que não tinha telefonado ao Silva de madrugada a saber a hora da abertura da casa para lá poder entrar não senhor tinha telefonado mas era a saber a hora da abertura para poder sair coitadito que tinha lá passado a noite inteira porque tinham fechado a casa quando ele estava na retrete e ele ao querer sair tinha dado com o nariz na porta se isto não é ter azar não sei o que é pois isso ainda não é tudo não senhor nesse mesmo dia coitadito demos com ele a chorar à porta como um desalmado quem ò visse até pensava que lhe tinha acontecido alguma desgraçona e perguntamos-lhe o que é que ele tinha e ele só dizia que na taberna lhe tinham roubado um bocado duma perna e que estava desgraçado e vai a vizinha é que nos explicou que ele tinha vindo da taberna até casa a andar na berma do passeio com um pé no chão e outro no passeio e que tinha vindo todo o tempo aos gritos que tinha uma perna mais curta que a outra e que isso só podia ter acontecido na taberna porque se lembrava muito bem que de manhã tinha ambas as pernas do mesmo tamanho enfim lá lhe mostrámos que a perna já lhe tinha crescido e vai ele ficou todo contente e foi festejar o acontecimento para uma outra taberna que há lá na rua e à noite tivemos de ir buscá-lo à esquadra e o chefe disse-nos que ele tinha endoidecido porque estava na cela todo contente por ter duas pernas iguais coitadito é um desgraçado palavra que é mesmo um desgraçado e a prova é que se mete em sarilhos bestiais sem nunca ter culpa temos cá na Graça umas senhoras destas que há e que pertencem à caridade e que andam sempre a chatiar os pobres e vai uma delas encontrou o meu primo com uma bebadazita no meio da rua e fez-lhe um sermão bestial deu-lhe dez escudos e disse-lhe para ter força de vontade e que se ele precisasse de ajuda que fosse ter com ela e que não fosse tímido porque ela ajudava-o e vai ele com os dez escudos comprou uma garrafita de tinto e foi bater à porta da senhora mas como a criada não o deixou entrar ele forçou a porta houve um berreiro bestial veio o guarda eu sei lá e só na esquadra é que ele explicou que a senhora se tinha oferecido para o ajudar e que ele só lá tinha ido para ver se ela lhe emprestava um saca-rolhas porque o dinheiro tinha dado para a garrafa mas não para o saca-rolhas estão a ver o azar deste meu primo coitado.

Guidinha





CO
D'O
EXPO
DE
IND
ITA

A Câmar
em Portug
Atlântico
S.A.R.L., pr
de design
passo d'
per il Dise
sição, pat
15 de De
preende
miadas e
edição d
camente

Feira In

Horário: d

TO

e inteira
ndo ele
rer sair
se isto
é pois
nesse
ele a
o quem
ntecido
s-lhe o
dizia
ado um
graçado
ou que
casa a
um pé
e tinha
e tinha
outra e
taberna
que de
mesmo
que a
vai ele
conteci-
que há
buscá-lo
que ele
na cela
iguais
ra que
rova é
is sem
a umas
tencem
chatiar
ntrou o
o meio
deu-lhe
força
sse de
ue não
e vai
ou uma
porta
não o
houve
eu sei
explicou
o para
do para
a-rolhas
garrafa
a ver

A Câmara de Comércio Italiana em Portugal, o Banco Português do Atlântico e a Olivetti Portuguesa, S.A.R.L., promovem a 1.ª Exposição de design industrial italiano Compasso d'Oro A.D.I. (Associazione per il Disegno Industriale). A Exposição, patente ao público de 9 a 15 de Dezembro corrente, compreende cerca de 100 obras premiadas e seleccionadas na última edição do concurso que periòdicamente realiza a A.D.I.

Feira Internacional de Lisboa
Pavilhão F
Horário: das 17.00 às 23.00 horas.
Entrada livre.

COMPASSO D'ORO A.D.I. EXPOSIÇÃO DE DESIGN INDUSTRIAL ITALIANO

CRÓNICA DE DOMINGO

A esquizofrenia homicida

«Viveu as mais trepidantes aventuras, primeiro como pirata na pilhagem dos pescadores de ostras, depois como marinheiro de longo curso e, mais tarde, através das solidões geladas do Klondike, em busca de oiro».

Seu nome: Jack London. Um destes escritores que todos lemos em um determinado período da vida e depois deixamos amarelecer no fundo da estante, como uma fonte de emoções e de informações já exaurida, da qual nada mais se pode extrair. De repente, porém, aqui ou algures, alguém reedita o velho e este volta a tinir de novo, mais estimulante e vigoroso do que à primeira abordagem.

A Civilização do Porto relançou, em bonita colecção popular, alguns dos mais significativos textos de London. Livrinhos baratos, de cores diversas, capas muito atraentes. Dentro, o mundo de aventuras de London, as suas inquietantes profecias sobre a então imi-

Texto de
ARMINDO BLANCO

nente era tecnocrática, as suas metáforas, as suas cruas indagações sobre a natureza do homem e o caos social.

Um conto me impressiona particularmente: «Cara de Lua Cheia», narrativa de um ódio persistente, implacável, aparentemente absurdo.

«Eu odiava John Claverhouse. Não que ele tivesse cometido contra mim aquilo que a sociedade considera uma ofensa ou me houvesse pregado qualquer partida. Longe disso. O mal era de uma espécie mais subtil, mais profunda: elusivo, intangível, frustrando qualquer análise definida e clara».

Quer dizer: o homem ria, ria a propósito de qualquer coisa, ria de felicidade, ria de tristeza, na verdade não havia mal que o afectasse.

«Era uma gargalhada enorme, pantagruélica. Acordado ou a dormir, estava sempre nos meus ouvidos, produzindo um som áspero e desagradável que actuava como uma raspadeira sobre as fibras do meu coração».

Que fazer? O inevitável: sabotar Claverhouse, minar-lhe a alegria destruindo-lhe os bens e por fim, esgotados todos os recursos, aniquilá-lo fisicamente.

Golpe diabólico: tendo planeado um crime perfeito, o assassino oferece a Claverhouse um cachorro treinado em apanhar objectos. Claverhouse vai pescar trutas a dinamite, levando o animal. Joga a dinamite no rio, o cachorro lança-se nas águas e traz de volta a carga mortal para entregar ao dono. Vão ambos pelos ares.

«Nunca mais a sua gargalhada infernal ecoará no meio das colinas e nunca mais a sua cara de lua-cheia se levantará para ofender-me. Os meus dias decorrem agora em paz e de noite durmo tranquilamente».

Quantos Claverhouse você já pensou em matar? Quantos Claverhouse você mata por meios indirectos? Em «The Ghost in the Machine», Koestler fala daquela área do nosso cérebro em que se processa a esquizofrenia homicida. Todos os pretextos são bons e/ou fornecem a **moral** para torturar, explorar, eliminar o semelhante: fulano tem cara de lua-cheia, o outro é de cor preta, aquele possui petróleo, outro ainda precisa ser dobrado à minha fé em vez de ficar adorando ídolos. Todos os pretextos compõem uma longa história de atrocidades, perseguição e morte. Jack London a resume alegóricamente em meia dúzia de páginas. Dá o que pensar, a menos que você prefira refugiar-se nos amanhãs que cantam.

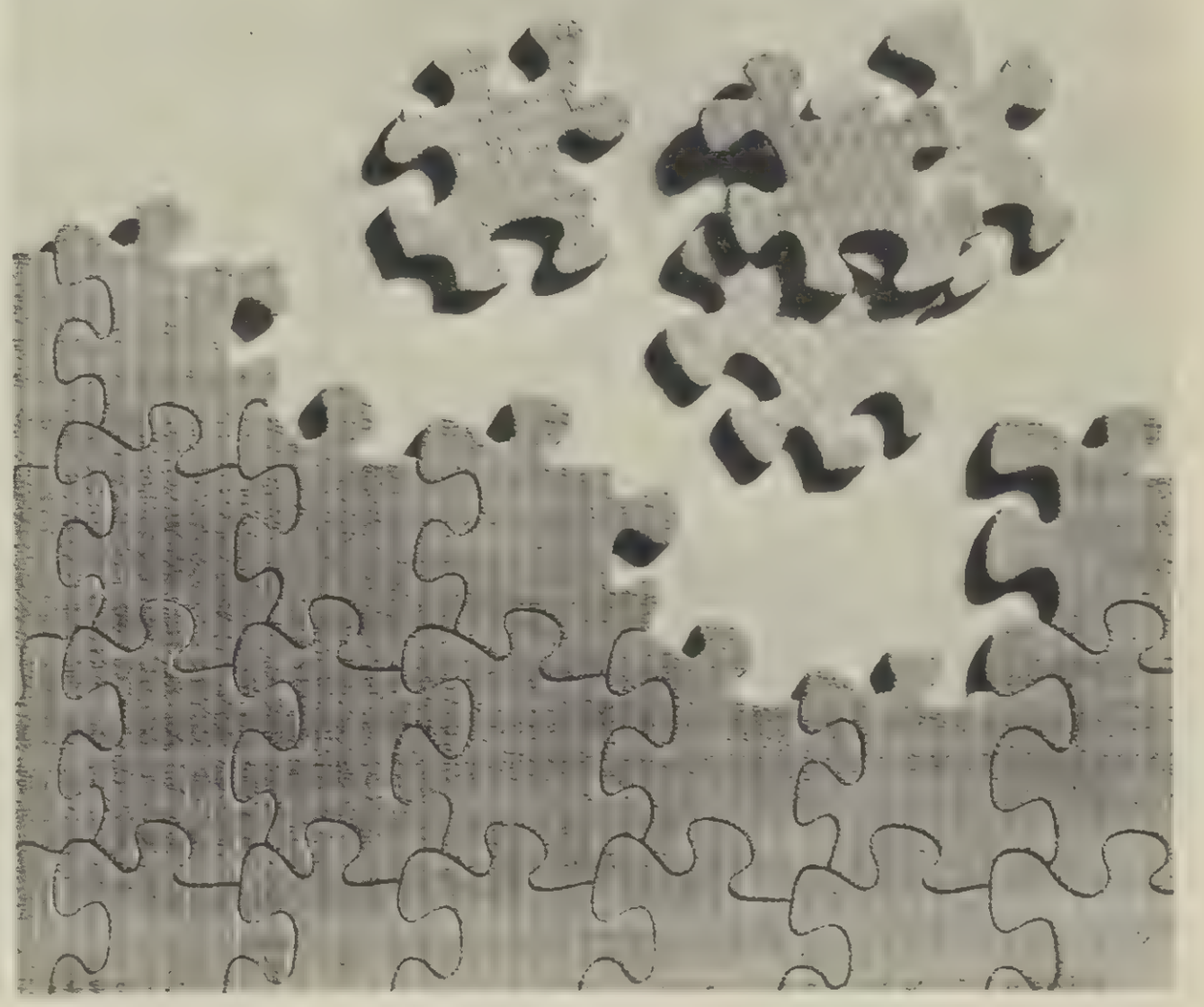
LATINA

Liberdade para construir mais sem receio pelo que já construiu-é a segurança que lhe damos

Confiança em si próprio. Poder progredir com a certeza de que está assente num terreno seguro é a sua e a nossa preocupação.
Estudámos um plano de previdência que o põe a coberto de todos os problemas que a vida lhe apresenta. A Companhia de Seguros Atlas oferece-lhe uma gama completa de modalidades de seguros. Para cada caso a melhor solução. A mais sólida.
E ainda: a modalidade dos Seguros de Vida Atlas com Valor Progressivo permite-lhe, pela actualização periódica do capital seguro, defender-se da depreciação da moeda e manter, assim, ao longo do tempo, o mesmo poder de compra.
Consulte-nos. Transformaremos o seu presente numa apólice de futuro.

Estou interessado em receber informações sobre os Seguros de Vida ATLAS com Valor Progressivo
Nome
Morada _____
ATLAS – Companhia de Seguros, S.A.R.L.
Lisboa – Rua Andrade Corvo, 27 • Porto – Rua de Ceuta, 11-1.º
DL
Recorte e cole num postal.

ATLAS
COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.R.L



Moscovo e Pequim lutam por meio de "intermediários"

A guerra India-Paquistão liquida a política do não-alinhamento

Carros de assalto indianos a caminho de Dacca

A explosão da guerra indo-paquistanesa dá o sinal de violência a uma realidade que a chegada dos representantes de Pequim às Nações Unidas tinha, já, posto em evidência: o mundo «bi-polar» acabou. A guerra fria de ontem, entre Washington e Moscovo, foi substituída por uma outra guerra fria, não menos implacável, entre a URSS e a China. Ainda unidas, na Indochina, frente aos americanos, as duas grandes potências socialistas guerreiam-se no subcontinente através de «intermediários». Esta situação põe ao Terceiro Mundo um problema dramático. Que significava, com efeito, a expressão «Terceiro Mundo», inspirada no «Terceiro Estado» da época que antecedeu a Revolução Francesa, senão a recusa de escolher entre a União Soviética e os Estados Unidos?

Por

ANDRÉ FONTAINE

Exclusivo

«Le Monde»-«D.L.»

Entretanto, os dois supergrandes não se entendem senão para denunciar a imoralidade desta recusa. Numa fase ulterior, eles estavam dispostos a disputar os favores dos que anteriormente tinham condenado. E depois, continuando cada um a sustentar os seus protegidos que discordavam dos protegidos do campo adversário, eles acabaram por concordar sobre a necessidade de consolidação de uma vasta zona de não-comprometimento: isto explica que estados tão diferentes como a Índia, a Jugoslávia e a Etiópia tenham podido beneficiar da sua assistência conjunta. Daqui em diante, para se poder ter a ajuda dum dos supergrandes, já não será necessário entrar em questões com os vizinhos. Mal se instalara na ONU, os represententes de Pequim conseguiram fazer compreender os não-alinhados que esse jogo já não é possível. Foi com esse fim que eles combateram violentamente a proposta soviética para uma conferência sobre o desarmamento: o escrutínio que se vai fazer a propósito da conferência obriga o Terceiro Mundo a não escolher entre os Estados Unidos e a Rússia mas, mais cedo do que se esperava, entre a URSS e a China.

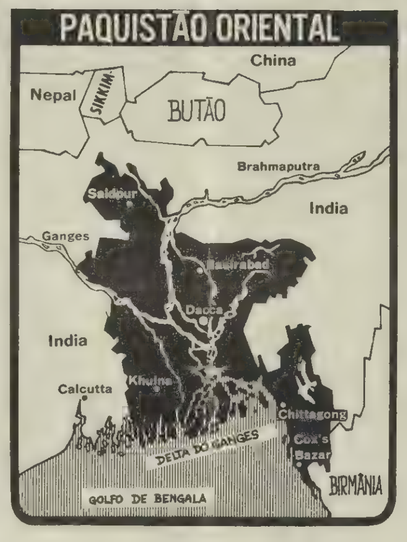
Entre estes dois, de momento, qualquer compromisso é inconcebível, o que é muito diferente do que se passa, cada vez mais, entre Moscovo e Washington, e que permite ao porta-voz do presidente Mao denunciar amiúde o conluio entre os «social-imperialistas» do Kremlin e os imperialistas «tout-court». Dir-se-ia que ele não quis ter a preocupação de lembrar que no debate sobre a conferência de desarmamento há coincidência de pontos de vista entre a China e os Estados Unidos. Mas esta excepção à regra não é suficiente para impressionar povos que descobriram há muito — pelo menos depois da expulsão de Khruchtchev — que a **Pátria do socialismo** não está disposta a correr muitos riscos para fazer recuar o domínio capitalista.

A MUDANÇA

Esta constatação completa-se com uma outra: como todas as grandes potências — e até as menos grandes — a União Soviética não aplica a regra da não-ingerência nos assuntos dos outros, a não ser quando ela vai ao encontro dos seus próprios interesses. Era necessário que os povos do Terceiro Mundo se voltassem para a URSS. Com efeito, os meios materiais de que dispõe o Kremlin para os ajudar a desenvolver a sua economia são muito mais fartos do que os da China. Os dirigentes da resistência palestiniana sabem bem que, quando voltaram de Pequim vinham com muito mais conselhos de prudência do que com armas ou dinheiro!

Na realidade o Terceiro Mundo gostaria muito de continuar a sê-lo e de poder dispôr, como Hanoi, do apoio, ao mesmo tempo, de Moscovo e de Pequim, aproveitando-se ainda, da sua oposição para evitar uma submissão às vontades de um ou de outro. Foi o que conseguiu fazer, no Verão passado, o Chefe do Estado sudanês: tendo algumas dificuldades para os lados de Moscovo, que se sentia obrigado a tomar conhecimento da emoção causada no movimento operário internacional pelas execuções dos dirigentes do partido comunista no Sudão, o general Numeiry dirigiu-se, sem hesitar, a Pequim. A oferta de assistência que recebeu, acrescida do interesse estratégico que o Sudão tem para os soviéticos, bastou para que estes passassem uma esponja no assunto.

Outros não tiveram a mesma liberdade de acção, e é significativo que, dos três países que faziam figura, no tempo de Nehru e de Nasser, de chefe de fila do não-alinhamento — a Índia, o Egipto e a Jugoslávia — dois tenham concluído com a URSS, no decurso dos últimos meses, tratados de assistência dificilmente compatíveis, se se der um mínimo de atenção ao verdadeiro significado das palavras, com a noção de não alinhamento, enquanto que o Terceiro Mundo é periòdicamente solicitado a reentrar no campo do socialismo, de onde não teria saído, afinal, senão em consequência de um estúpido mal-entendido.



O assunto, pelo que diz respeito à Jugoslávia, não está encerrado, e o país corre o risco, logo que o Marechal Tito deixe de poder encarnar a vontade de resistência, de ter de enfrentar momentos difíceis. Quanto à Índia e ao Egipto, doravante dependerão demasiadamente da boa vontade da União Soviética para não serem obrigados a tomar em conta as suas concepções estratégicas.

O CERCO

Há já muito tempo que a URSS se interessa pela Índia. Em 1962, no momento em que esta se encontrava em guerra com a China, não hesitou em apoiá-la diplomàticamente e intensificar a sua ajuda militar. Em 1966, é a intervenção de Kossyguine, em Tachkent, que permite, depois de se terem verificado combates violentos, uma efémera reconciliação entre os governos indiano e paquistanês. No passado mês de Agosto, a visita que Gromyko fez à sr.ª Ghandi surgiu como a primeira réplica da URSS ao anúncio da visita de Nixon a Pequim.

Para além das disposições que se conhecem do tratado de amizade e de cooperação, ninguem sabe mais nada sobre o que se passou nessa ocasião. A tendência geral dos observadores para o optimismo, fazia crer que o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros tinha exortado o Primeiro Ministro indiano à conciliação com o Paquistão. Mas o facto é que, depois dessa data, o envio de armas soviéticas para a Índia aumentou consideràvelmente, tanto que as forças com que pôde contar eram, logo de início, indiscutìvelmente favoráveis: ela dispunha, com efeito, de um milhão de homens com três mil canhões, mil quatrocentos e cinquenta carros e seiscentos e vinte e cinco aviões, contra sòmente quatrocentos mil homens com mil e cem canhões, oitocentos e setenta carros e duzentos e oitenta e cinco aviões para o adversário. Ora toda a gente sabia que, há alguns meses, havia um partido em Nova Deli que repetia constantemente que não se encontraria ocasião mais favorável do que esta para pôr o Paquistão de joelhos. Haveria, certamente, meios mais eficazes de contrariar essa tendência do que oferecer armas à Índia.

Não se refere isto para tornar inocente o general Yahya Khan, com a sua inqualificável brutalidade em frente aos bengalis, que são essencialmente culpados de ter levado a sério a liberdade de voto que, por uma aparente aberração, ele lhes tinha concedido, ou com a iniciativa de responder com a guerra generalizada ao apoio indiscutível que o exército indiano concedia ao Bangla-Desh. A responsabilidade das grandes potências não é menor, pois armaram os beligerantes e não fizeram nada pela Índia, a braços com o trágico problema dos refugiados. O facto é que Nova Deli, bem ou mal, viu sempre no Paquistão o seu inimigo, se não hereditário, pelo menos herdeiro da colonização, e faz pouco esforço, principalmente em Cachemira, para encontrar com ele o caminho de uma cooperação cuja necessidade está escrita no mapa. O resultado foi que o Paquistão, depois de se ter aliado aos Estados Unidos, no quadro do Pacto de Manila, e à Grã-Bretanha, ao Irão e à Turquia, no pacto do Próximo Oriente, foi-se progressivamente aproximando da China, em nome do princípio de que os inimigos dos seus inimigos tinham uma oportunidade de serem seus amigos.

Segundo uma tal perspectiva, parece difícil separar a guerra indo-paquistanesa do contexto da rivalidade soviético-chinesa. Se os exércitos da senhora Ghandi defrontam os de Yahya Khan sem que Pequim tenha podido, ou querido, impedi-lo, não é apenas um sucesso para Nova Deli, mas também um sucesso de Brejnev perante o presidente Mao. Ora a URSS pode pensar que não vai ser apanhada, num assunto semelhante, pela intervenção dos Estados Unidos. Os combates de 1969 em Oussuri e no Turquestão não deram, ao que se sabe, vantagem às tropas chinesas. E que melhor maneira de bater os representantes de Pequim na ONU do que demonstrar, em campo, a ineficácia da amizade chinesa? O problema, òbviamente, é não fazer mal as contas. É preciso não esquecer que em 1962 os soldados chineses deram, no Himalaya, uma lição tão severa como inesperada, aos indianos, e que, três anos mais tarde, Pequim advertiu Nova Deli de que não deixaria as suas tropas invadir o Paquistão Oriental: ora hoje a Índia visa exactamente subtrair esse território à autoridade do governo do Islamabad. Nada de espantoso, portanto, a China ter multiplicado, antes da guerra, as declarações de apoio ao regime do general Yahya Khan, sem contudo se comprometer de uma maneira irremediável.

Digamos, para concluir este ponto, que o conflito que opõe actualmente, a Índia e o Paquistão, o primeiro depois de um quarto de século em que foi posto em causa o **statu quo** territorial em dimensões que ultrapassam largamente o seu objectivo imediato, é o bastante para que seja levado a crer que os antagonistas dispõem duma inteira liberdade de acção.

A LOUCURA

O caso do Próximo Oriente apresenta algumas semelhanças. Agora que o presidente Sadat mandou para a prisão os militantes mais declarados e ajudou o seu amigo Numeiry, do Sudão, a retomar o poder das mãos dos comunistas, ninguém pretende já que o Egipto seja um simples satélite da Rússia. Mas sem a ajuda militar e financeira da URSS, o Egipto estaria à mercê de Israel. O sucessor de Nasser teve, por isso, de assinar, em 27 do passado mês de Maio, o tratado que o presidente Podgorny lhe vinha trazer já completamente preparado e que, entre cláusulas inquietantes, comporta uma cooperação estreita para garantir «a manutenção das conquistas económicas e sociais dos dois povos». Logo que se pensa no que os russos fizeram na Checoslováquia, treme-se um pouco.

Feliz ou infelizmente para os egípcios, o Kremlin deu sempre mais importância aos seus interesses estratégicos do que à ideologia. Enquanto o Cairo permanecer sob a dependência militar de Moscovo, Sadat poder-se-á permitir continuar a restaurar ràpidamente o sistema capitalista destruído pelo seu predecessor. Em contrapartida, ele não é dono dos seus interesses no Canal do Suez. Se tivesse tendência para desconhecer isso, bastava lembrar-se da maneira pela qual o Kremlin fez com que os blindados sírios que entraram na Jordânia desistissem dos seus propósitos, para não pensar em esquecer a sua situação no Canal. Muitos pensam que os soviéticos temem, ao mesmo tempo, um retomar das hostilidades que poderia conduzi-los a defrontar os Estados Unidos e um regulamento político que fizesse a sua presença no Egipto perder toda a justificação. Se assim for, Sadat arrisca-se a não encontrar mais ajuda em Moscovo para sair da situação «envenenada» que herdou do **Rais** e que ele próprio descreveu a um visitante como sendo o impedimento, ao mesmo tempo, de fazer a paz e de fazer a guerra. Com esta importante característica, a situação de Israel para com o seu protector americano, que faz orelhas de mercador aos apelos de mais aviões **Phanton**, é muito semelhante.

Nestes dois casos, subcontinente indiano e Próximo Oriente, os antagonistas podem medir a loucura que foi, da sua parte, sacrificar o seu desenvolvimento interno à guerra com os seus vizinhos e, mais ainda, a misturar nas suas querelas as grandes potências, nas quais as terríveis realidades da época nuclear destruíram as últimas possibilidades de desinteresse que poderiam, ainda, subsistir. Foi o que fez a Europa, muitas vezes, no decurso deste século: está a pagar isso com a sua divisão e o seu afastamento da cena nacional.

A sagacidade para os não-alinhados será, portanto, meditando neste exemplo, fazer tudo para apresentar, declaradamente, uma frente unida, perante o mundo exterior. Logo que atinjam esse estado, como o fizeram com a colonização ou, mais recentemente, com a revisão do preço do petróleo, obterão, como obtiveram, resultados espectaculares. Mas os conflitos entre nações pobres não serviram nunca senão os cálculos das grandes potências e dos comerciantes de canhões que, para nossa vergonha, foi no que as grandes potências se tornaram. Nesta situação dolorosa para todos, criada em nome de interesses que elas fazem mal em crer vitais, quantas vezes já, no passado dos países do Terceiro Mundo, não foi tirada a castanha do fogo, para proveito dos seus comuns adversários?

Refugiados em Calcutá já se preparam para voltar a Bengala

MÓVEIS
MODERNOS
NÓRDICOS
D. MARIA
LUIZ XV e XVI
RENASCENÇA
D. JOÃO V
SÉCULO XVII
Grande variedade em exposição
Facilidades de pagamento e trocas
ARMAZÉNS DE MÓVEIS JORGE
Avenida Almirante Reis, 35 (junto da Igreja dos Anjos)
Telef. 83 21 61

ASSISTÊNCIA OFICIAL FIAT

Assistência rápida, incluindo as revisões grátis: abrangidas pela garantia
FENIX
R. Palmira, 62-A — Tel. 844169

Certina-DS
o relógio
mais forte do mundo

Procura um relógio em que possa confiar em todas as circunstâncias? Visite um Agente Certina e ele lho revelará: o incomparável Certina-DS.

Certina-DS resiste a choques que nenhum outro relógio poderia suportar. Seu segredo: a sua «máquina flutuante» — revolucionário sistema de protecção — que assegura precisão e resistência notàvelmente superiores às normas usuais de controlo.

Certina-DS uma revelação em elegância, precisão e resistência.

CERTINA

Certina-DS, automático, com calendário, super-antichoque e super-estanque, aço inoxidável, 4 mostradores diferentes, estojo especial.

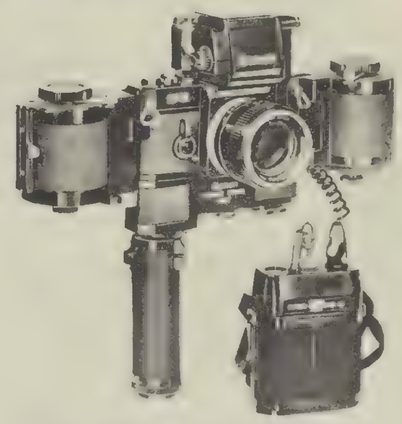
Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

caloríferos
SUPER SER

Sistema Infra-vermelhos
convertem o frio em prazer
Sistema Catalítico
SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES SIDA-SUECA LDA
RUA DE S. NICOLAU 44-48 TELEFONE 36 93 31 (4 LINHAS)
A VENDA NO SEU HABITUAL FORNECEDOR DE ELECTRODOMÉSTICOS

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
RATO
Obturações; Extracções; Correcção de dentes; Dentaduras
Preços de Policlínica — Consultas das 9 às 20 horas
Calçada Bento da Rocha Cabral (ao Rato)
Telef. 68 41 91

O CONFLITO INDO-PAQUISTANÊS
Se quer obter uma informação de base, sobre o conflito que opõe neste momento a ÍNDIA e o PAQUISTÃO, leia:
ÍNDIA SEM NERHU
Amartya Sen, Gyan Chand, S. Rajan, Dilip Mukerjee e Gunnar Rydström
30$00
PAQUISTÃO
Informação documental
7$50
Está à venda na vossa livraria, ou directamente nas PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
Rua Luciano Cordeiro, 119 — LISBOA

Canon F-1

CANON F1, altamente controlada no seu rendimento, precisão e resistência, é sem dúvida uma máquina de qualidade superior. As suas excepcionais características possibilitam a sua aplicação nos mais vastos campos — desde a fotografia normal; fotografia de osciloscópio e fotocópia até à macrofotografia; microfotografia e astrofotografia.
CANON F1 é a única máquina no mundo que oferece a possibilidade de trabalhar automàticamente sem a intervenção humana; podendo ser accionada à distância ou controlada electronicamente.
A CANON F1 tem ainda pose automática e diafragmas comandados por célula foto-eléctrica.
A CANON F1 é constituída por cerca de 10.000 componentes ela é um maravilhoso produto da ciência e da técnica do nosso tempo.
CANON F1 — UMA GARANTIA DE SUPER QUALIDADE E DURAÇÃO.
CANON — UMA GAMA COMPLETA DE MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS E DE CINEMA.
Informe-se nos bons estabelecimentos da especialidade
sonipol • LISBOA — PORTO

Comece já a pensar na Primavera ...

Este vestido, próprio para todas as ocasiões, é um dos modelos de maior sucesso para Primavera de uma bem conhecida firma inglesa. Executado em fibra sedosa «Tricel», com pequenos motivos estampados em tons de amarelo, é enfeitado com uma barra larga na extremidade com os mesmos motivos, mas em diferentes cores; desta vez sobressaiem o cereja, o laranja e o preto. A vincar a cintura apresenta, ainda, um gracioso cinto, com uma laçada atrás

Hoje na cozinha

COGUMELOS COM TOMATE

400 gr. de cogumelos
2 colheres de azeite
1 1/2 colheres de sopa de concentrado de tomate.
1 limão
sal e pimenta

Limpam-se os cogumelos e cortam-se aos pedaços. Põem-se numa caçarola com o azeite, o sumo do limão, o concentrado, sal e pimenta.

Adiciona-se um pouco de água (para desfazer o concentrado) e deixa-se cozer, com a caçarola tapada durante cerca de 10 minutos.

Deixa-se arrefecer e serve-se acompanhado de rabanetes.

BACALHAU COM LEITE

Bacalhau grosso do lombo 250 gr.
leite, 1 litro
farinha, 1 colher de sopa
margarina, 1 colher de sopa
pepino de conserva, 1 colher de sopa
vinagre, 1 colher de café
sal e pimenta, q. b.

Põe-se o lombo do bacalhau inteiro de molho durante 48 horas. Coloca-se o bacalhau dentro de um tacho coberto com o leite, tempera-se com pimenta e deixa-se ferver em fogo forte cerca de 10 minutos; depois reduz-se o lume e deixa-se continuar a ferver lentamente mais 10 ou 12 minutos.

Retira-se o bacalhau do tacho e coloca-se numa travessa que se põe á boca do forno do fogão para não arrefecer.

A parte derrete-se a margarina junta-se a farinha, envolve-se bem e vai-se misturando o leite da cozedura do bacalhau. Junta-se o pepino de conserva e o vinagre, mexe-se bem e deita-se sobre o bacalhau á hora de servir. Serve-se acompanhado com batatinhas cozidas.

Venha para

ASSISTENTE DE BORDO

se gosta de uma profissão que lhe proporcione

— contactos sociais
— conhecimento de outros países, costumes, mentalidades e culturas
— atractivos e diversidade

e

se possuir bom nível pessoal e uma boa condição física

— for solteira e tiver 18 anos ou não completados os 26
— tiver boa visão sem necessidade de usar óculos
— falar fluentemente francês, inglês (e alemão como valor preferêncial)
— possuir como habilitações literárias mínimas uma secção do 2.º ciclo dos liceus ou equivalente oficial
— tiver mais de 1,55 m de altura

e ainda se

— tiver uma figura elegante
— for atraente, agradável, cortês

e muito cuidada na apresentação

Faça a sua inscrição no Serviço de Pessoal da TAP edifício 25 1.º andar — Aeroporto de Lisboa.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Venha para

COMISSÁRIO DE BORDO

se

gosta de uma profissão que lhe proporcione

— contactos sociais
— conhecimento de outros países, costumes, mentalidades e culturas
— atractivos e diversidade
— bom nível de remuneração

e se

— tiver o serviço militar cumprido ou dele está isento
— ainda não completou 31 anos
— não tem necessidade de usar óculos
— tem boa apresentação (altura mínima 1,65 m)
— possui como habilitações literárias mínimas uma secção do 2.º ciclo dos liceus ou equivalência oficial.
— fala fluentemente francês, inglês (alemão como valor de preferência)

Faça a sua inscrição no Serviço de Administração do Pessoal da TAP — Edifício 25 - 1.º andar — Aeroporto de Lisboa.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

O MAIS PEQU
James de seu
toda a vida em
de partida para

Hoje
na cozinha

MELOS COM TOMATE

. de cogumelos
eres de azeite
colheres de sopa de con-trado de tomate.
o
imenta

pam-se os cogumelos e n-se aos pedaços. se numa caçarola com o , o sumo do limão, o con-do, sal e pimenta. ciona-se um pouco de para desfazer o concen-e deixa-se cozer, com arola tapada durante cer-10 minutos. xa-se arrefecer e ser-acompanhado de rabane-

LHAU COM LEITE

hau grosso do lombo 250

litro
a. 1 colher de sopa
rina, 1 colher de sopa
de conserva, 1 colher sopa
e, 1 colher de café
imenta, q. b.

-se o lombo do bacalhau de molho durante 48 ho-oloca-se o bacalhau den-um tacho coberto com , tempera-se com pimen-deixa-se ferver em fogo cerca de 10 minutos; de-eduz-se o lume e dei-continuar a ferver lenta-mais 10 ou 12 minutos. ra-se o bacalhau do ta-coloca-se numa travessa e põe á boca do forno ão para não arrefecer. arte derrete-se a margari-nta-se a farinha, envol-bem e vai-se misturando e da cozedura do baca-unta-se o pepino de con-e o vinagre, mexe-se deita-se sobre o baca-hora de servir. Serve-se anhado com batatinhas s.

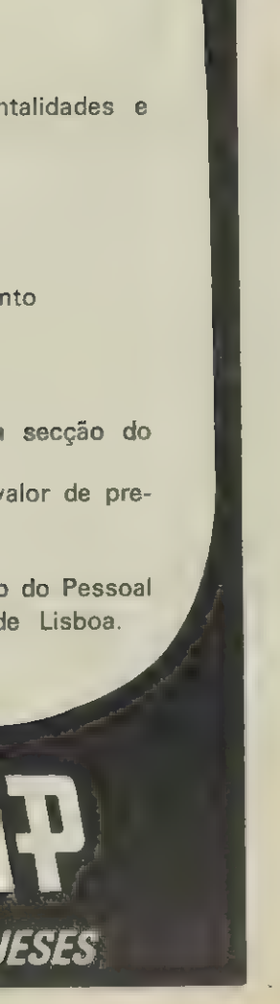
ntalidades e

nto

a secção do

valor de pre-

o do Pessoal
de Lisboa.



"BEBÉZINHO" MARINHEIRO

O MAIS PEQUENO MARINHEIRO DO MUNDO é provàvelmente este bebé de cinco meses, James de seu nome, muito compostinho ao colo da mãe. Pode dizer-se que ele passou quase toda a vida embarcado e agora mesmo voa para Gibraltar, onde o espera o pai, Colin Swale, de partida para uma viagem de 40 mil quilómetros até à Austrália a bordo de um «catamaran». Quando chegar aos Antípodas já gatinha com certeza.

PESSOAL PRECISA-SE

Importante Companhia de Lisboa admite pessoal para os seus quadros

OFERECENDO:

— Profissão digna
— Estabilidade de emprego
— Boas regalias sociais (subsídio de férias, gratificação de Natal, assistência médica e medicamentosa gratuita e outras)

OS CANDIDATOS DEVERÃO TER IDADE ATÉ 35 ANOS, SERVIÇO MILITAR CUMPRIDO, EXAME DO 2.º GRAU E BOM COMPORTAMENTO MORAL, CÍVICO E MILITAR.

ADMISSÃO IMEDIATA

Resposta a este Jornal ao n.º 946

Termel

Unicos com termostato fora da zona de calor, permitindo assim o verdadeiro controle da tempera tura ambiente.

O AQUECIMENTO
MAIS CONFORTAVEL E MAIS SEGURO

com Termel
Termina o frio em sua casa!

Os radiadores TERMEL são fabricados na FINLÂNDIA onde o frio é realmente frio.

DIRIJA-SE HOJE MESMO AO SEU FORNECEDOR DE ELECTRODOMÉSTICOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
Estabelecim. M. Simoes Jr., S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMESTICOS
Rua dos Douradores, 43 tel. 361763 – LISBOA
Rua de St. Antonio, 208 tel. 25581 – PORTO

71-RA-08

AINDA MELHOR QUE CHUVA
REGA POR ASPERSÃO

J.J.GONÇALVES,SUCRS.C.I. S.A.R.L.
ao serviço da lavoura
PROJECTA*ORÇAMENTA*EXECUTA
SOLICITE-NOS INFORMAÇÃO COMPLETA
AZINHAGA DOS LAMEIROS (ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR) – LISBOA-4 – TEL 794095/8

Tem 25 contos?
Tem 1.000 contos?
Tem outra quantia?

ADQUIRA EM COMPROPRIEDADE OS NOSSOS IMÓVEIS

COMPRE APARTAMENTOS EM J. PIMENTA, SARL

INPORMAÇÕES

LISBOA Pr Marquês de Pombal 15 Telef 45843-4784.
QUELUZ -Edifício Sede -R António Enes 25- Tel 952021/2

Locais de construção e venda de propriedades
CASCAIS • PACO DE ARCOS
REBOLEIRA • LISBOA

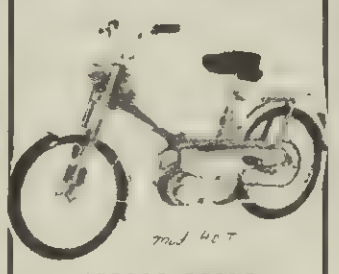
CRIADA EM HAMBURGO UMA "BRINQUEDOTECA"

Um grupo de jovens alemães, na sua maioria professores primários, criou na cidade de Quickborn, a norte de Hamburgo, aquilo a que pode chamar-se a primeira «brinquedoteca». Vejamos do que se trata: na cave de uma escola, reuniram um grande número de brinquedos, para todos os gostos pondo-os todos á disposição da pequenada. A criança chega, escolhe o brinquedo que mais lhe agrada e pode levá-lo para casa a título de empréstimo.

O brinquedo emprestado pode ficar em casa da criança pelo período de um mês, após o que regressará á «brinquedoteca» para fazer as delícias de outras crianças.

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

Mobylette



PREÇOS DESDE
5 290$00

EM LISBOA:
ARMANDO CRESPO & C.ª LDA.
R. do Crucifixo, 120
Tel. 327027

NO PORTO:
CRESPO & BORGES, LDA.
R. Cândido dos Reis, 58
Tel. 23259

AGENTES EM TODO O PAIS

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

MATERNIDADE DR. ALFREDO DA COSTA

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Concurso público para o fornecimento e montagem de um grupo electrogéneo de emergência com motor Diesel e potência de 125 KVA, 100 KW

Faz-se público que na Maternidade Dr. Alfredo da Costa se encontra aberto o concurso público em epígrafe ao qual podem concorrer os empreiteiros detentores de alvará de 1.ª subcategoria da VI Categoria, da 1.ª classe, estabelecida pela Portaria n.º 351/71, de 30 de Junho de 1971.

O caderno de encargos está patente nos Serviços Gerais e Económicos todos os dias úteis, excepto aos sábados, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

O depósito provisório é de 10 000$00 e deverá ser feito na Caixa Geral de Depósitos mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes, segundo o modelo anexo ao caderno de encargos.

As propostas, acompanhadas dos demais documentos legalmente exigidos, serão aceites nos mesmos Serviços até às 17 horas do dia 27 do corrente, realizando-se a sua abertura, pùblicamente, às 16 horas do dia seguinte, no anfiteatro da Maternidade.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1971

O DIRECTOR, *(a) Doutor Jorge Braz*

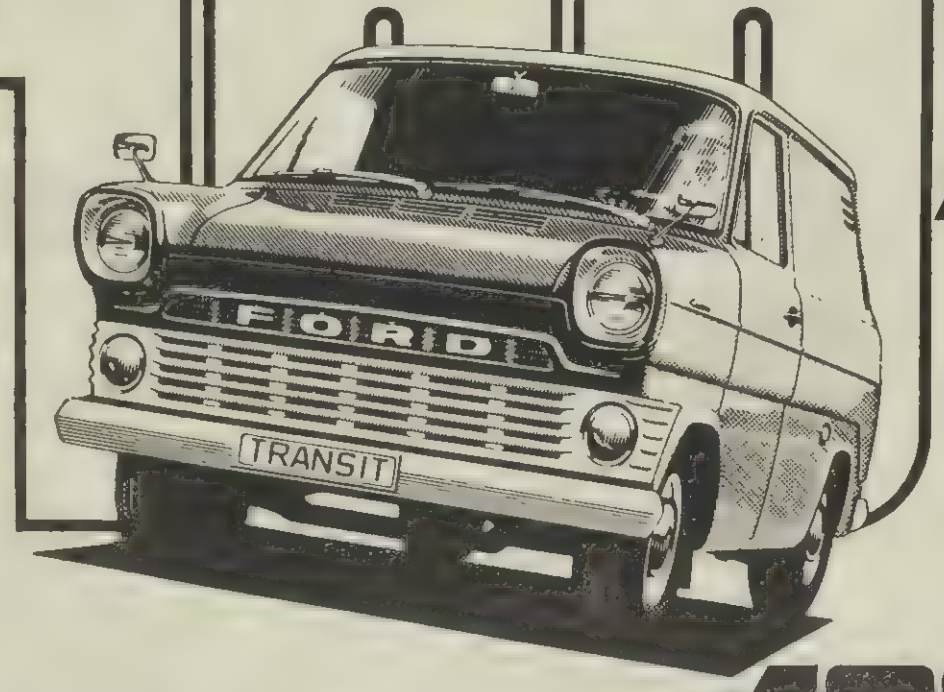
AUTO-BOAVISTA

O CONCESSIONÁRIO QUE USA A IMAGINAÇÃO

Ford

vende a Transit*...

100%



o trabalho rende 100%

*PARA ENTREGA IMEDIATA!

Adquira um FORD de 30/11/71 até 31/1/72, no nosso DEPARTAMENTO DE VENDAS, habilita-se assim ao sorteio de um *AUTO-RÁDIO!*

EM EXPOSIÇÃO:

ESCORT·CORTINA·CAPRI·17M·20M

VISITE-NOS — das 9 h. às 13 h. e das 14.30 h. às 24 h. nos dias 9, 10 e 11 de Dezembro.

R. DA BOAVISTA, 81-B (ao Conde Barão) tel. 671893/669141 (p.p.c. 10 linhas)

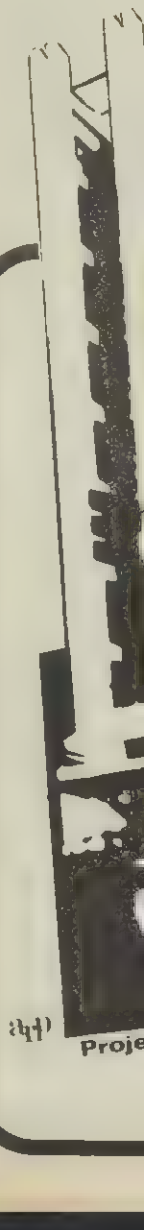
THE KING OF WHISKIES

SANDEMAN SCOTCH WHISKY

PRODUCED AND BOTTLED IN SCOTLAND

A

Cat Stevens é um
europeia. Filho de
de 25 anos. Tinha a
nário tema a que
juntamente com «
um lugar de dest
dos discos. Durante
Reapareceu agora
lado «Tea for the
o qual recuperou o
rouca e o seu en
nome obrigatório n



MBURGO
DOTECA"

es, na sua maioria
a cidade de Quick-
aquilo a que pode
doteca». Vejamos do
na escola, reuniram
edos, para todos os
sição da pequenada.
brinquedo que mais
ra casa a título de

de ficar em casa da
nês, após o que re-
a fazer as delícias de

NISTÉRIO DA SAÚDE
E ASSISTÊNCIA

MATERNIDADE
ALFREDO DA COSTA

ISTÉRIO DA SAÚDE
E ASSISTÊNCIA

curso público para o
ecimento e monta-
de um grupo electro-
o de emergência
motor Diesel e po-
a de 125 KVA, 100
KW

-se público que na Mater-
e Dr. Alfredo da Costa se
tra aberto o concurso
o em epígrafe ao qual po-
concorrer os empreiteiros
ores de alvará de 1.ª sub-
oria da VI Categoria, da
sse, estabelecida pela Por-
n.º 351/71, de 30 de Junho
71.
caderno de encargos está
e nos Serviços Gerais e
micos todos os dias úteis,
o aos sábados, das 9 às
as 14 às 17 horas.
depósito provisório é de
0$00 e deverá ser feito na
Geral de Depósitos me-
guia preenchida pelos
os concorrentes, segundo
delo anexo ao caderno de
os.
propostas, acompanhadas
emais documentos legal-
exigidos, serão aceites
esmos Serviços até às 17
do dia 27 do corrente, rea-
sse a sua abertura, públi-
te, às 16 horas do dia se-
no anfiteatro da Materni-

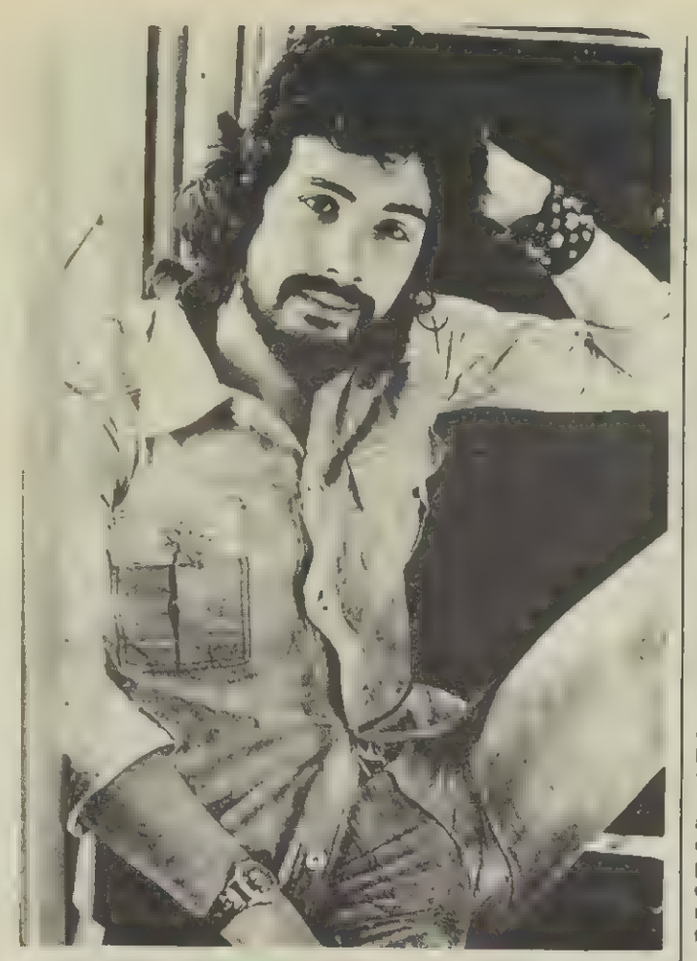
oa, 7 de Dezembro de

DIRECTOR, *(a) Doutor Jorge Braz*

WHISKIES

MAN
CH
KY

BOTTLED
AND



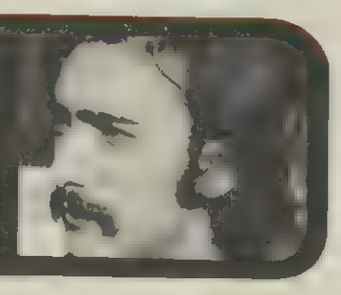
A VOLTA DE CAT

Cat Stevens é um dos nomes mais importantes da música **pop** europeia. Filho de pai grego, nasceu em Inglaterra há cerca de 25 anos. Tinha apenas dezoito quando compôs esse extraordinário tema a que deu o título de «Mathew and son» o qual, juntamente com «I love my dog», bastou para lhe assegurar um lugar de destaque e uma excelente cotação no mercado dos discos. Durante alguns meses Cat esteve gravemente doente. Reapareceu agora de forma espectacular, com um trabalho intitulado «Tea for the Tilkerman», já à venda em Portugal e com o qual recuperou o anterior prestígio. A sua voz agradàvelmente rouca e o seu enorme talento de compositor fazem dele um nome obrigatório na história da música ligeira actual.

A MATURIDADE DE PAULO DE CARVALHO

crítica de DISCOS

José Jorge Letria



Paulo de Carvalho, é indiscutivelemente, uma das figuras mais interessantes da música ligeira não comprometida, feita em Portugal nos últimos anos. Aliás, diga-se, também não há muito por onde escolher. E isto de modo algum deve ser entendido como uma reserva à qualidade da sua produção.

Da ligação profissional, a alguns dos mais importantes agrupamentos musicais portugueses extraiu Paulo de Carvalho as bases (leia-se: prática, rodagem) para o seu trabalho actual.

Paulo de Carvalho é essencialmente um cantor. Manolo Diaz, chamar-lhe-ia «cantante». Isto é: alguém que empresta a voz, como pode e sabe, às melodias alheias (às suas eventualmente) e também às palavras que por uma questão de hábito, se encaixam com maior ou menor dificuldade na música.

Paulo de Carvalho não parece estar nada preocupado com o significado das palavras que canta; não pensa sequer em assumir a um nível extra-musical as propostas que possam estar contidas no que interpreta. Joga-se à música pela música.

Tudo é, em suma, susceptível de ser cantado, desde que possua a indispensável dose de qualidade que leva a distinguir o «bom» do «mau» e encarar com relutância o «medíocre». Integrado com Fernando Tordo e Duarte Mendes (os três já estiveram em edições do festival da canção) num movimento que alguns pomposamente designam por «internacionalista», Paulo de Carvalho prepara-se visìvelmente para a abordagem do mercado internacional. O seu nome será aliás, segundo cremos, um dos propostos para o MIDEM (Mercado Internacional de Discos e Edições Musicais) a realizar em Cannes em 1972. O que em termos de lucro é bastante significativo.

Posto isto falemos de «Eu, Paulo de Carvalho», um 33 rpm., com selo Movieplay, que dentro de poucos dias surgirá em força no mercado nacional. Trata-se dum trabalho com carácter mais ou menos antológico, no qual, a par de alguns títulos inéditos, aparecem, repensados e reinterpretados, alguns «temas de êxito» do cantor.

Apoiado por uma poderosa máquina publicitária, canta, grava e aguarda os resultados. O seu público está assegurado e, através dele, a rentabilidade dos discos que faz.

O disco, que contém dez títulos, foi gravado entre 24 e 26 de Agosto de 1971 nos estúdios Celada de Madrid e na Polysom de Lisboa. As orquestrações vêm assinadas respectivamente por Thilo Krassman (nove títulos orquestrados) e Pedro Osório (um, apenas).

Dos vários temas, merece referência especial «It's been a long time» (Paulo de Carvalho-Vasco de. onha)no qual o intérprete de «Flor sem Tempo» tem um excelente trabalho de vocalização, muito bem enquadrado pela orquestra. Nesta faixa, a primeira do lado A, é apreciável o trabalho da secção de metais, bem apoiada pela bateria e pelo baixo, primorosamente executado.

«Don't leave me alone» (2.ª do lado A), conta também com uma excelente interpretação de Paulo de Carvalho. «Bitter Wine» (assinado por Kevin Hoidale, do conjunto «Objectivo»), vale pela construção melódica e pela orquestração.

«Peter and Paul», tema assinado por Ruy Ressurreição e Isabel Matta, que já conhecíamos na interpretação original do extinto conjunto «Os Alamos», tem também um magnífico trabalho vocal do intérprete. «Ana» e «Flower to be free», (versão inglesa de «Flor sem Tempo») são alguns dos temas já conhecidos, que aqui se repetem, com nova interpretação.

Na orquestra, que tem cerca de quarenta elementos, parecem-me destacáveis as intervenções do magnífico sax-tenor Pedro Iturralde e do viola baixo (cujo nome desconhecemos), que recentemente integrado na orquestra da TVE, voltou a acompanhar Paulo de Carvalho no Torremolinos 71.

Sobre este disco mais duas palavras apenas: estamos na presença de um cantor com uma razoável maturidade que faz de «Eu, Paulo de Carvalho», com o auxílio da orquestra e com o apoio (nem sempre eficiente) dos coros, um dos trabalhos mais homogéneos que por cá têm aparecido nos últimos tempos. O mercado dirá o resto.

No disco, que, dum ponto de vista comercial, foi planificado até à exaustão, as palavras têm um papel deliberadamente acessório, (quase não valia a pena dizê-lo). Outra coisa, aliás, não seria de esperar de quem da (e na) música não pretende senão o «gozo» de cantá-la (e o posterior «prazer» de vendê-la).

um edifício aberto ao ritmo do trabalho

Numa rua de vocação comercial, a Rua Castilho, que se está a valorizar a ritmo acentuadamente rapido, construimos um universo de aptidões comerciais
O edifício é constituido por uma **zona de lojas,** os três pisos acima do nivel da rua (4.º, 5.º e 6.º pisos) que vive a vida própria dos grandes centros comerciais, **cinema** e **zona de escritórios** em espaços polivalentes que se adaptam a qualquer tipo de necessidades, e possui um **amplo estacionamento.** Em breve poderá visitar no edifício um andar-modelo que lhe dará a exacta medida das suas capacidades.
Peça informações à GI - Sociedade de Gestão Imobiliária, SARL, na Rua D. Pedro V, 2 a 6, Lisboa. T 32 51 27 / 32 70 12

Projecto · Atelier Conceiçao Silva Construçao · ENGIL

SOCIEDADE DE GESTÃO IMOBILIÁRIA SARL gi

Para o período de 12 a 18 de Dezembro

horōscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: — A semana apresenta-se bastante amena e agradável para si, no que se refere à sua vida familiar. Duma maneira geral o seu ambiente doméstico será bastante harmonioso e feliz o que se reflectirá favorávelmente nas suas relações de natureza sentimental.

DINHEIRO: — Não terá problemas importantes a resolver neste capítulo, desde que não se deixe arrastar pelas tentações que o podem levar a fazer despesas exageradas, incompatíveis com os seus recursos.

PROFISSÃO: — Deixe para mais tarde as alterações que pretende introduzir na sua vida profissional, pois o momento não é propício para isso. Por agora limite-se ás suas actividades e tarefas habituais, fazendo o possível por cumpri-las conscienciosamente, escrupulosamente.

SAUDE: — Embora não haja motivos para preocupações importantes com a sua saúde, durante esta semana, será conveniente que procure poupar as suas energias.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: — Atravessa neste momento um período verdadeiramente magnífico, em tudo o que de qualquer modo, se relacione com a sua vida e com os seus interesses amorosos. Terá oportunidades de realizar alguns dos seus sonhos mais queridos neste capítulo.

DINHEIRO: — Também no aspecto financeiro a semana em curso se apresenta bastante propícia aos seus interesses. Obterá excelentes lucros.

PROFISSÃO: — As suas influências para esta semana dar-lhe-ão a possibilidade de marcar um novo e importante passo em frente, no caminho do êxito do progresso. Aproveite as circunstâncias felizes que encontrará, pois nem sempre terá oportunidades como as actuais.

SAUDE: — O seu estado de saúde será bastante melhor do que no período anterior, graças aos bons aspectos planetários que o protegem.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: — As suas influências astrológicas para este período apresentam-se duma maneira geral favoráveis aos seus interesses sentimentais, embora não seja de esperar uma melhoria importante da sua situação. Contente-se com os pequenos progressos actuais enquanto não resolve definitivamente os problemas que o preocupam.

DINHEIRO: — Não são de esperar resultados fora do normal, durante a semana em curso. A situação mantém-se progressiva a um ritmo lento.

PROFISSÃO: — Se as suas actividades profissionais lhe oferecem a possibilidades de efectuar uma viagem importante, mesmo ao estrangeiro, não hesite em fazê-la, pois seria muito bem sucedida e agradável. De qualquer modo a semana é favorável para os seus interesses profissionais.

SAUDE: — Não se notam possibilidades de contratempos importantes no que se refere ao seu estado de saúde, durante a semana em curso. No entanto, não deve pôr de lado umas certas precauções sempre necessárias.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: — Prepare-se para enfrentar toda uma série de contrariedades e obstáculos durante esta semana, na sua vida sentimental e familiar. Se não usar de muita prudência na sua maneira de proceder poderá mesmo criar complicações susceptíveis de afectarem a sua tranquilidade futura.

DINHEIRO: — Não se preocupe demasiado com os problemas de ordem material, pois não há motivos para isso. Desvie a sua atenção para outros assuntos que neste momento são mais importantes para si.

PROFISSÃO: — Se tiver possibilidade de pedir umas férias neste momento, deve fazê-la sem hesitar, pois encontra-se em más condições para trabalhar, e o seu rendimento ressentir-se-á disso, evidentemente. Se não poder afastar-se por uns tempos procure cumprir o melhor possível.

SAUDE: — Tome precauções contra possíveis perturbações de saúde que durante esta semana poderão afectar sobretudo os brônquios ou os pulmões.

LEO

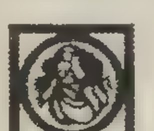
(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: — A semana apresenta-se duma maneira geral pouco favorável para os seus interesses sentimentais, pelo que deve usar de todo o cuidado na sua maneira de proceder, de modo a evitar possíveis complicações. A sua vida familiar evoluirá igualmente em condições pouco satisfatórias para os seus interesses.

DINHEIRO: — Evite as despesas demasiado elevadas, que poderiam criar-lhe situações deveras embaraçosas e difíceis de resolver.

PROFISSÃO: — Prepare-se para enfrentar obstáculos importantes dentro das suas actividades profissionais durante este período. Existem alguns problemas que terão de ser resolvidos esta semana, sob pena de complicações futuras.

SAÚDE: — O seu coração continua a dar-lhe motivos para preocupações, pois notam-se algumas perturbações no seu funcionamento.



VIRGO

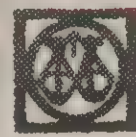
(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: — Atravessa neste momento um período inteiramente favorável para si, no que se refere aos seus assuntos de natureza sentimental. Terá mesmo oportunidades de realizar, em condições muito satisfatórias, os seus sonhos mais importantes neste capítulo.

DINHEIRO: — Período bastante benéfico para si, sob o ponto de vista financeiro. A sua situação material registará uma sensível melhoria.

PROFISSÃO: — Não deixe para mais tarde as iniciativas e empreendimentos que tem vindo a acalentar e que poderão proporcionar-lhe resultados muito interessantes. Não se deixe ultrapassar pelos acontecimentos ou mesmo por possíveis competidores.

SAUDE: — O seu estado de saúde será muito bom, durante esta semana, não havendo portanto complicações a recear nesse sector.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: — Semana mais ou menos favorável embora não seja ainda neste período que conseguirá realizar os seus projectos de ordem amorosa. Tenha paciência e aguarde que as coisas se componham. Na sua vida familiar, tudo correrá normalmente, sem acontecimentos especiais a assinalar.

DINHEIRO: — Pode sem receio adoptar uma posição um pouco mais audaciosa, na orientação dos seus assuntos económicos, pois obterá resultados satisfatórios.

PROFISSÃO: — As suas actividades profissionais evoluirão em condições bastante vantajosas para os seus interesses, durante a semana em curso. Se souber aproveitar todas as oportunidades que a semana lhe porporcionará, conquistará sem dúvida uma posição bastante mais destacada.

SAÚDE: — Use de cuidado com a sua saúde, especialmente no que se refere ao seu sistema nervoso.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: — Não deixe de dedicar á sua vida familiar toda a atenção e interesse que ela merece, pois poderia com essa atitude isolar-se, afastar-se demasiado dos seus familiares. Sob o ponto de vista sentimental o período não traz nada de novo, nada que tenha realmente interesse.

DINHEIRO: — Prossiga nos seus esforços e tentativas orientando-os no sentido de conquistar uma posição mais desafogada. Será muito bem sucedido se souber conquistar e aplicar o seu capital.

PROFISSÃO: — As suas relações com os seus colegas superiores ou associados, no âmbito das suas actividades profissionais atravessam neste momento um período de crise, pelo que será aconselhável dedicar uma certa atenção a esse assunto. Se não o fizer agora pode perder para sempre a possibilidade de remediar os erros que praticou.

SAUDE: — O momento é bastante desfavorável para a sua saúde, sendo de recear algumas complicações de certa importância. Adie para outra altura mais favorável qualquer operação cirúrgica que tenha de fazer.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: — Adopte uma atitude de reserva e de grande prudência no que se refere aos seus assuntos sentimentais, pois alguém tentará durante esta semana prejudicar os seus interesses desvirtuando as suas intenções e levantando dúvidas acerca da sinceridade dos seus sentimentos. Use de todo o cuidado porque a situação é deveras perigosa.

DINHEIRO: — Não se entusiasme demasiado com algumas promessas que porventura lhe façam e que apenas na aparência são interessantes.

PROFISSÃO: — Se tem em vista uma transformação mais ou menos radical da sua situação profissional, uma mudança de emprego ou mesmo de profissão, é esta a altura de começar a pensar sériamente na realização desse projecto. Os seus esforços serão bem sucedidos.

SAÚDE: — O seu sistema circulatório poderá sofrer algumas perturbações durante a semana em curso. Tome as medidas aconselhadas pelas circunstâncias.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: — Período bastante favorável para si, no plano sentimental. As suas influências planetárias para esta semana são igualmente muito benéficas para os seus interesses familiares e ainda para as suas relações de amizade, que se desenvolverão em condições muito agradáveis.

DINHEIRO: — Não perca a esperança de conquistar uma posição digna de si, da sua capacidade e da sua inteligência. A semana em curso será mais um passo em frente nesse sentido, se souber agir com habilidade.

PROFISSÃO: — Não deixe escapar a magnífica oportunidade que durante esta semana lhe será oferecida de melhorar a sua situação profissional. Terá possibilidades de iniciar um trabalho novo, provàvelmente por conta própria ou em sociedade, com resultados acima do previsto.

SAUDE: — Não se esqueça dos cuidados que deve dispensar a si próprio, pois o momento pode trazer-lhe complicações de saúde.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: — Passe uma esponja sobre alguns acontecimentos desagradáveis que se produzirão durante esta semana, no âmbito da sua vida sentimental. Se levar as coisas a sério pode estragar tudo, e para sempre.

DINHEIRO: — Deixe para mais tarde os projectos grandiosos que tem estado a traçar pois o momento não é propício para a sua realização.

PROFISSÃO: — Não deixe de dedicar ás suas actividades profissionais toda a atenção que a situação requer. Uma negligência ou descuido da sua parte seriam o suficiente para deitar por terra grande parte dos resultados conseguidos até este momento.

SAUDE: — Tome cuidado contra possíveis infecções ou doenças de pele, que neste momento poderiam afectá-lo.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: — Período bastante perigoso para os seus interesses, no que diz respeito à sua vida familiar. Defenda a sua posição com energia e inteligência mas sem obstinação, sem se estribar em posições rígidas que tornam impossível qualquer acordo. No plano sentimental nada de novo a assinalar.

DINHEIRO: — Terá de resolver alguns problemas de ordem económica, durante a semana em curso. Será bem sucedido se não se precipitar.

PROFISSÃO: — As suas actividades e interesses de natureza profissional atravessam uma fase de certo modo difícil, visto que as coisas estarão longe de correrem à medida dos seus desejos. No entanto não há motivos para alarme, pois tudo se remediará se souber esperar o momento próprio para agir.

SAÚDE: — Sob o ponto de vista físico a semana será mais ou menos normal. Com efeito não se notam perturbações de saúde importantes durante esta semana.

compre já! no melhor preço uma cozinha AEG

ADAPTÁVEIS A QUALQUER ESPAÇO

Casa Júnior

AGENTE AUTORIZADO

RUA DO ALECRIM, 19 A - 21 A - TEL. 32 10 53
RUA DE S. PAULO 29 1.º TEL. 32 86 63 - LISBOA

HORUS

QUIRO-ASTRÓLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

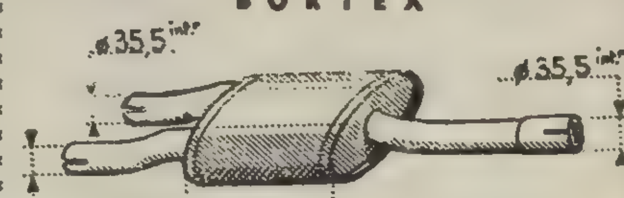
OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

SILENCIOSOS E TUBOS DE ESCAPE

BORTEX



O nosso fabrico está garantido, por processos modernos todos mecanizados assim como a montagem rápida e preços excepcionais

Consulte-nos e verá

SEDE: Rua Marquês de Fronteira, 110 P. P C. 651945-650763-

FÁBRICA: Rua Vitor Cortes, 10-12—PONTINHA—Telef 990051

SECÇÃO DE MONTAGEM DE ESCAPES: Rua do Arco de Carvalhão 75-A — LISBOA

GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS

Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais.

Escreva hoje mesmo a CONTINENTAL LABOR, Ref. 13, Calle Calvet, n.º 5 — Barcelona (Espanha).

á!
r
nha

QUER ESPAÇO

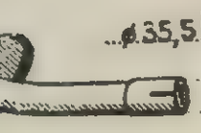
nioh
ORIZADO
1 A - TEL. 32 10 53
32 86 63 - LISBOA

US
LAPA
LOGO
carà a conhecer

NTES da sua vida, os
avoráveis que lhe estão
TULOS DA SUA EXIS-

rmações de grande inte-
Destino...
às 12 e das 14 às 19
nte (Junto à Praça do

OS DE ESCAPE
X



processos modernos todos
gem rápido e preços

P P C. 651945-650763-

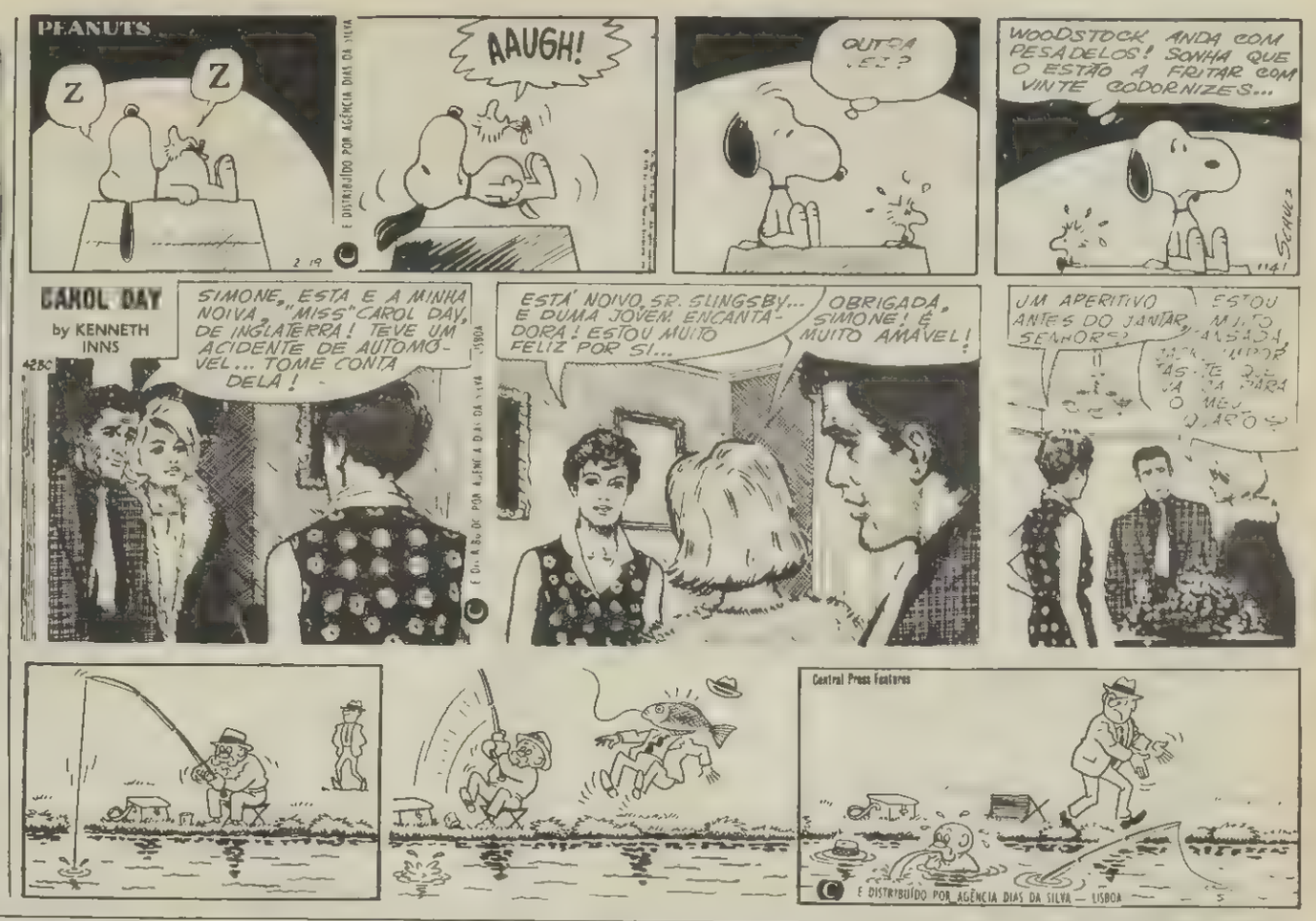
ONTINHA—Telef 990051
Rua do Arco de Carvalhão

CUDOS MENSAIS
em actividades modernas,
os com conhecimentos

NTAL LABOR, Ref. 13,
anha).

"Cosme", o cavaleiro do espaço

É esse o nome deste trabalho escultórico exposto no aeroporto de Orly, representando um autómato espacial. O «monstro» (que acende e apaga constantemente) demorou um ano a ser construído, e possui 2 000 lâmpadas de diferentes tamanhos e formatos, ligados por 25 728 metros de fios!

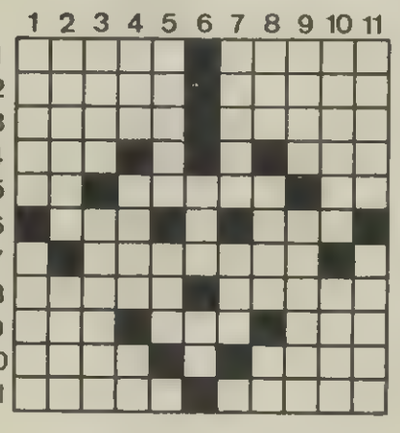


palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 9944

HORIZONTAIS

1 Esbarrar e não andar. Pessoa magra (Fig)
2 Limpei com vassoura Voejar
3 Lavrais. Freguesia do concelho e distrito de Aveiro
4 Chefe etíope. Rio da Suíça
5 Preposição latina que designa movimento. Varão Basta.
6 Vazia. Íntimo
7 Emparelho
8 Cidade do estado do Paraná (Bras). Defunto
9 Despida. Recusa. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho
10 Tempo (Fig). Cidade da Roménia
11 Natural da Arábia Sacudo



VERTICAIS

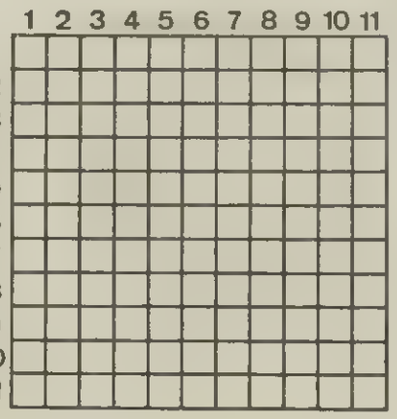
1 Espécie de palmeira do Brasil. Conquista
2 Que tem tara (Fig). Transpiração
3 Rezas. Unira por casamento
4 Apelido. Planta espinhosa de Angola. Prefixo de afastamento.
5 Sulco. Rio de França
6 Freguesia do concelho de Torre de Moncorvo. Ouro (s.q)
7 Nome de várias plantas do Brasil. Patrão
8 Pronome pessoal. Ilha grega uma das Cíclades. Borio (s.q inv.º)
9 Estiagem. Habitara
10 Árvore silvestre do Brasil. Cidade e porto das Filipinas
11 Ave trepadora. Salário

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6102

HORIZONTAIS

1 Pequena aldeia. Gole
2 Escavara. Roas
3 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Passa rápidamente (fig). Grito
4 Afia. Sacerdote que pastoreia uma pequena povoação (pl).
5 Serra de Portugal. Lavrar
6 Ouro (s.q). Doutor
7 Preposição. Briga. Viração
8 O mesmo que porcos (prov.). Albergue.
9 Rio de Portugal. Preposição e artigo definido (pl). Consentimento.
10 O mesmo que rabino. Delicadeza
11 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Naipe das cartas de jogar



VERTICAIS

1 Juba. Desculpa
2 Dispõe em camada. Divídira ao meio
3 Pequena rede de pesca (Bras). Filtras.
4 Atmosfera. O mesmo que loureiro (planta). Bismuto (s.q)
5 Banhar. Empregais
6 Campeão
7 Esboço (fig). Consumo
8 Nome que os Egípcios davam ao sol. Trames. Medida itinerária do Japão equivalente a cerca de 4 quilómetros
9 Sofrer. Rio da Alemanha
10 Resfriar. Género de batráquios, cujo tipo é o sapo-parteiro.
11 Sufixo que designa abundância (pl). Gravuras a cores

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9943

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Patos. Morar	1 Pambo. SAÍDA.
2 Amora. Acera	2 Amuei
3 Musas. Lapas	3 Toscas. Ada
4 BECO. Sima.	4 Orão. Alaram.
5 Oiã. Cid. SEM.	5 Sãs. Cortara
6 São. Ema.	6 Ft. Or
7 Sm. Troce. Ps.	7 Mal. Decorai
8 Ao. Atroz. Rã.	8 Ocas. Mezena
9 Isara. Reler.	9 Repisa. Lar
10 Dar. Ana.	10 Arame. Pré
11 Abama. Taras.	11 Rasam. Sares

Provérbio: BECO SEM SAÍDA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6101

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Vassá. Zaimo	1 Vilas. Ficas
2 Imos. Usas	2 Amigos. Tope
3 Lis. Ana. Cos	3 Sósia. Ramal
4 Agias. Gramo	4 SS. Arna. Ira
5 Soara. Roses	5 Asar. Laos
6 Nicos.	6 Rn. Coa.
7 Rã. As	7 Agro. Sadi
8 Ita. Lás. Upa.	8 Au. Rosa. Bar
9 Comia. Abris	9 Iscas. Surdo
10 Aparo. Dados	10 Maomet. Pios
11 Selas. Iroso	11 Ossos. Passo

Despache-se por favor...

É escusado mãe, tem de dormir cá em casa: o João decerto concorda comigo. É impossível sair de casa com toda esta neve

Querida, o que è que você faz para manter tanto tempo o seu marido em casa?

Cachorros de hoje cinco escudos, cachorros de domingo passado dez tostões

Sem legenda

... e olha que só acelerei um bocadinho!

Omega, o relógio de prestígio e renome reconhecidos em todo o Mundo

1 DE VILLE

2 GENÈVE

3 CONSTELLATION

4 MEMOMATIC

5 SEAMASTER COSMIC

6 DYNAMIC

1 DE VILLE
Automático, modelo parisiense, linhas modernas. Esc. 3.000$00

2 GENÈVE
Modelo clássico, de linhas sóbrias. Esc. 1.800$00

3 CONSTELLATION
Automático, calendário duplo (dia e data), com boletim do Observatório. Esc. 5.800$00

4 MEMOMATIC
Calendário. O único relógio no Mundo com despertador também automático. Esc. 4.900$00

5 SEAMASTER COSMIC
Automático, calendário. Há, também, com indicação do dia da semana. Esc. 3.000$00

6 DYNAMIC
A sua forma anatómica diferencia-o de todos os relógios. Esc. 2.750$00

SEJA QUAL FOR A POSIÇÃO SOCIAL OU A VIDA PROFISSIONAL, NA COLECÇÃO OMEGA HÁ SEMPRE UM RELÓGIO QUE SATISFAZ

OMEGA

OMEGA, APRESENTA SEMPRE UMA INCOMPARÁVEL VARIEDADE DE MODELOS

Algumas Agências Oficiais em Lisboa:

JOALHARIA AUREA
Rua do Ouro, 89

RELOJOARIA MAURY
Rua do Ouro, 202

NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-E

OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 257

RELOJOARIA SUIÇA
Rua do Ouro, 252

TORRES JOALHEIROS
Rua do Ouro, 255

DIADEMA JOALHEIROS
Rua do Ouro, 166

OURIVESARIA DA ESTEFÂNIA
Rua Pascoal de Melo, 150

OURIVESARIA DO IMPÉRIO
Av. Almirante Reis, 102-C

OURIVESARIA LEANDRO
Rua Francisco Metrass, 61

JOALHARIA MONTIL
Rua Morais Soares, 95-B

OURIVESARIA MOURÃO
Rua da Prata, 200

ASSIM VAI O NOSSO DESPORTO

Enquanto Meirim bota falas (longe das togas e dos escrivães) e proclama que, sob sua batuta, NÃO HAVERIA PAI para a selecção nacional e, longe de si, o Belenenses irá de mal a pior, o major Baptista da Silva, que dirigiu o trânsito e já sabe o que é futebol, toma conta das rédeas dos «azuis» e promete que o MESMO Belenenses terá cotação mundial no areópago do futebol.

Enquanto o Vitória de Setúbal abre mão de continuar na «Taça da U. E. F. A.» a favor de um Arad (disfarçado de clube corporativo, o MESMO Vitória não deixa perder tudo: e logo garante o concurso (quase in temporae) do buliçoso Octávio. Garantido, assim, uma boa parte do património do clube.

Enquanto Eusébio não morre e continua a fazer MISÉRIA nos terrenos da defesa contrária, o Benfica (leia-se Hagan) lá deixa Toni ir fazendo o gosto ao pé: uns pontapézitos para ir tendo direito ao prémio inteiro. Quase o MESMO que sucede em relação a Lourenço, mas noutras bandas.

Enquanto Paulo Amaral vai tomando conta do «timinho» e o Futebol Clube do Porto parece ficar sem o controlo de Afonso Pinto de Magalhães, os «azuis-brancos» voltam a ter extremos na linha: desde que Artur Baeta reeditou essa máxima fundamental ao futebol moderno nunca mais o «team» das Antas perdeu um cotejo. Com os MESMOS jogadores.

Enquanto o Estádio do Jamor vai servindo para treinos ou festas com pombinhos, a selecção nacional de juniores vai para a Tapadinha e perder (contra uns suíços apenas bem alimentados) a possibilidade de ir a Barcelona, no passo seguinte da MESMA prova europeia em que já se sentou no cadeirão grande.

Enquanto Elvas descobre a maneira de ser desportivamente guindada ao seu antigo passado, por via e obra de um trimilionário fortuito, não existe Totobola que valha a Faro ou Vila Real, onde não há meio de nascer um pavilhão gimnodesportivo. Ou, MESMO mudar-se para lá um dos que estão sem serventia noutras províncias.

Enquanto na esgrima os organizadores não conseguem descobrir concorrentes para uma prova qualquer, anda-se por aí à espadeirada contra quem quer que seja. É só ler os boletins de alguns clubes, onde a confusão é tão grande que até se reproduzem os trechos mais edificantes de diatribes proferidas em assembleias. E tudo leva pela medida grande: nem que sejam antigos colegas dos escribas ou MESMO ex-amigos do apito na boca

Enquanto tudo isso sucede, o tempo faz que chove mas não chove, apela pelo sol e ele não vem. Valha-nos isso: para todos olharmos e haver acordo.

NEVES DE SOUSA

CONCURSO

Sem

Aqui há s
imaginaram q
tir dinheiro p
da «Conta-Co
do: ao leitor
participante n
memoramos
nada pedimo
cácia e saga
produtos esse
leitor comum.

Como já sa
participante a
do nosso jorn
anunciantes
mos nesta pá
os anunciante
nesta iniciativ
leitores do «

D
a
Comp
a máq
de lav
inigua
• super
• funci
• resist
• elega
• e prov
25 an

Compre
Estabele
a sua Ca
GRÁTIS
2 magníf
no valor
moderno

Bene
CALÇADA
Av. Combat

ASSIM VAI O NOSSO DESPORTO

Quanto Meirim bota falas das togas e dos escri- e proclama que, sob sua , NÃO HAVERIA PAI pa- elecção nacional e, longe o Belenenses irá de mal , o major Baptista da Sil- ue dirigiu o trânsito e já o que é futebol, toma con- s rédeas dos «azuis» e ete que o MESMO Bele- s terá cotação mundial eópago do futebol.

Quanto o Vitória de Se- abre mão de continuar faça da U. E. F. A.» a de um Arad (disfarçado ube corporativo, o MES- tória não deixa perder tu- logo garante o concurso e in temporae) do bu- Octávio. Garantido, as- ma boa parte do patri- do clube.

Quanto Eusébio não morre ntinua a fazer MISÉRIA errenos da defesa con- o Benfica (leia-se Ha- á deixa Toni ir fazendo to ao pé: uns pontapézi- ara ir tendo direito ao o inteiro. Quase o MES- ue sucede em relação rença, mas noutras ban-

Quanto Paulo Amaral vai do conta do «timinho» e ebol Clube do Porto pare- car sem o controlo de o Pinto de Magalhães, os s-brancos» voltam a ter nos na linha: desde que Baeta reeditou essa máxi- ndamental ao futebol mo- nunca mais o «team» Antas perdeu um cotejo. os MESMOS jogadores.

Quanto o Estádio do Ja- vai servindo para treinos tas com pombinhos, a se- o nacional de juniores vai a Tapadinha e perder a uns suíços apenas bem ntados) a possibilidade de Barcelona, no passo se- e da MESMA prova euro- em que já se sentou no rão grande.

Quanto Elvas descobre a ira de ser desportivamen- ndada ao seu antigo pas- por via e obra de um onário fortuito, não existe ola que valha a Faro ou Real, onde não há meio de r um pavilhão gimnodes- o. Ou, MESMO mudar-se á um dos que estão sem ntia noutras províncias.

Quanto na esgrima os or- adores não conseguem brir concorrentes para prova qualquer, anda-se í à espadeirada contra quer que seja. É só ler letins de alguns clubes, a confusão é tão grande té se reproduzem os tre- nais edificantes de diatri- proferidas em assem- . E tudo leva pela medida e: nem que sejam antigos as dos escribas ou MES- -amigos do apito na boca

Quanto tudo isso sucede, npo faz que chove mas chove, apela pelo sol e ão vem. Valha-nos isso: todos olharmos e haver o.

NEVES DE SOUSA

DL Conta Corrente

Sem gastar um centavo a mais apanhe a fortuna com as duas mãos

Aqui há semanas, muitos leitores imaginaram que era necessário investir dinheiro para conquistar os pontos da «Conta-Corrente». Nada mais errado: ao leitor do «Diário de Lisboa», participante na iniciativa com que comemoramos cinquenta anos de vida, nada pedimos para além de perspicácia e sagacidade na aquisição dos produtos essenciais ao quotidiano do leitor comum.

Como já salientámos, basta que o participante acompanhe, nas colunas do nosso jornal, a lista de marcas e anunciantes que diàriamente incluimos nesta página. Porque, basta que os anunciantes que nos acompanham nesta iniciativa sejam preferidos pelos leitores do «DL» nas aquisições do seu dia-a-dia, para o caminho para a fortuna ficar aberto. A simples compra quotidiana dos pequenos objectos que são essenciais à vida projecta o seu comprador na rampa que conduz à fortuna.

Este é o mérito maior da «Conta-Corrente»: a homenagem que fazemos aos leitores, aos nossos companheiros de todas as horas. O participante na «Conta-Corrente» não se submete a sorteios: basta-lhe ir elaborando (quotidianamente) a sua «folha de pontos» e ir deitando contas à vida. Cada compra, efectuada na firma ou da marca que aconselhamos aos leitores do «Diário de Lisboa» representa um ponto: e com muitos pontos **enche-se** a «Conta-Corrente».

CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em 11 de Dezembro de 1971

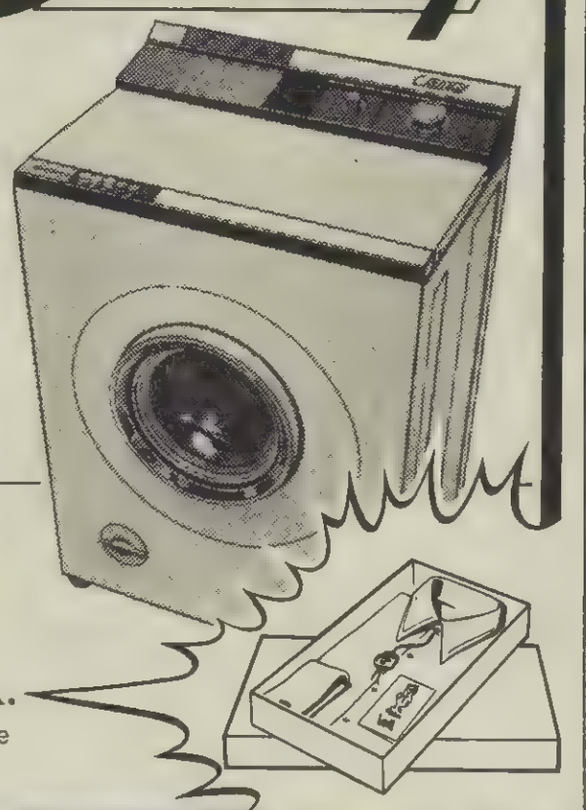
MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Austin-Austin J. J. Gonçalves	5			
Editorial Inova Limitada	7			
Junkers	8			
Datsun-Entreposto	9/19			
TAP	10/12			
Canon F-1	10			
Icesa	11			
Drambuie-J. A. Costa Pina	13			
Super-Ser	13			
Parker	14			
Stória-Editec	16			
Logan	17			
Duromatic	20			
Heidsieck e C.ª- Monopole	21			
Publicações Europa América	21			
Grundig	22			
Audi NSU	23			
Excursões C.P./Madrid	26			
Agfamatic	Dois			
Morris-A. M. Almeida	Três			
Jante GT-Renault	Quatro			
Akai	Quatro			
Toyota	Seis			
Efacec	Sete			
J. Pimenta	Oito			
OCL-Olavo Cruz Lda.	Nove			
Mazda	Dez			
Daga	Onze			
Cometna	Doze			
Grundig	Doze			
Chalgás	Catorze			
Lamy	Dezasseis			
Sony	Dezasseis			

Dê mais valor ao seu dinheiro!

Compre uma Candy

a máquina de lavar roupa inigualável

- super automáticas
- funcionais
- resistentes
- elegantes
- e provadas por 25 anos de fabrico



Compre nos Estabelecimentos Cancela a sua Candy e receba GRÁTIS 2 magníficas camisas V. A. no valor de 400$00, de corte moderno, para seu marido.

Beneficie do nosso novo sistema de pagamento

estabelecimentos Cancela

CALÇADA DO COMBRO, 17 a 31 - LISBOA
FILIAIS: Avenida D. Afonso Henriques, 20 - Almada
Av. Combatentes da Grande Guerra, 85-B - Algés — Rua José Joaquim Marques, 102-106 - Montijo

Rectro-auricular

SURDOS

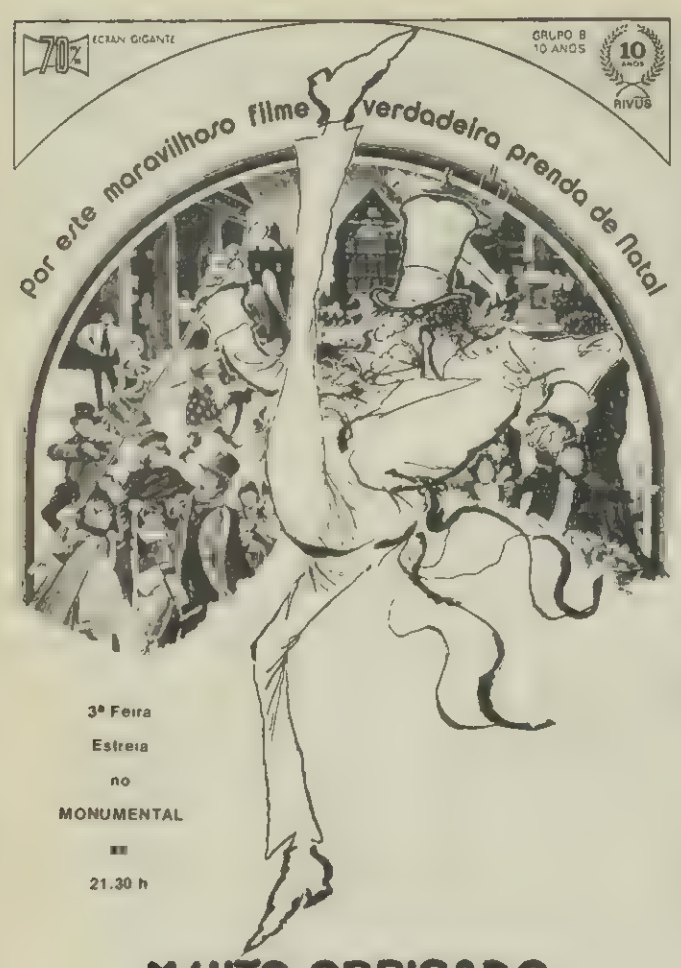
PRENDA DO NATAL

Entramos no mês de NATAL, época das FESTAS, dos PRESÉPIOS, sapatinhos na chaminé aguardando as prendas do menino JESUS

Para as pessoas surdas a prenda mais valiosa é um SONOTONE para que na noite da consoada possam ouvir os seus entes queridos viverem

Eu agora ouço bem! Graças ao Senhor! Não deixem para amanhã as experiências que é grátis e a aquisição a preços sem competência, trocas, facilidades de pagamento, assistência técnica garantida tudo encontrareis para bem vos servir na CASA SONOTONE em

LISBOA — Poço do Borratem, 33, s/l — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92, 1.º — Telef. 35602
LUANDA-Angola — Rua António Enes, 42, 2.º Apartado 26



3ª Feira
Estreia
no
MONUMENTAL
21.30 h

MUITO OBRIGADO,
SR. SCROOGE

ALBERT FINNEY
"SCROOGE"
EDITH EVANS • KENNETH MORE
E com Laurence Naismith · Michael Medwin
David Collings · Anton Rodgers · Suzanne Neve
ALEC GUINNESS
A Cinema Center Films Apresenta

Cântico de Natal, uma das mais notáveis novelas de Charles Dickens que inspirou este filme, será em breve posta à venda em Portugal nos livros R.T.P.

Em complemento: «ABRANTES - A ARTE E A VIDA» - documentário a cores, real. da Faria de Almeida, prod. Telecine Moro.

Caminhos de Ferro Portugueses

informação

NATAL - E ANO NOVO

LISBOA-GUARDA
(via Beira Baixa)

HORARIO DOS COMBOIOS ESPECIAIS

Por motivo das FERIAS DO NATAL E ANO NOVO efectuar-se-ão, além do serviço regular, as seguintes circulações na LINHA DA BEIRA BAIXA, nos dia que, para cada uma, se indicam

- Partida de Entroncamento às 0 h 13 e paragem em todas as estações e apeadeiros até Castelo Branco: nos dias 21, 23 e 24 de Dezembro.

- Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 7h 20 e paragem em Vila Franca de Xira, Santarém, Entroncamento e todas as estações e apeadeiros até Castelo Branco: nos dias 18, 23 e 24 de Dezembro; limitado ao percurso Lisboa (St.ª Aplónia) a Belver: nos dias 20 e 21 de Dezembro; limitado ao percurso Lisboa (St.ª Aplónia) a Alvega-Ortiga: no dia 22 de Dezembro.

- Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 10h 06 e paragem em todas as estações até Entroncamento: nos dias 23 e 24 de Dezembro.

- Partida de Entroncamento às 12h 26 e paragem em todas as estações e apeadeiros até Castelo Branco: nos dias 24 de Dezembro; limitado ao percurso Entroncamento e Alferrarede no dia 18 de Dezembro; limitado ao percurso Entroncamento a Belver: nos dias 20, 21, 22 e 23 de Dezembro.

- Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 15 h 30 e paragem em Vila Franca de Xira, Santarém, Entroncamento e todas as estações e apeadeiros até Castelo Branco: nos dias 20, 22 e 24 de Dezembro; limitado ao percurso Lisboa (Santa Apolónia) a Belver: no dia 23 de Dezembro.

- Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 20 h e paragem em Entroncamento, Abrantes, Fratel e Castelo Branco: no dia 23 de Dezembro.

- Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 22 h e paragem em Braço de Prata, Vila Franca de Xira e estações seguintes até Entroncamento: nos dias 17, 18, 20, 21, 22, 23 e 31 de Dezembro.

- Partida de Entroncamento às 8 h 50 e paragem em todas as estações até Azambuja, Vila Franca de Xira, Braço de Prata e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 27 de Dezembro 3, 5 e 6 de Janeiro.

- Partida de Castelo Branco às 8h 13 e paragem em todas as estações e apeadeiros até Santarém, Setil, Azambuja, Vila Franca de Xira, Braço de Prata e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 21, 23, 24 e 29 de Dezembro; limitado ao percurso Alvega-Ortiga a Lisboa (Santa Apolónia): no dia 22 de Dezembro; limitado ao percurso Belver a Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 26 e 27 de Dezembro 2 e 6 de Janeiro.

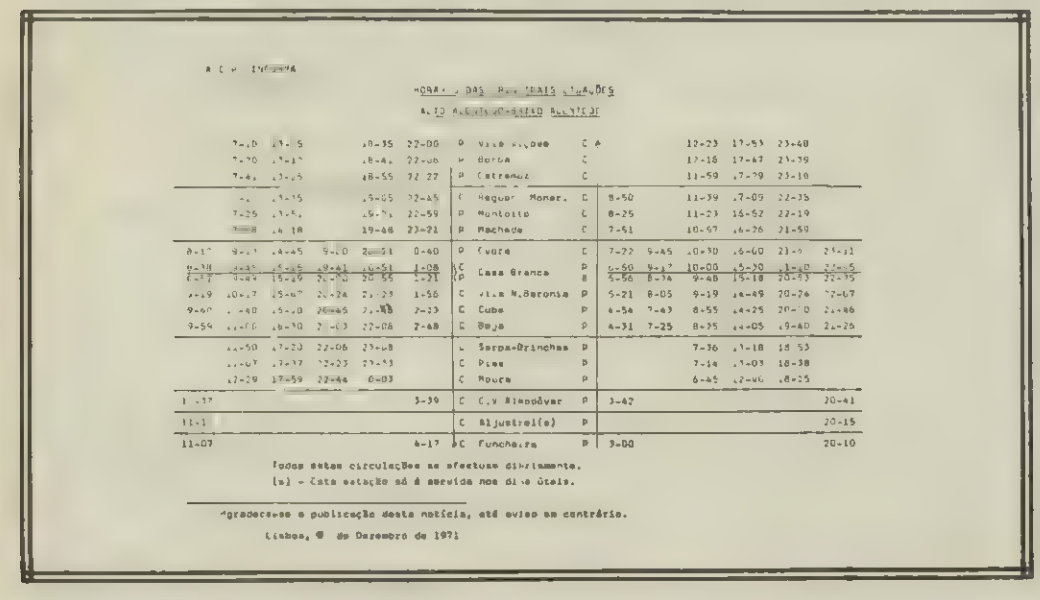
- Partida de Entroncamento às 12 h40 e paragem em Santarém, Setil, Vila Franca de Xira, Braço de Prata, e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 23 e 24 de Dezembro.

- Partida de Castelo Branco às 14 h 30 e paragem em todas as estações e apeadeiros até Vila Franca de Xira, Braço de Prata e Lisboa (Santa Apolónia): no dia 23 de Dezembro; limitado ao percurso Belver a Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 20, 21, 22, 26, 27, 28 e 29 de Dezembro, 2, 3, 4, e 5 de Janeiro.

- Partida de Castelo Branco às 14 h 30 e paragem em todas as estações e apeadeiros até Entroncamento: no dia 24 de Dezembro.

- Partida de Entroncamento às 20 h 40 e paragem em todas as estações até Azambuja, Vila Franca de Xira, Braço de Prata e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 26, 27, 29 de Dezembro, 2, 3 e 5 de Janeiro.

- Partida de Belver às 21h 25 e paragem em todas as estações e apeadeiros até Almourol, Barquinha, Entroncamento, Santarém, Setil, Vila Franca de Xira, Braço de Prata, e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 26, 27 e 29 de Dezembro, 2, 3 e 5 de Janeiro

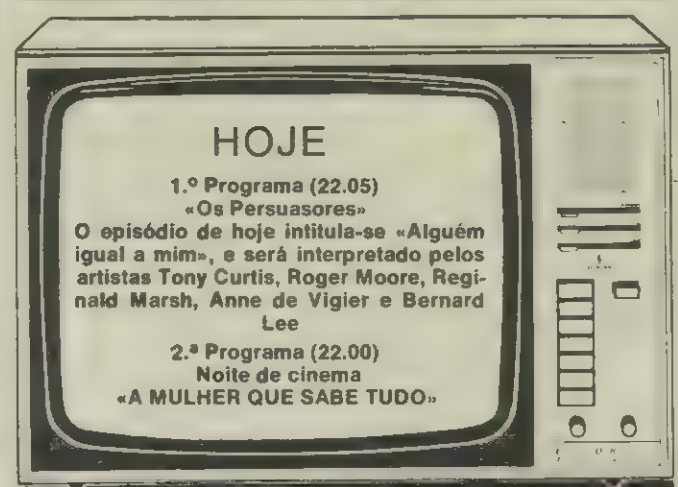


Todas estas circulações se efectuam diàriamente.
(a) - Esta estação só é servida nos dias úteis.

Agradecemos a publicação desta notícia, até aviso em contrário.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1971

televisão



SIEMENS ESTORIL electronic

HOJE

1.º Programa
12.30 Abertura e missa de Domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal - 1.ª Edição
14.00 Série Juvenil Robin dos Bosques
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV educativa
15.05 Tarde de cinema «A Vida de um jockey»
16.25 Expedição
16.50 TV Rural
17.20 Série Comédia Olho Vivo
17.45 Domingo desportivo - 1.ª ediçao
18.00 Reportagem do exterior
19.15 Desenhos animados
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.45 Pop 25
20.35 TV 7
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.05 Série de aventuras «Os Persusores»
23.05 Fados com a partecipação de Maria Rosa Rodrigues
23.30 Marcha do mundo
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa
20.30 Abertura
20.31 DO LA SI
21.00 Série filmada «Amor e Mau Génio» (Honey Mooneis)
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «A Mulher que sabe tudo»
23.50 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino Singular
13.15 Série filmada «Arnie»
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Um dia com. .
14.24 Logo à noite

2.º Periodo
14.00 Ciclo Preparatório TV
19.25 Filme infantil «Os Poucetofes»
19.30 Telejornal - 2.ª Edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Povo que canta
20.30 Portugal além da Europa
21.00 Série de aventuras «Nanou»
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.05 Canal 13
23.30 Marcha do Mundo
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e Um dia com..
21.00 Filme de série «Arnie»
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 50 anos de história
23.20 Fecho

baterias TUDOR pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

radio

EMISSORA 1.º Programa
14.30 Tarde desportiva — Rádio desporto futebol Relato, informações e comentários dos jogos da 11.ª jornada do campeonato nacional da 1.ª divisão
17.45 Actualidade desportiva
18.05 Girândola
19.10 Musica da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Radio desporto
21.30 Variedades
22.00 Teatro das comédias: «O apaixonado», original de Maria José Sousa
22.35 Musica portuguesa
23.05 Sol e touros
23.30 Ritmos em contraste
24.00 Fecho

2.º Programa
17.00 Perspectivas da obra de Richard Strauss: concertos Concerto para oboé e orquestra, — Burlesca para piano e orquestra em Ré Menor CONCERTO N.º 1, em Mi Bemol Maior, OP. 11, para trompa e orquestra
18.00 Concerto de domingo — Festival de Viena de 1971 (gravações cedidas pela Radiodifusão Austriaca)
18.35 Intervalo do concerto de domingo Rondó OP. 94 (Dvorak). Paul Tortelier, violoncelo; John Newmark, piano
18.45 2.ª parte do concertó de domingo - canções das crianças mortas (Mahler)
19.15 Intervalo do concerto de domingo — a hora das crianças — SUITE PARA Harpa (Marcel Grandjany), Harpa, o autor.
19.25 3.ª parte do concerto de domingo — sinfonia n.º 3 em Re maior (Schubert)
19.50 Sonata em La maior (rutini), pianista, Sergio Particaroli
22.00 Diário sonoro
20.20 Musica de Câmara - Obras de Purcell
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo Dr. Caldeira Pais.
21.00 Recital de piano, por Nella Maissa, preenchido com obras de autores portugueses.
21.30 Que quer ouvir? Programa elaborado por Margarida Brandão
23.00 A Voz do Ocidente
01.15 Fecho

EMISSAO EM MF 2
14.30 Musica sinfónica
15.00 2.º e 3.º Actos da Opera: «Arabella» (Strauss)
16.40 Musica de piano
17.00 Fecho

RÁDIO CLUBE
14.55 Tarde desportiva
17.03 Projecção
18.00 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
1907 Formula 1
19.30 Radiojornal
20.00 Nota de abertura
20.15 Comentador desportivo
20.30 Semana 7
21.02 Leitura.
21.30 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens Biblicas
23.20 Grande roda.
00.02 «P. B. X.»
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural.
07.00 Talismã.

Emissor de Miramar
14.55 Tarde desportiva
17.02 Auto-Rádio
17.45 Orquestras e canções
18.01 Musica e desporto
18.30 Som-actualidade
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
20.10 Norte dia a dia.
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A Voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades.
23.04 Clube da juventude.

Rádio Renascença
14.15 Êxitos para si
14.30 Onda desportiva
17.00 Musica ao volante
17.45 Automobilismo.
18.05 Boa viagem
18.30 Terço e missa vespertina da Basílica dos Mártires
19.50 Leitura do programa e boletim do S. C. R
20.00 Zona verde-tempo e espaço ocupado pela Familia
20.58 Meditando.
21.00 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Desfile de sucessos musicais
23.00 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA
RÁDIO PENINSULAR
das 7 ás 8 e das 11 ás 17
CLUBE RADIODOFÓNICO DE PORTUGAL
das 8 ás 11 e das 19.30 ás 22
RÁDIO VOZ DE LISBOA
das 17 ás 19.30 e das 22 ás 2

clima

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	10.º
P. DOUR.	9.º
COIMBRA	9.º
PORTALEGRE	15.º
LISBOA	9.º
FARO	12.º
FUNCHAL	15.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ANADIA
Máxima 21.º

ALVALADE
Mínima: 4,3.º (neg.)

Temperaturas no Estoril

Agua do Mar 13,8.º
Atmosfera 11,1.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
		5.51	1.8 m
12.32	3.3 m	18.15	1.7 m
Dia 13			
1.02	3.3 m	6.41	1.7 m
13.26	3.3 m	19.01	1.6 m
Dia 14			
1.56	3.4 m	7.27	1.6 m
14.17	3.4 m	19.40	1.5 m

PREVISÃO GERAL
ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, vento fraco do quadrante leste, arrefecimento nocturno c/ formação de geada em especial nas regiões do interior.

AMANHÃ
Nascer ás 8.46
Ocaso 18.25

Dia 17	Dia 25	Dia 31	Dia 8

HOJE

H

Em Portugal Continen-
céu estava geralmente
e o vento era fraco.

MPERATURAS DO AR

H

PORTO	10.º
P. DOUR.	9.º
COIMBRA	9.º
PORTALEGRE	15.º
LISBOA	9.º
FARO	12.º
FUNCHAL	15.º

PERATURAS EXTREMAS

IA

Máxima 21.º

LADE

Mínima: 4,3.º (neg.)

emperaturas no Estoril

ua do Mar 13,8.º
mosfera 11,1.º

MARÉS DE HOJE

A-MAR		BAIXA-MAR
	5.51	1.8 m
3.3 m	18.15	1.7 m
Dia 13		
3.3 m	6.41	1.7 m
3.3 m	19.01	1.6 m
Dia 14		
3.4 m	7.27	1.6 m
3.4 m	19.40	1.5 m

VISÃO GERAL
AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, vento
raco do quadrante leste, ar-
refecimento nocturno c/ for-
mação de geada em especial
nas regiões do interior.

HA

Nascer ás 8.46
Ocaso 18.25

17 | Dia 25 | Dia 31 | Dia 8

or de Miramar

Tarde desportiva
Auto-Rádio
Orquestras e canções
Musica e desporto
Som-actualidade
Conjunto
Campeão português
Boletim desportivo
Norte dia a dia
Viagens na nossa terra
A Voz da esperança
Selecção de ritmos
A hora do tempio
Var.edades
Clube da juventude

Renascença

Êxitos para si.
Onda desportiva
Musica ao volante.
Automobilismo.
Boa viagem
Terço e missa vespertina da
Basílica dos Mártires.
Leitura do programa e boletim
do S. C. R
Zona verde-tempo e espaço
ocupado pela Família
Meditando
Suplemento especial
Quando o telefone toca
Desfile de sucessos musicais
A 23.ª hora

SORES ASSOCIADOS DE LIS-

O PENINSULAR
ás 8 e das 11 ás 17
E RAIODOFÓNICO DE POR-
L
ás 11 e das 19.30 ás 22
O VOZ DE LISBOA
7 ás 19.30 e das 22 ás 2

Farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lídia, Calçada da Ajuda, 290 (tel 661003)

ALCÂNTARA:
Probidade, Rua de Alcântara, 15-A (tel. 638589).
Infante Santo, R. do Olival, 290

ALFAMA:
Anunciada, Rua do Vigário, 74 (tel. 866360).

ALTO DO PINA:
Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (tel. 841912).

ALVALADE:
Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (tel. 765262)
Alentejo, Avenida da Igreja, 28-B (tel. 712682); **Belo,** Avenida de Roma, 53-A (tel. 776314); **Estados Unidos,** Avenida dos Estados Unidos da América, 16-B (tel. 725859)

AMEIXOEIRA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (ás Galinheiras) (tel 790969)

ANJOS:
Guerra, R. Andrade, 32 (tel 845513).

AREEIRO:
Central, Av Paris, 2 (tel 720820)

ARROIOS:
Brasil, Rua Alves Torgo, 29-31 (tel 46843)

AVENIDAS NOVAS:
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (tel. 763016); **Cardote,** Avenida Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República) (tel. 772291), **Saldanha,** Avenida Praia da Vitória, 53 (tel. 43938)

BAIRRO ALTO:
Durão, R. Garrett, 90 (tel. 324166)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, P. do Norte, 11 (tel. 311216)

BAIXA:
Frazão, R. das Portas de Santo Antão, 72 (tel 328180)

BENFICA:
Marques, Estrada de Benfica, 648 (tel. 700096), **Vitex,** Estrada de Benfica, 373-B (tel. 780548); **S. João,** Estrada da Luz, 124-A (tel. 783179).

CAMINHOS DE FERRO:
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (tel. 840125)

CAMPOLIDE:
Imparcial, R. General Taborda, 28 (tel. 680931); **Rualta,** Alto de Carvalhão, 5-B (tel. 651721).

CAMPO DE OURIQUE:
Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (tel. 666206); **Almeida,** R. Silva Carvalho, 136 (tel. 681726)

CHARNECA DO LUMIAR:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (tel. 790969)

CHIADO:
Durão, Rua Garrett, 92 (tel. 324166)

CONDE REDONDO:
Branco, Avenida Duque de Loulé, 6 (tel. 45048)

ESTRELA:
Gama, Calçada da Estrela, 130 (tel. 660339)

GRILO:
Grijó, Rua do Grilo, 25.

LUMIAR:
Pauteia, R. do Lumiar, 122 (tel. 790332)

MADRAGOA:
Lyz, R. da Esperança, 17 (tel 660913)

OLIVAIS:
Fernandes Borges, R. Cidade de Benguela, lote 300 (Olivais-Sul) (tel. 311091); **Central,** R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais Norte) (tel 315539)

PEDROUÇOS:
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (tel 610741)

PENHA DE FRANÇA:
Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (tel. 842533).

PICHELEIRA:
Mariuz, Calç. da Picheleira, 140-B (telefs. 720703-728391)

RESTELO:
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (tel 610741).

SANTO AMARO:
Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A (tel. 637070)

S. MAMEDE:
Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (tel 325455)

S. PAULO:
Ultramarina, R. de S. Paulo, 99-101 (tel. 321771)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (tel. 44000)

QUELUZ:
Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117)
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel 950123)

CACEM.
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS:
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA:
Marrazes, L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058)

COLARES:
Colares, Abreja (Tel 299086)

OUTRA BANDA

ALCOHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel 234100)

ALHOS VEDROS:
Gusmao, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA.
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (Tel 270504)

BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, Estr Nacional, 174 (Tel. 234302)

BARREIRO
Moderna, R. D Henriqueta Gomes de Araujo, 12 (Tel. 2273443)

COVA DA PIEDADE:
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254)

MOITA:
Silva Rocha, P. da Republica, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO:
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032)

SESIMBRA:
Leão, Av Salazar (Tel 229471)

SETÚBAL
Bocageana, R. de Romeu (Tel. 23425)
Bairros, B.º Santos Nicolau (Tel. 23330)

SEIXAL:
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218560)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Branco, Av. Com. G.Guerra, 29 (Tel. 212081)

CAXIAS:
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS:
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS:
Godinho, R. Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PAREDE:
Grincho, Av. da Republica, 87 (Tel. 2471204)

ESTORIL:
S. Pedro, S. Pedro do Estoril (Tel. 263052)

MONTE ESTORIL:
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391)

CASCAIS:
Cordeiro, Av. Comb. G.Guerra, 40 (Tel. 281419)
Nova, Est. de Alvide Fontainhas (Tel 281044)

LINHA DE SINTRA

DAMAIA:
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel 970523

AMADORA:
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589)
Campos, R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072)
Clabel, R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938149)

PORTO

Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520; **Azevedo,** Rua do Meiral, 503, **Constituição,** Rua da Constituição, 93; **Correia de Araújo,** Rua de Santa Catarina, 259, **Cruz** Rua Costa Cabral, 1082, **Guarani,** Rua Pedro Hispano, 367; **Herculano,** Rua Alex Herculano, 384, **Liga Ass. Soc. Mutuos,** Rua do Bonjardim, 286, **Magalhães,** Rua de Serralves, 566, **Nova de Monsanto,** Rua de Monsanto, 148, **Ribeiro Júnior, Sucr.,** Rua Firmeza, 99-A, **Sampaio,** Rua de Cedofeita, 636, **Sanil** Rua do Paraíso, 214; **Vitália,** Praça da Liberdade, 34-37; **Gondarém,** Rua de Gondarém, 60-Foz

COIMBRA

S. Sebastião, Rua António Jardim (tel. 28802); **Silcar,** Rua Ferreira Borges, 88 - 94 (tel. 22923); **Paiva,** Pr.ª do Comércio, 57-58 (Tel. 23231).

cinemas

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D. M. 18 anos)
3.ª Semana
TEMPO DE VIVER c/Fanye Dunaway. O diário íntimo da vida de uma mulher

APOLO 70 (Telef 763319)
15.00 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
IVAN O TERRIVEL um filme genial de Sergei Eisenstein Devido à sua grande metragem o filme começa à hora do espectaculo

RESTELO (Telef 610375)
21.30 (Grupo D - M. 18 anos)
Em 4.ª Semana
O DOCE CORPO DO DELITO Com Vittorio Gassman, Anna Moffo, Anita Ekberg eastmancolor

MONUMENTAL (Telef 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo D - (M. 18 anos)
A PAREDE DO ESCÂNDALO c/ Jack Mac Growran, Jane Birkin e Irene Handl
Quinzena de Bom Cinema Shakespeare -
2.ª feira, 13 às 18.30 - adultos
OTELO DE Sergei Yontkevitch

ESTÚDIO 444 (Telef 779095)
15 - 17 - 19 - 21.45
(Grupo D. 18 anos)
2.ª semana QUANDO NOS AMAMOS com Enrico Maria Salermo

LYZ (Tel 48560)
ás 15.00 e 21.00
Grupo B. M. (10 anos)
«Tora, Tora, Tora e complementos escolhidos»

CONDES (Tel 322523)
Às 14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
(Grupo B) DICK SMART 2.007 c/ Richard Willer e Margaret Lee (M. 10 anos).

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 - 2..45
(Grupo D - M. 18 anos)
Uma história de mulher de luxo! A MULHER E O DESEJO c/ Marina Vlady e Renauld Verley. Eastmacolor

SÃO JORGE (Telef 54153)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D 18 anos)
Exito de esgotar as lotações. «A 7.ª MULHER DE HENRIQUE VIII. Esta é para rir! 2.ª SEMANA

TIVOLI (Telef 50595)
As 3 da tarde (p red) - 21.45
(Grupo B. - 10 anos)
Grande êxito do ultimo filme de Jacques Tati 2.ª semana «Sim sr. Hulot» («Trafic»)

BERNA (Tel. 776098)
Às 18.30 e 21.45 h. (M. 14 anos). Bekim Feimiu, John Huston e Chuck Connors numa das mais sugestivas e empolgantes histórias do ano! O CAMINHO DA AVENTURA. Panavision - Technicolor

ESTÚDIO (Tel 555134/5
15.30 - 18.30 - 21.45
2.ª semana
(Grupo A. 6 anos)
RUBINSTEIN, O AMOR DE UMA VIDA

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D. 18 anos)
13.ª semana triunfal
LOVE STORY
C/Ali Mac Graw e James Olsen

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
(Grupo B. 10 anos)
JANE EYRE
O GENDARME EM NOVA YORK

ALVALADE (Telef. 717480)
15.15 - 18.30 e 21.30
(Grupo C. 14 anos)
Steve Forrest em
TERRA SELVAGEM

IMPÉRIO (Telef 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D M 18 anos)
3.ª semana
O PEQUENO GRANDE HOMEM. Uma obra prima de Arthur Penn c/Dustin Hoffman e Faye Dunaway 70 m/m

POLITEAMA (Tel 326305)
15.15-18.15- e 21.45 h
(Grupo C. M. 14 anos)
E HA-DE CHEGAR O DIA DA VINGANÇA. Com António Sabato e Florinda Bolkan Eastmancolor

AVIZ (Tel 47173)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D. 18 anos)
3 HOMENS E 1 MULHER c/ Catherine Spack

IMPERIAL (Tel 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D - M. 18 anos)
O COMISSARIO PEPE
24 HORAS DA VIDA DUMA MULHER

EUROPA (Telef 661016)
21.30 (Grupo C. 10 anos)
Johnn Wayne em EU JULGAVA O MORTO, MR JACK

CASINO ESTORIL (Tel 264621)
17.00-21.00
(Grupo D (18 anos)
«A Hora da verdade» C/ Bruno Cremer, Renaud Verley

SATÉLITE (Tel 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
CHARLIE E SNOOPY (bes. An Col) (Grupo B. - 10 anos)
Pais, sabemos que gostam imenso de nós mas.. tragam tambem os vossos filhos

EDEN (Tel 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C M 14 anos)
TERRA SELVAGEM c/ Steve Forresti. Uma família em luta contra tudo e todos para conquistar o seu lugar ao sol

ODEON (Tel 326283)
(Grupo D - M. 18 anos)
15.15 - 18.15 e 21.30
4.ª semana triunfal c/ Sara Montiel, no filme que apaixonou as mulheres A AMANTE Canções maravilhosas. Eastcolor

LISBOA, Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

VILLARET
20.45 - 23.00
«O aniversario da tartaruga»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00
«O Zé aperta o cinto»

A.B.C
20.45-23.00
(18 anos)
«Saidas da casca»

VARIEDADES
20.45 e 23.00
(18 anos)
«Empresta me o teu apartamento»

CAPITÓLIO
21.45
(18 anos)
«A Querida Mamã»

LAURA ALVES
21.45
(18 anos)
O Vison Voador»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Caligula»

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIS
21.30 (18 anos)
«A salvação do mundo».

COLISEU
21.30 (10 anos)
Companhia Internacional de circo

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
18.00 (14 anos)
«Por 1 dolar de glória»

PARIS
21.00 (18 anos)
«O Doce corpo do delito»

CINEARTE
22.00 (10 anos)
«Patton»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«O Cérebro»

ROYAL
21.30 (10 anos)
«Jane Eyre»

ARCO IRIS
21.30 (10 anos)
«Assalto ao carro blindado»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Destinos Opostos»

DEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (14 anos)
«Os Cavaleiros das Estepes»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (10 anos)
«O Avozinho Congelado»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«Sete novas para sete irmãos»

ESTORIL
Casino,
18.30 - 21.30 (18 anos)
«A hora da verdade»
Palácio
21.30 (18 anos)
«Gente sem compaixão»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Um Caso de Consciência»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos)
«Um Anjo dos diabos»

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«A Confissão»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«O Exército da Sombra»

QUELUZ
Queluz Cinema
21 e 15 (10 anos)
«Viagem para o Inferno» e «Quem Guarda o Tesouro»

MEN MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Diz-me que me amas Junie Moon»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Coisas da vida»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«Perseguidos na escuridão»

COSTA DA CAPARICA
Copacabana
21.00 (17 anos)
«Aquele dia frio no parque»

BARREIRO
Cinelia
21.00 (18 anos)
«O Falso profeta»
Cine Barreirense
21.00 (18 anos)
«A Rotura»

MONTIJO
Josquim de Almeida
21.00 (17 anos)
«O Homem perdido»

LAVRADIO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«A Batalha de El-Aamein»

PORTO, Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«Fidalgos da Casa Mourisca»

SÁ DA BANDEIRA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
O Circulo Vermelho»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Uma certa forma de amar»

OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«Vinte passos para a morte»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Ontem hoje e amanha»

JULIO DINIS
21.30 (18 anos) «A Doce Vida de Casta Susana»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Vergonha»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Love Story»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Morte em Veneza»

VALE FORMOSO
21.30 (17 anos)
«Passaporte para a morte

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Conde de Monte Cristo» e «King-Kong»

PASSOS MANUEL
21.30 (10 anos) «Corrida contra o destino»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«O Archeiro do fogo»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O Comissário Pepe»

GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«Vagabundos selvagens»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«A doce vida da casta Suzana»

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«Viver para viver»

CASEBRE ?

BARS BOITES Restaurantes DANCINGS

TIMPANAS Cantam Trio Odemira João Fernando Emilio Reis Luis Braga Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Tipico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros Consumo minimo 61$50 (taxas incl.) **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676455 e 672431**

«A SERENATA» Cantam Cidalia Moreira Antonio Rocha e Amelia Proença Grupo Folclorico Cantares de Portugal **Rua Diario de Noticias, 122. Telefs 32359 e 324381**

CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas Musica constante **Calçada Marques de Abrantes, 64-66 Telef 667264**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver **Av Duque de Loulé, 73 Telef 530171.**

ARREDA fado amador, oiça e cante o fado no Arreda: Elenco José Fracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.ªs feiras. Consumo mínimo 62$00. (Taxa incl.). **Rua Alexandre Herculano, 3 - Cascais. Telef. 283864**

O QUIXOTE BAR BOITE com Carlos Villaret e Tony Vieira Aberto até as 5 da madrugada Encerra aos domingos **Rua da Trindade, 9 Telef 327109**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefs 26451-264526-264596-264621-264946**

BATACLAM Bar Discoteca Bar aberto das 19.00 as 3.30h Disc Aberto das 22.00 as 3.30h Noites de Paris em Lisboa Encerrado ao domingo **Rua Ramalho Ortigao, 39-A Telef 560430**

TAMILA Marão e seu conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69 Telef 534117.**

HIPOPPOTAMO Conj Helder Reis Encerra aos domingos **Av Ant Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384**

VIELA Cantam Sergio Berta Cardoso Beatriz Ferreira Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais Tocam António Bessa e Fernando Reis Consumo mínimo 60$00 **Rua das Taipas, 14 Telef 327256**

«PORTAS DO SOL» Restaurante Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tome, 86. ABC Alfama Lisboa Telef 861633**

TAVERNA DO EMBUÇADO Elenco João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria da Nazaré. Colaboração de João Braga. Tocam Fontes Rocha, José Luis, Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mínimo 90$00. **Beco dos Cortumes, 10. Telef.**

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Mauricio, Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos Tocam Liberto Conde e Americo Silva Fandango pelo Grupo tipico de Vila Franca de Xira Encerra as segundas-feiras Consumo mínimo 70$00 **Rua do Norte, 91 Telefs 30095 e 28713**

ADEGA MESQUITA Cantam Fernando Pinto Francisco Martins e Alcindo Carvalho Tocam Jaime Santos e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diario de Noticias, 107. Telef 328307**

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa Musica constante Encerra as 3.30 horas **Av. Marechal Carmona. Telef 790177.**

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,º E-4.º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

A HISTÓRICA «CIMEIRA» DOS AÇORES

Pompidou vai a Nixon em nome de uma "Europa Unida"

Por ADRIANO CERQUEIRA

A partir de amanhã, Angra do Heroísmo será cenário de um encontro Europa-América personificado pelos presidentes da França e dos Estados Unidos, com assentimento do Governo português, e no decorrer do qual Nixon e Pompidou vão conferenciar sobre os principais problemas que inquietam o Mundo.

Em vésperas de importantes deslocações a Pequim e Moscovo - mais original a primeira do que a segunda - e sendo a França o «europeu» mais acreditado junto de qualquer uma das duas grandes potências comunistas, parece natural que parte da conversa vá incidir nessas deslocações. Mas provàvelmente, apenas uma pequena parte. O fulcro do encontro deve residir no debate da crise monetária e das soluções a adoptar, uma vez que o problema se arrasta sem que a reunião de Roma ou o encontro Pompidou-Brandt tenham fornecido um desfecho, o qual seria, aliás, inesperado. O novo **meeting** do Clube dos Dez a 17 e 18 do corrente, em Washington, ocorrerá três dias depois da cimeira dos Açores e nele, os ministros das Finanças da França e dos Estados Unidos, Giscard d'Estaing e Connally, que também irão a Angra, poderão desempenhar papel importante expondo os conceitos dos respectivos presidentes se, entretanto, tiver havido acordo completo ou parcial na conferência do arquipélago.

Em Roma esse acordo não surgiu. Liderada nìtidamente pelos Estados Unidos, com Connally em posição de destaque, a conferência «dos Dez» abriu com uma declaração do seu adjunto Paul Volcker, que lançou para a mesa: «Os Estados Unidos pensam que a revalorização média das moedas europeias, japonesa e canadiana deverá ser da ordem dos 11 por cento». Assim, sem mais nem menos.

Sucedeu, porém, que o gigante americano não encontrou pela frente uma manta de retalhos de países europeus, cada um a puxar para o seu lado. Agindo em bloco, a «Europa Unida» contrapôs: «Pois sim senhor, o governo americano começa por desvalorizar o dólar antes de pedir atitudes aos outros governos». Giscard d'Estaing disse mesmo que achava difícil admitir alterações de paridade relativas a todos os países, com excepção daquele cuja balança se encontra em desequilíbrio.

Numa altura em que aos Estados Unidos talvez conviesse a divisão dos europeus estes apresentaram-se perante a superpotência, como um autêntico bloco, impermeável às pressões de além-Atlântico.

AGITAÇÃO

Todavia, o golpe de teatro surgiria ainda na reunião de Roma, quando Paul Volcker encarou a hipótese de uma desvalorização do dólar da ordem dos 10 por cento, o que vinha contra todos as previsões dos europeus. Neste caso, haveria que encarar duas hipóteses: ou proceder a uma revalorização das moedas europeias (nada conveniente) ou aceitar as perdas dos respectivos exportadores (aspecto igualmente negativo para as economias nacionais). Uma desvalorização da moeda americana, da ordem dos cinco por cento, isso sim, teria permitido manter pura e simplesmente a paridade em relação às moedas europeias.

Após a divulgação da proposta de Paul Volcker, os mercados de câmbios acusaram imediatamente o golpe táctico norte-americano e a cotação do dólar desceu nas bolsas do Velho Continente e em Tóquio Houve agitação. As compras imediatamente empreendidas pelos Bancos Centrais apenas evitaram um alargamento do fenómeno de baixa.

AO MEIO

Embora sugerida antes de haver conhecimento da cimeira dos Açores, a reunião de Pompidou com o chanceler Willy Brandt não poderia vir mais a propósito.

A diferença que separa o franco do marco (cerca de 11 por cento) preocupa altamente o chanceler alemão, que a considera muito prejudicial para a economia do seu país.

Os interesses movimentam-se: nos círculos de Brandt fala-se em 4 por cento como o máximo possível. Financeiros franceses pensam no dobro como número ideal. Provàvelmente a diferença entre o marco e o franco acabará por ser dividida ao meio, dando razão à máxima popular «no meio é que está a virtude».

De qualquer modo, Pompidou partirá para os Açores ciente da maneira de pensar do estadista alemão, que por sua vez terá oportunidade de defender o ponto de vista europeu quando chegar a altura de se avistar ele próprio com o itinerante presidente do mais poderoso país do Mundo.

No ambiente calmo da ilha Terceira, com o presidente Marcello Caetano por anfitrião, os Chefes de Estado da França e dos Estados Unidos terão à sua disposição um apropriado cenário para a discussão dos problemas económicos que afectam o mundo, ao mesmo tempo que não deixarão de apreciar e acertar algumas das mais importantes coordenadas da defesa do Ocidente, agora que Nixon tornou bem clara a sua intenção de não reduzir o número de tropas americanas estacionadas na Europa, se bem que continue a reclamar uma divisão mais equitativa do pesado fardo que isso representa.

O caos do Terceiro Mundo, agora em ebulição no subcontinente indostânico, merecerá igualmente alguns momentos de meditação, já que ele se prenderá de certo modo com as viagens a Pequim e Moscovo, capitais de potências que indirectamente se afrontam em terras indianas e paquistanesas.

DE IGUAL PARA IGUAL

O único país da América Latina a quem o presidente Nixon deu explicações pessoais sobre a sua viagem a Moscovo e Pequim foi o Brasil. Para isto, o presidente Médici deslocou-se expressamente a Washington onde durante dois dias manteve conversações com o seu colega norte-americano. A distinção define a importância que os Estados Unidos atribuem ao Brasil, no âmbito continental. E reflecte, também, o nível de harmonia a que chegaram os dois países, mesmo apesar de, como sublinhou o presidente Médici, «persistirem vários pontos em que o acordo não é completo. O Brasil queixa-se, sobretudo, da nova política económica norte-americana, que o surpreendeu num momento de euforia desenvolvimentista. O presidente Nixon elogiou o chamado «milagre brasileiro» mas não se crê que as conversações tenham progredido muito no rumo pretendido pelo visitante. Futuras concessões dependem dos acordos que devem ser estabelecidos em Washington na reunião dos ministros das Finanças do Clube dos Dez. De qualquer forma a importância estratégica e económica do Brasil ficou claramente definida. Pela primeira vez, um presidente brasileiro falou de igual para igual na Casa Branca com a atitude firme de quem sabe que a época não permite os isolacionismo nem a arrogância tradicional das superpotências.

Necessita:

Mecânicos de Avião
Electricistas de Avião
Técnicos de Rádio e Electrónica

Que reunam os seguintes requesitos:
— De preferência Curso Industrial
— Nacionalidade Portuguesa
— Serviço militar cumprido
— Menos de 36 anos de idade

Oferece:
— Vencimento inicial compatível com as condições exigidas e responsabilidades inerentes às funções
— 13.º mês
— Subsídio de férias
— Salários diferidos
— Regalias sociais
— Viagens

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências propostas.

— Inscrições no Serviço de Administração do Pessoal da TAP Edifício 25

Aeroporto de Lisboa

TAP

TRANSPORTES AEREOS PORTUGUESES

PORÃO DA NAU
Direcção de RUY CASTELAR
aberto todos os dias até às 05.00 horas
HOJE
DOMINGO
DAS 17,00 ÀS 20,00 HORAS
MATINÉE PARA A JUVENTUDE
PREÇOS REDUZIDOS
ALTA FIDELIDADE «GRUNDIG»
TRAGA O SEU «BORRACHINHO»

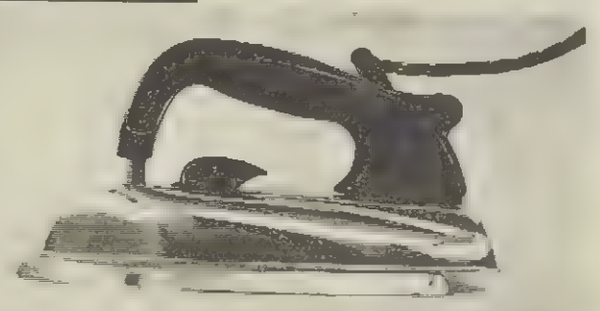
MARIA VITÓRIA
2 SESSÕES ÀS 20 45 e 23 H
(GRUPO D 18 ANOS)
Aos domingos: Matinés às 16 horas

Ribeirinho
A REVISTA POPULAR
«Ó Zé aperta o cinto!»
com SALVADOR, IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, VITOR MENDES, ANGELA RIBEIRO, CARLOS QUEIROS e, ainda, MARIEMA e RIBEIRINHO e a atracção nacional ANTÓNIO MOURÃO
Às 2.ªs Feiras não há Espectáculos

UMA GRANDE FAMÍLIA
por HÉLÈNE ORENGA
O relato apaixonante de uma experiência radical

UMA GRANDE FAMÍLIA
Uma experiência de «união colectiva» narrada, defendida, atacada, comentada
MORÆS
EDITORES

LEVEZA
E ROUPA
BEM PASSADA



– Luz avisadora
– Controlo automático, com selector de tecidos
– Termostato de arco que suprime as interferências na rádio e na TV
O favorito de milhões de lares, garantido pela experiência de uma marca de prestígio MORPHY-RICHARDS

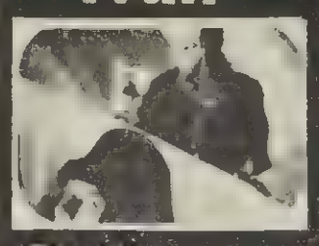
morphy richards

soc. de rep. SIDA SUECA, LDA.* RUA DE S NICOLAU 44-48 - LISBOA

O CINEMA E O TEATRO DA CIDADE

Nas páginas interiores leia ainda:

Ivan



Texto de:
JOSE VAZ PEREIRA

Caligula

Textos de:
CARLOS PORTO
RAUL DE CARVALHO
FERNANDO LUSO SOARES

Fotos de:
JOSE TAVARES

DL

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Sobre "Ivan o terrível"

Como acontece com todas as grandes obras de arte com origem num projecto humano, cuja conceptualização verbal complexa e difusa (porque compreendida numa diversidade e multiplicidade de planos de entendimento e exploração) aspira à sua realização estética, única viabilidade de, num só tempo e momento discursivo, poder operar-se a transmissão sintética, totalmente integrante e restituidora de toda essa complexidade, também no extraordinário filme de Eisenstein é mais imediato o «sentido» da sua unidade e coerência, perspectivadas à escala duma primeira apreciação da sua totalidade, do que a resolução definitiva da articulação de muitos dos seus aspectos parciais. Pois que, no apelo circunstancial à consideração conceptual e particular, ocorre por vezes que tais aspectos se revelam rebeldes à unidade que, não obstante, insista-se, fora já sentida como existente no tal nível primeiro de apreciação.

«...sem ideologia, a obra de arte carece realmente de simbolismo, isto é, do carácter de universalidade...»

GALVANO DELLA VOLPE (1)

Por FERNANDO CORREIA MARQUES

Uma consequência, muito mais frequente do que custa realmente a admitir, residirá nos arriscados trabalhos de **jongleria** argumentativa, para que alguns comentadores são arrastados ao pretenderem que o plano particular de especulação, em que se encontrarem enredados, a partir dum aspecto singular da obra (ainda que pertinentemente considerado como fundamental), possa servir para a explicação da coerência total, sintética, que deve funcionar ainda em relação a todos os restantes planos possíveis de análise e situações; e, isso, sem a cuidadosa verificação que se impõe, se a viagem de retorno é cómoda igualmente por todas as tais outras vias

Tal atitude tem conduzido, nalguns casos, à formulação da unidade primeira em termos duma abstracção de tal modo vaga, imprecisa e prejudicada, por excesso de implicações, como, por exemplo, bem poderá ser o caso de um crítico como Parker Tyler, por vezes aliás, deveras brilhante e inteligente, quando afirma: «Por virtude da sua **arte**, Eisenstein desloca a história do plano dos factos registados para o da lenda pura. E, desse modo o Czar russo... torna-se um herói tão fictício, para não dizer tão profundo ou significante, como Ulisses, ou Sigfrid». Alguns críticos têm reagido deficientemente à extrema estilização do movimento, extensível aos gestos medidos e à expressão facial dos actores, por não atentarem no facto de que essa estilização não só realça o carácter nobre da acção, mas fornece igualmente corpo ao seu carácter simbólico; a esse respeito, o guarda-roupa é deliberadamente inserido no esquema artístico; metáfora, estilo fílmico e acontecimento histórico

Continua na página dois

Calígula no país dos estereótipos

Por MANUEL JOÃO GOMES

Por muito tempo que se disse que o teatro era **representar**. Parece hoje estar bem provado que não e sobretudo, que **representar** não será até cousa mui digna de homens. Quanto a CALÍGULA, quer o da Rua da Trindade quer o de Camus não provaram nada disso.

Um e outro (ou **um mais outro**) são o teatro representado de antigamente, sem qualquer pretensão de evitar o que toda a gente esperava: representar parece ser a profissão, delícia e entusiasmo daquele continente de homens (e duas mulheres) oferecidos em espectáculo aos cada vez mais raros e velhos espectadores do Trindade.

Começando em Camus que já morreu num desastre de viação e acabando no sr. Manuel que acende no Trindade aquele projector cá de cima (viram-no?) assim como também as chauffages do hospital da Estefânia, todos passam por este assunto como gato por brasas, dentro de uma insciência tão grande como a de um cadáver.

Representar quererá dizer fazer o que já está feito. Ou pôr a funcionar, por razões que são muitas (sobrevivência, renda de casa, automóvel, sustento para os filhos) a confecção de acções-estereótipos.

Já toda a gente ouviu falar de quadros vivos; já toda a gente ouviu falar de posar para; já toda a gente ouviu falar de clichés; já toda a gente ouviu falar de alugar, por profissão, o corpo, para o pôr assim ali, à espera de alguém que venha espreitar.

Por razões várias, dissemos, muitos há com essa missão sobre os ombros. E a função de fabricar atitudes. **Pôr, em forma de fôrma, alguns estereótipos.** Representar - como há tanto século se diz.

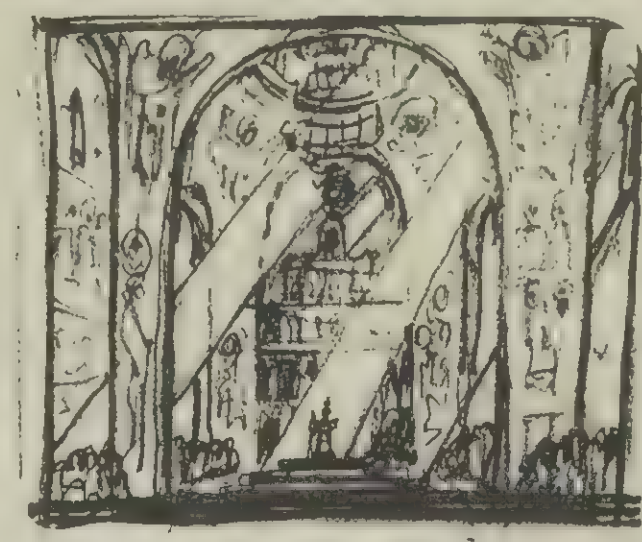
ESTEREÓTIPO N.º 1

Farto de estar vivo, sem ter coragem para morrer, mas interessado em sobreviver, Camus (Albert) dedicou-se à literatura, desde tenra idade. Em essa tal literatura, ele **representa-se** como sabe e quer, sendo tantos os seus espectáculos quantos os seus livros. Descobriu a certa altura que, se representasse a representação atingia ao quadrado os seus objectivos. E pegando em uma fôrma que lhe disseram chamar-se teatro, meteu para dentro dela a fórmula feita já em sua literatura (1). Ao resultado chamou CALÍGULA: trata-se de um texto agradável (2) de ler, por ser

Continua na página seis

O cinema e o teatro da cidade

Sobre "Ivan o terrível"



A CATEDRAL — Desenho de Eisenstein

Continuação da primeira página

co encontram-se idênticamente no mesmo nivel dentro da mesma esfera de ficção pura, da qual o **guarda-roupa** (até a própria maquilhagem se formaliza) é o sentido literal». (2) Tudo muito óbvio, mas sem conduzir a coisa alguma, para alem do «carácter simbólico», da «lenda pura», da «ficção pura», etc., que não constituem, como é evidente, qualquer espécie de terreno seguro onde possamos assentar os pés duma explicação firme

Ora, particularizando, acontece que tal tipo de explicações em nada nos auxilia quanto à principal dificuldade que, para muita gente, o «Ivan» oferece à análise: a inserção das modificações operadas na segunda parte da película, nomeadamente, as centradas no comportamento do herói, numa linha de unidade coerente, que englobe **também** o desenho do comportamento do Czar em toda a primeira parte.

Muito frequentemente, essa dificuldade é pretensamente resolvida por meio dum artifício: reconhecida a relevância duma certa concepção ideológica do homem e do mundo na obra eisensteiniana, aceita-se uma exibição ocasional de fraqueza humana, de abandono momentâneo da coerência ideológico, para demonstração, como que pelo absurdo, dessa coerência — a prova necessária de que, para além do homem e da sua consciência de incapacidade de acção individual, quando **empurrada** pela história, conforme **a priori** determinado pela ideologia, a acção necessária, ainda em termos ideológicos, acaba por ocorrer. Será, afinal, o que chamaríamos a tese da inevitabilidade, ou melhor, a da história inevitável a todos os títulos, para além do indivíduo, do «Hamlet fraco e indeciso», do Czar Ivan que parece hesitar quando, por exemplo, se trata de prosseguir o seu conceito de justiça no âmbito da própria família

Coloquemo-nos, todavia, perante a seguinte hipótese: tal como uma das mais aceitáveis linhas de definição de algumas das peças históricas de Shakespeare, ditas políticas (como, por exemplo, o «Ricardo II», ou o próprio «Júlio César»), nos propõe, o conflito fulcral que determina a articulação do todo não se situa tão sòmente à volta da posição específica assumida, ou a assumir, perante uma dada idealogia política, mas, antes disso, na consideração do problema primeiro das condições da origem e utilização do poder político, cerne motivador de toda e qualquer ideologia política em geral, e da subjacente no realizador russo, em particular.

Ora acontece que duas perspectivações fundamentais de abordagem dessas condições se nos oferecem històricamente: a da designação transcendente do detentor e executor desse poder, e a consequente sanção do exercício respectivo, e a oposta, que transfere para a responsabilidade humana, no seu nível imanente, a explicitação do exercício do poder e a decisão da sua origem; nomeadamente, em termos mais imediatos, as antigas concepções opostas do direito divino dos reis e da origem humana do poder político.

A questão será então a seguinte: quando se coloca, em nome de qualquer exigência ideológica, o poder político nas mãos de um indivíduo, ou grupo, ou instituição, **e se assume garantida a inevitabilidade histórica da detenção e do uso que dele se fizer**, não estará a proceder-se a uma transferência de sinal inverso, isto é, a aceitar-se, de algum modo, uma determinação extra-humanamente dimensionada, transcendente portanto a qualquer exigência de responsabilidade humana, a aceitar-se, em suma, um novo fatalismo, neste caso em nome duma qualquer ideia de história, ou de progresso histórico, que decorre motivadoramente fora do homem?

Ora parece-me, então, que é aqui precisamente que pode e deve situar-se a fundamentalidade temática do «Ivan, O Terrível»: todo e qualquer poder político, exercido em nome do povo, terá por coerência com a determinação das suas próprias condições, de divergir e convergir de e para esse mesmo povo, isto é, de ser explicitado pela única via da sua inserção absoluta no domínio da responsabilidade humana, com rejeição de toda e qualquer possibilidade de permeação de inevitabilidade transcendente na justificação e sanção da sua prática.

Será então aqui que estará a tremenda unidade do filme de Eisenstein; tremenda e igualmente terrível para um dado momento histórico do socialismo russo, em que uma inevitabilidade desse teor aspirava à sua transferência em termos doutrinários, o que provocou a conhecida condenação da segunda parte do «Ivan», onde precisamente a explicitação da recusa desse conceito de inevitabilidade é a estrutura essencial de articulação; uma condenação que se revela afinal confirmante e que manifesta claramente a visão lúcida, que os juízes condenadores tiveram na restituição do filme sob tal perspectiva, que justificava bem a urgência sentida duma declaração de recusa do filme em questão.

E isso ainda — uma cómoda e oportuna ilustração que recentemente me surgiu entre mãos — o que um filósofo polaco, Leszek Kolakowski, um marxista um pouco original, mas decididamente antiestalinista, tem em mente, quando lapidarmente formula: «O demiurgo do progresso que observa e comanda o mundo, ordena que seja louvado em todas as suas criaturas e imagens. E o que é mais fácil de provar do que este ou àquele «leader» nacional, este ou aquele sistema de governo, a despeito da sua aterradora aparência exterior, são os sagradamente designados pelo demiurgo (do progresso)?». E ainda: «Acreditar na inevitabilidade do progresso é acreditar na natureza progressiva de tudo o que se aceita como inevitável. Acreditar na providência corresponde a abençoar o tijolo que nos cai sobre a própria cabeça:» (3)

Procuremos, então, agora, proceder à conferência articulatória da sugerida perspectiva temática, na abrangência integrante das duas partes do «Ivan».

A primeira parte — «Ivan Grozny» — desenvolve a tese da inevitabilidade transcendente; uma inevitabilidade exteriormente determinada a Ivan, ao povo russo. A cerimónia inicial da (con)-sagração de Ivan («em nome de Deus Pai») impõe, logo desde as primeiras imagens, da sua composição longa, arrastada, hierática, uma radicação dessa inevitabilidade num plano exterior ao do homem, da vontade humana. Chegara a altura, tal é o sentimento, de que Deus começasse a fazer qualquer coisa pelo povo da Rússia: Ivan será o seu instrumento, neste é então delegado o poder divino. As condições determinantes para a aceitação dessa inevitabilidade serão, por um lado, o ponto crítico de existência depauperada, atingido no extremo da sujeição imposta pelos boiardos dominantes, e, pelo outro, a extrema religiosidade do povo russo e de Ivan (aliás, igualmente atingido, na própria família, pelo poder abusivo dos aristocratas rurais).

A restituição cinematográfica da tese, pelo realizador russo, revela-se então excelentemente adquada à transmissão do timbre sagrado, transcendente, veiculador da tal inevitabilidade que determina a acção do Czar Ivan: todo o desenvolvimento posterior à primeira cena da sagração na catedral prossegue o ritmo ritual estabelecido; tal é necessário para a correcta veiculação da essência da tese.

A segunda parte — «A Conspiração dos Boiardos» — expõe, então, a contradição antitética, cedo desenvolvida em Ivan, e sentida, nomeadamente, no não funcionamento **ideológico** da aceitação da inevitabilidade, pela sua projecção, igualmente inevitável, num afastamento cada vez mais para longe do plano do humano e, consequentemente, do povo, para o qual o exercício do poder devia convergir. E, isso, por verificação da inexistência dum apuramento responsável definível ao seu próprio nível (humano). Por outras palavras: a aceitação absoluta da tese, conduziria Ivan à detenção última do poder pelo poder, a sua acção estando, sempre, em última e primeira instância, sancionada transcendentemente.

Ao nível concreto dos acontecimentos, o desenvolvimento da contradição vai fornecer as duas coordenadas fundamentais de acção que alicerçam a maior parte dos sucessos desta segunda parte: o acentuar-se da revolta, implícita no título, e o isolamento e solidão de Ivan. (Registe-se que o notável enquadramento final da primeira parte — o grande plano do perfil do Czar justaposto à interminável e sinuosa fila da multidão de figuras minúsculas que se perdem na distância da planície branca — ao mesmo tempo que afirma os termos da relação inicial entre Ivan e o seu povo, a duma dominação paternal, longínqua, afastada, transcendental, sugere já, inequívocamente, a solidão enorme e tremenda, e sentida como contradição no desenvolvimento operado na parte seguinte da película).

Impõe-se, portanto, a resolução da oposição dialéctica ocorrida; essa resolução deverá forçosamente ser operada, dentro da coerência económica do filme, no plano de existência do protagonista, onde assentam, essencialmente, a tese e a sua contradição. Daí, então, a alteração verificada no comportamento, até aí uniformemente concebido; trata-se, com efeito, de dar corpo à consciencialização, pela parte de Ivan, da necessidade de sair do impasse dialéctico. Fácil, óbvio, seria ter ordenado, sem demora, a execução de Eufrosínia; e coerente, sem dúvida, mas apenas nos termos da aceitação definitiva da inevitabilidade. Coerente, porém, nos termos da ideologia que se proclama e se pretende, só uma atitude que se afirme partida duma decisão única e exclusivamente imputável a uma responsabilidade imanente; daí a procura do novo caminho.

Mas dadas as condições atrás mencionadas, que ainda continuam a ser pertinentes, tal resolução só será **possível**, em todas as implicações do vocábulo, por via dum processo de teor análogo ao do da sacralização operada na tese; daí que o desenvolvimento da contradição nos seja transmitido ainda dentro da mesma forma solene, hierática, ritual, da primeira parte; e mais: a destranscendentalização do Czar sagradamente ungido, e inevitável, exige, por um lado, a necessária imersão ritual do herói na massa — a adopção por Ivan do mesmo tipo de vestimenta distintiva da sua guarda pessoal (os «Optritchniks») —, e, pelo outro, a sua contribuição, enquanto tal, no necessário sacrifício ritual do Czar inevitável, consequência inevitável da tese da inevitabilidade — Vladimiro —, como que um exorcismo por analogia, mas de sinal contrário.

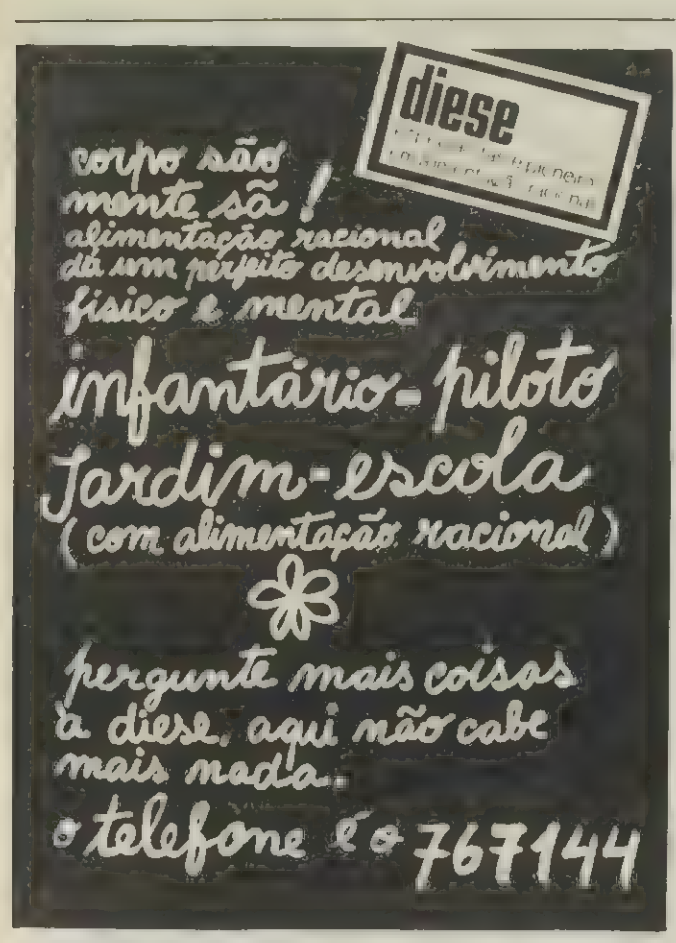
Não é, portanto, por acaso **achado, ou por procura de efeito gratuito, que tal sacrifício tem lugar no preciso local da sagração inicial; só aí é que ele, na realidade, é funcionalmente exequível, tanto no plano estético, como no ideológico.**

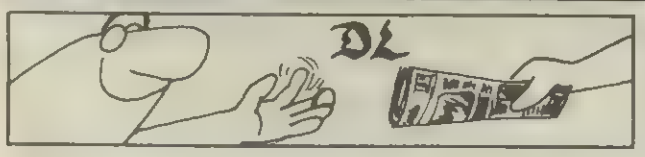
Nestas circunstâncias, o tal «Hamlet», sugerido e ocasionalmente aceite por Eisenstein na célebre «autocrítica», assumida perante o Comité Central, e que talvez valha a pena reproduzir na sua parte essencial, «Na segunda parte de **Ivan, O Terrível**, deturpámos certos factos históricos, o que torna o filme indigno e viciado do ponto de vista ideológico... O centro da nossa atenção é, e deve ser, **Ivan, o construtor, Ivan, o criador dum poder russo, novo, poderoso e unido**, Ivan o destruidor inexorável de tudo o que resistiu às **suas** empresas progressivas... O jogo de dúvidas arrastou-nos totalmente e o carácter dominador do Czar e o seu papel històricamente progressivo desapareceram do campo da nossa atenção. O resultado está na impressão falsa e errónea da imagem de Ivan. A resolução do Comité Central acusando-me de uma má apresentação da verdade histórica diz que, no filme, Ivan é apresentado como «fraco e indeciso, algo que nos faz lembrar Hamlet». Isto é sòlidamente documentado e justo (4), tal «Hamlet», dizia, acaba por ser um autêntico **anti-Hamlet**.

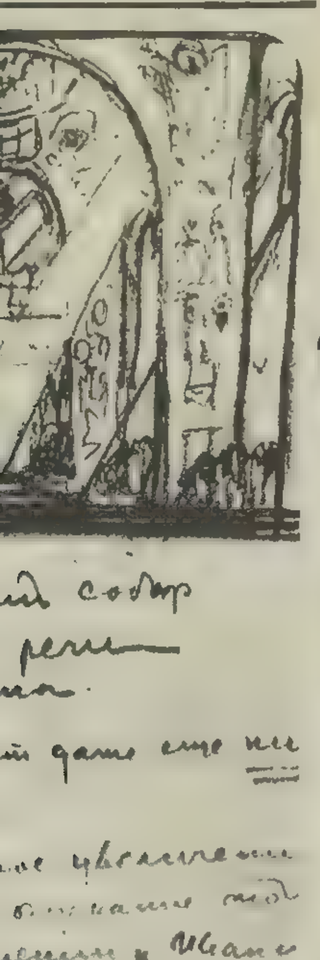
E a declaração de Eisenstein, porventura, e afinal, a sua maneira, adequada às circunstâncias do momento peculiar, de esquivar nessa altura a resposta incómoda quanto a uma questão análoga de inevitabilidade; a sua maneira, ainda, de humanamente procurar não ser atingido na cabeça pelo tijolo. Porque o filme lá estava e lá permaneceria. E, com ele, a sua primeira, e última, e decisiva, e definitiva, declaração sobre a matéria. Sòlidamente documentada e justa

(1) G. della Volpe, **Lo verosimil filmico y otros ensayos de estética**, Ciência Nueva, Madrid, 1967, p. 112
(2) P. Tyler, **Sex Psyche Etcetera in the Film**, Penguin, Harmond 197 , p. 47
(3) L. Kolakowski, **Toward a Marxist Humanism, Essays on the Left Today**, Grove Press, N. York, 1968 p. 115
(4) R. Manvell, **O Filme e o Publico**, Aster, Lisboa, S/D, p. 195

massas alimenticias
itali
MASSAS **novas!**
UM SABOR MODERNO
MAS$AS BOAS PARA SI
UM SABOR ITALIANO







o de Eisenstein

evitável, consequência inevi-
vel da tese da inevitabilidade
Vladimiro —, como que um
torcismo por analogia, mas
sinal contrário.

Não é, portanto, por acaso
hado, ou por procura de efei-
gratuito, que tal sacrifício
m lugar no preciso local da
gração inicial; só aí é que
e, na realidade, é funcional-
ente exequível, tanto no pla-
estético, como no ideológi-

Nestas circunstâncias, o tal
lamlet», sugerido e ocasio-
lmente aceite por Eisenstein
célebre «autocrítica», assu-
da perante o Comité Central,
que talvez valha a pena re-
oduzir na sua parte essen-
al, «Na segunda parte de
an, O Terrível, deturpámos
rtos factos históricos, o que
rna o filme indigno e viciado
ponto de vista ideológico...
centro da nossa atenção é,
deve ser, **Ivan, o construtor,**
an, o criador dum poder rus-
, novo, poderoso e unido,
an o destruidor inexorável de
do o que resistiu às **suas** em-
esas progressivas... O jogo
dúvidas arrastou-nos total-
ente e o caracter dominador
Czar e o seu papel històri-
mente progressivo desapare-
ram do campo da nossa
enção. O resultado está na
pressão falsa e errónea da
agem de Ivan. A resolução
Comité Central acusan-
-me de uma má apresen-
ção da verdade histórica diz
e, no filme, Ivan é apresenta-
como «fraco e indeciso, al-
que nos faz lembrar Ham-
». Isto é sòlidamente docu-
ntado e justo (4), tal «Ham-
», dizia, acaba por ser um
têntico **anti-Hamlet**.

E a declaração de Eisens-
n, porventura, e afinal, a sua
neira, adequada às circuns-
cias do momento peculiar,
esquivar nessa altura a res-
sta incómoda quanto a uma
estão análoga de inevitabili-
de; a sua maneira, ainda, de
manamente procurar não ser
ngido na cabeça pelo tijolo.
rque o filme lá estava e lá
rmaneceria. E, com ele, a
a primeira, e última, e decisi-
e definitiva, declaração so-
e a matéria. Sòlidamente do-
mentada e justa.

o y otros ensayos de estética
the Film, Penguin, Harmond
Humanism, Essays on the Left
5
er, Lisboa, S/D, p 195

CALÍGULA a crítica e os fantasmas

Por Carlos Porto

São muitos os fantasmas que se infiltram descarada ou veladamente no nosso exercício crítico: fantasmas pacíficos ou patéticos, fantasmas que astuciosamente mudam a cor da tinta com que escrevemos ou passam uma mão macia pelos sobressaltos da nossa ira. Alguns têm o rosto descoberto, podemos nomeá-los sem hesitação: Amélia Rey Colaço (D.); Teatro Nacional (muito maiúsculado); razões de solidariedade (política ou afectiva): o verso de António Nobre que todos lemos na adolescência: «Olha, além, um artista que lê chorando uma crítica»: o respeito pelo leitor cordato. Outros são mais subtis, ocultam-se atrás de máscaras sinistras: condicionalismos-ismos-ismos; justificações-ões-ões. E não esqueçamos o mui grande e implacável desespero, sim, o desespero perante este caranguejo que é o nosso teatro, o desespero perante tudo e perante o teatro que é o microcosmos de tudo; esse brutal ou diáfono desespero que ataca sobretudo os mais novos (ou mais velhos) e os leva, FELIZMENTE, a esquecer os outros fantasmas e a encarar de frente o único que conta, esse a que ainda chamamos teatro, e a atacá-lo, apesar do Nobre e dos nobres sentimentos.

Tenho na minha frente nove recortes de críticas ao espectáculo do Trindade. Como leitor não posso deixar de me sentir confuso de tal maneira são diferenciadas ou opostas essas críticas. A minha confusão aumenta porque como autor de uma delas me submeti a uma atitude de perfeita e imperturbada clareza: esta versão do **«Calígula»** de Camus é um crime imperdoável, é em absoluto de rejeitar (em absoluto) embora Fernando Midões (**RadioTelevisão**) encare essa atitude como «pouco curial e injusta». Não é a posição que assumi nem original nem única: compartilham-na Orlando Neves (**República**), Joaquim Benite (**Notícias da Amadora**); e, parcialmente, Manuel Magro (**Diário Popular**) — compartilham-na eventualmente aqueles que, na estreia, patearam o espectáculo. «Porquê?» pergunta Tomaz Ribas (**Observador**), acrescentando:... «Não deixaremos de afirmar que (embora não a tivessemos estranhado pois sabemos que estas coisas se preparam, organizam e processam) aquela pateada não nos pareceu justificada...» Aqui é o crítico injusto: ponho as mãos no fogo em como tanto a pateada ao **«Calígula»** como a, posterior, à **«Salvação do Mundo»**, foram apenas a reacção espontânea de espectadores que não podem, não querem (nem devem) admitir que companhias responsáveis e largamente, subsidiadas se permitam manifestações tão inferiores como aquelas a que assistimos.

Com Tomaz Ribas e Fernando Midões, a maioria dos críticos está, implicitamente, contra a peteada ao **«Calígula»**: Helena Dá Mesquita (**A Capital**); Manuela de Azevedo (**Diário de Notícias**); Urbano Tavares Rodrigues (**O Século**) pelo menos das que chegaram ao meu conhecimento.

É perfeitamente normal (nem podia deixar de ser) que as pessoas encarregues de julgar os nossos espectáculos de teatro nem sempre estejam de acordo sobre o que vê . O que é aqui chocante é a irredutibidade desse desacordo. Se o que é preto para uns, é branco para outros — alguma coisa não está certa. Não me proponho fazer o processo da crítica que até já aqui foi feito (com a parcialidade que se sabe). Tento apenas explicar-me como foi possível a alguns críticos aceitarem um espectáculo que é ao mesmo tempo inaceitável nas suas premissas e nos seus resultados. Só encontro uma explicação fantasmática: os fantasmas a que me referi teriam uma vez mais funcionado ao nível das motivações inconscientes. A reflexão descomprometida (implicando um comprometimento inabalável em relação a outros valores) que uma crítica de teatro envolve foi uma vez mais reduzida ao nível, já inaceitável, da opinião pessoal, da crítica gustativa.

Penso que ao crítico compete lutar antes de mais nada contra as (constantes) mistificações de que o nosso teatro é palco fácil e cómodo. Devemos ter em conta os seguintes factores objectivos no julgamento de um espectáculo como este: exigências do texto; capacidades prováveis/possíveis do encenador; condições em que este aceitou trabalhar; concepção proposta; possibilidades da companhia em dar realidade a essa concepção. Meditemos nestas palavras de Joaquim Benite: «Em que medida pode um encenador estrangeiro, sem experiência nem contactos com o país onde vai actuar, apresentar um trabalho que sirva as condições particulares desse país? (...) Poderá um encenador estrangeiro, sem um estudo aprofundado de um

público, das condições especiais em que ele se insere, do seu enquadramento histórico, económico, social, político e artístico, do conhecimento dos seus hábitos e das suas carências, das suas necessidades e dos seus tabus, do seu grau de desenvolvimento, da sua experiência e das suas raízes culturais, interpretar para ele um texto, tendo em vista todos estes factores? É evidente que não». Se esta posição me parece justa, em termos gerais, creio que em relação a uma companhia como a do Nacional e a um público como aquele que frequenta os seus espectáculos — um encenador competente e sério poderá criar um espectáculo com interesse. Valerá a pena? Isso é outra questão.

O que não é possível é acreditar num encenador que aceitou trabalhar nas condições em que Sereys trabalhou: o conhecimento mundano dos actores e alguns dias de ensaio impossibilitariam desde logo um resultado sério. Vou pegar em exemplos colhidos das críticas de Fernando Midões e de Manuela de Azevedo. Escreveu o primeiro: «Queremos dizer que os corpos do elenco do Nacional não estavam nem poderiam estar aptos ao trabalho que o encenador pretendia...» E a crítica do **«Diário de Notícias»**: «Não sabemos nós, porém, que os artistas portugueses não receberam lições de dicção nem de colocação da voz? Não sabemos que não praticaram ginástica nem expressão de corpo (ou mímica)... «Vamos admitir que o encenador seria, efectivamente, competente para dirigir um trabalho com base na expressão corporal dos actores (o que é muito duvidoso porque oito anos na **«Comédie»** e uns tantos no **boulevard** não dão para isso...). O que faz nesse caso um encenador honesto? Ou é capaz do milagre de pôr os corpos dos actores aptos ao trabalho que pretendia ou escolhe outro caminho. (Vem aqui a propósito lembrar o seguinte: é certo que os nossos actores são vítimas de total impreparação para interpretar determinado tipo de teatro. Pergunta-se, no entanto, que fazem eles para contrariar essa impreparação? Sabe-se que há exercícios que podem ajudar a uma melhor e mais completa utilização das respectivas capacidades corporais. A ginástica, o judo, a esgrima — por exemplo. As barrigas que alguns dos nossos actores exibem, provam que estes estão menos interessados em melhorar as suas capacidades do que deviam). Quero dizer com isto o seguinte: Jacques Sereys ao imaginar a sua encenação de **«Calígula»** não teve em conta as possibilidades dos actores que iriam dar um comportamento físico e psicológico à sua concepção. Foi um dos seus erros.

Nem sequer levanto o problema da (in)fidelidade do encenador ao pensamento camusiano (só um exemplo: como se pode identificar Camus com Calígula e depois transformar este num ditador nazi?); não lembro as confusões que o encenador estabeleceu entre vários e inconciliáveis estilos: nem a clamorosa incapacidade da sua direcção de actores, que nem sequer as condições em que trabalhou explicam (o que torna dolorosa a afirmação de Urbano Tavares Rodrigues: «houve um esforço de direcção aturado»). **O que me parece** grave é o facto (evidente) de Sereys não ter sido capaz de fazer passar as suas ideias (tão confusas...) ao palco; de transformar a sua concepção (correcta ou incorrecta, no momento não interessa) num espectáculo ao mesmo tempo coerente com essa concepção e com os elementos que deviam significá-la. E muito fácil ter ideias geniais sobre o que quer que seja (não é o caso de Sereys, claro). O que define o artista, neste caso, é a passagem dessas ideias a uma realidade estética: é a transformação dessas ideias numa realidade viva. Ter ideias não é dominar uma ideologia; arremedar a recriação de um texto não é fazer teatro.

Sob esse aspecto, o trabalho de Sereys pareceu-me indiscutivelmente (tanto quanto é possível) uma mistificação. E foi aqui que os críticos do elogio ou da justificação falharam. Por não se terem apercebido de que não seria possível analisar e julgar este espectáculo sem ter em conta essa óbvia (perdão!) dose de mistificação. Tudo o resto é resultado disso

JOSÉ DA CÂMARA LEME

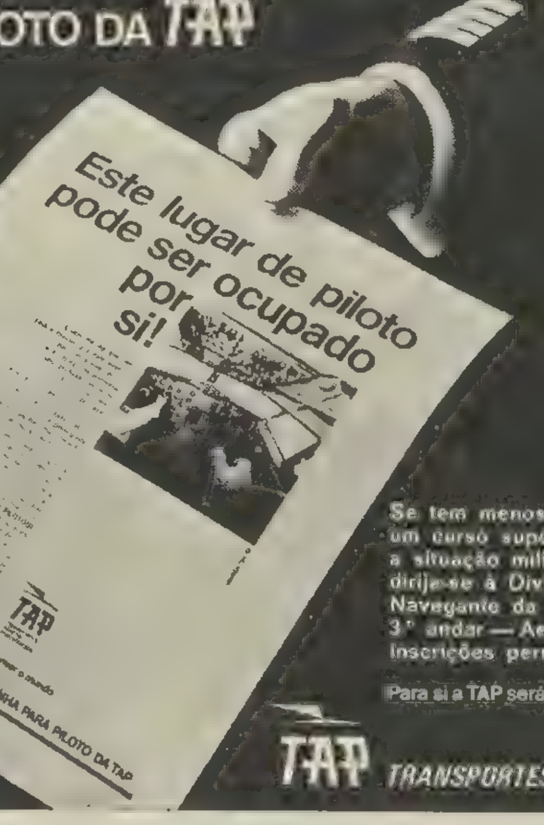
QUANDO NASCI NA MINHA MORTE

Agreste de riso e pesado de ironia, um percurso interior pelos temas da obsessão e do vazio, uma experiência nova no romance português.

colecção
AUTORES PORTUGUESES
preço 40$00

LIVRARIA BERTRAND
Apartado 37 — Amadora

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO
VENHA PARA PILOTO DA TAP



Se tem menos de 32 anos, frequência de um curso superior ou equivalente e a situação militar regularizada, dirija-se à Divisão do Pessoal Navegante da TAP — Anexo I - ao hangar n.º 6 3.º andar — Aeroporto de Lisboa
Inscrições permanentes. Cursos Periodicos.

Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

O TEATRO E O CINEMA DA CIDADE

Quousque Tandem Calígula

Ignoro quem seja o encenador, e confesso que isso interessa relativamente pouco para o que vou dizer. É possível, mesmo, que se trate de profissional operoso, constelado de êxitos, pois teve o soberano condão de despertar a atenção e de movimentar o arsenal da «nossa primeira companhia». O que agora nos importa é uma coisa bastante mais distanciada (e, no final de contas, muito mais próxima) daquilo que em concreto se deve pôr.

Para encenar **Calígula**, de Camus — aqui reside a minha ideia — não basta saber muito de Teatro. Para realizar esta obra é preciso jogar com alguns conhecimentos de filosofia jurídica os quais, sem dúvida, estavam pressupostos, básicamente, no dramaturgo. Sem eles, toda a sua leitura nos vale uma empresa lamentàvelmente inútil. Diria até que, para lá das leituras possíveis deste texto, os óculos de ler **Calígula** são uns e só eles. De contrário, a miopia desloca a imagem ao ponto equivocado de ser outra.

Por palavras diferentes, afirmaria o seguinte: esqueceu o encenador, e a «nossa primeira companhia» os ignorou, dois factos muitíssimo simples: que por um lado **Calígula** constitui uma questão lógica e, pelo outro, que Camus até era formado em Filosofia. Só aquela ineficácia e esta ignorância puderam levar-nos ao delito oficial. Caiu em acreditar, o encenador — tal como aconteceu a Cesónia, ao jovem Cipião e aos patrícios da peça — que o imperador estava dementado. Mas a «doença» era-lhe sòmente a lógica. O excesso de afã («Se durmo, quem me dará a Lua?») pode, na verdade, parecer um processo demencial apalhaçante — mas isso é o que não interessaria senão a um técnico de Teatro que só logra compreender e valorar, no texto dramático, os aspectos algo clunescos (secundarissimos) desse afã. «Vocês vão ver o que a lógica vos vai custar», diz Calígula para o Intendente, não para ser o gozo torturante de um sádico, que faz dos outros os seus títeres, mas para título de ponto incongruente (diria mesmo absurdo) da necessidade de se governar (de se agir) com **lógica implacável**.

É bom não esquecer esta coisa, só por si interditante de se despojar as personagens dos seus trajos romanos: está-se na Roma imperial, uma sociedade em que, mercê das circunstâncias históricas que agora não vale a pena pôr em causa, o **formalismo conceitualista** atinge aquela implacabilidade lógica. Duas pessoas, por exemplo, são entes fisicamente análogos. Mas uma delas é «cidadão» (tem **personalidade**) e a outra é «escravo» (constitui uma simples **coisa** negociável, destrutível). E acontece assim por que razão? Porque a «pessoa» é simplesmente a «personificação» de um complexo de normas legais. Portanto, daí até à personalização jurídica do seu cavalo Incitatus, que Calígula fez Consul do Império, vai um passo que não é nenhum. Se o Direito só representa aquilo que a vontade imperial decreta, haverá seres humanos que não são pessoas e poderá haver cavalos que constituem pessoas jurídicas, autênticos cidadãos.

Decerto, na peça que nunca se fala no célebre cavalo de Calígula, que vivia em palácio sumptuoso dava festas e se fazia convidar para os triclínios alheios. Mas o facto é histórico e nós vamos tirar-lhe as consequências lógicas implacáveis. Porque Calígula não é louco ao instituir, na dignidade consular, o seu equideo. Na ordem jurídica onde nasce o imperador, em Roma, já existiam seres humanos (os escravos) que juridicamente não eram pessoas. O conceito de «pessoa» nada tem a ver com a ideia do «ser humano» — logo, pode um cavalo (à vontade de ser pessoa). E era isto que o encenador podia saber se vigorasse o pensamento de que encenar Teatro sabendo só Teatro é muito pouco, pelo menos quando se entra no domínio de certas obras.

Gérard PHILIPE, primeiro criador de Calígula (1945)

Com propositado exagero, que a inteligência do leitor saberá reduzir, direi que o encenador devia pelo menos ouvir quem tivesse no cabedal do cérebro alguns rudimentos de problemática purista de Direito, das ideias de Kelsen, do logicismo axiológico da escola de Baden, do apriorismo lógico de Marburgo. Isto, claro, no grau suficiente dos rudimentos, sem este aparato terminológico, que até implica o seu ar por demasia filosofante. As coisas, todavia, são como são. E só depois ele devia exercitar (mas só depois) a sua eventual capacidade para criticar, pela ironia cénica, as implacabilidades lógicas caligulanianas, de que o Direito é uma ciência só normativa, à qual só interessa o **dever-ser** — nunca o **ser**.

O cavalo Incitatus **deve ser** pessoa — logo, é uma pessoa. Os escravos **não devem ser** pessoas — logo são simplesmente coisas. Porém, o encenador ofereceu-nos antes uma grande (ou pequena) palhaçada, ao nível daquela que lhe será o horizonte intelectual. O que implica uma pergunta: a quem culpar?... Pois, onde se conceberia um espectáculo crítico desse imperador — que era, por cognome, uma sandalinha, mas que apesar disso se mostrava (séculos antes) burguêsmente influenciado por um Kant (de séculos depois), e do qual tomou, como fundamental, a distinção entre estes dois mundos, do **ser** e do **dever-ser**, afirmando, como se isso fosse exacto, que entre eles não há comunicação possível — onde se conceberia a crítica de tudo isto, repito, caíu-nos em cima um instrumental circense de triste gargalhada. Helicon no trapézio, Cesónia de chicote em punho, Cherea e Calígula às voltinhas de trotineta — enfim, uma bambochata!

Tal como o kantiano Hans Kelsen, propõe-se **Calígula** o afastar toda a nuvem metafísica que decora o Estado. Para isso constrói uma teoria puramente normativa do mesmo, isto é, sem qualquer colaboração da política. Ri-se Calígula das questões do Tesouro, dos celeiros públicos, da administração estatal. Ele é a Lei: só o dever-ser dos seus decretos existe. O Direito é só dever-ser, nada tem a ver com a realidade — com o ser, numa palavra. Daí que, como diria Kelsen, a antijuridicidade só possa ser Direito. Daí que o amor com Drusilla não seja incesto, que o culpado seja culpado sem ter culpa alguma, que um velho e nobre patrício seja «a minha linda», que haja trigo nos celeiros e se decrete a fome geral, que um remédio para a asma valha por veneno ainda que não valha, e finalmente — repare-se bem nisto — que o imperador, ferido de morte pelos seus executores, decida um **extremamente lógico** «ainda estou vivo».

Conversando com o crítico de Teatro e meu amigo Orlando Neves, sobre este «essencial» que vejo na peça de Camus, opôs-me ele uma objecção talvez importante. Se **Calígula** significa o extremo puro, implacável, da lógica estatal, como entender então — observou Orlando Neves — a 14.ª cena do 2.º acto, onde o imperador e o jovem poeta parece que se encontram em espírito?... A verdade, porém, é que esta lúcida chamada de atenção mais me reforçou no que venho dizendo. «Tudo em mim toma as feições do amor» — sem dúvida no-lo diz o jovem. Mas, sem dúvida também, Calígula lhe replica de imediato: «É essa a virtude dos grandes corações, Cipião! (...) Mas sei bem qual a força da minha paixão pela vida, **sei que ela não se satisfará com a natureza**. Não podes compreender isto, és de outro mundo. És puro no bem como eu o sou no mal». E então critica-lhe o poema: «Acho que falta sangue a tudo isso». Mas Cipião horroriza, acorda do encanto: «Monstro! Monstro infecto. Mais uma vez estiveste a representar...» Posto o que Calígula remata resolvendo a dúvida (do seu interlocutor e, certamente, a de Orlando Neves): «O que dizes é verdade. **Eu estive a representar**». Até ao fidelíssimo amigo ele aplica as consequências da sua lógica, a simulação de um real que não é.

Se tivesse percebido isto, teria o encenador entendido (em corolário) que a tragédia de **Calígula** não é a sua morte, nem a morte de ninguém (sequer mesmo a de Drusilla), mas a de haver **alguma porção do real** — a Lua — que lhe escapa ao poder do Direito. Quando ele diz a Helicon já a ter tido duas ou três vezes ao alcance, não faz uma afirmação de louco. Só intérpretes de lupa embaciada o diriam. Porque para Calígula, de tal modo o domina a necessidade lógica de «tornar possível o que não é», como funcionalidade máxima do poder imperial, **ter acariciado a Lua é já o ter fabricado «legalmente» a conquista** desse impossível.

Contra tudo isto, o «Circus Caius» do Trindade-Nacional é o desastre em que o encenador colocou, apalhaçadamente, a **tragédia lógica do poder estatal**. Camus quis dizer que o mundo e a vida são irracionais, e absurda a tentativa humana para encontrar um significado. Lógica, sim, a pretensão de Calígula, desprezando os fundamentos e as razões morais, qualquer coisa **à maneira de um super-homem nietzscheniano**. Mas o senhor encenador seguiu o nenhum caminho de brincar com aquilo de que não viu nem sombra. A analogia que ele formulou entre o imperador romano e Adolfo Hitler esclarece-nos, aliás, sobre **a escuridão mental em que se moveu**. E que Hitler passou a vida a justificar-se, enquanto Calígula não se justifica — simplesmente vive. Por isso, não obstante ter Camus qualificado o seu **Calígula** como «a tragédia da inteligência», o senhor encenador em causa só conseguiu, diante dos nossos olhos magoados, convertê-lo na comédia da parvoice.

Por Fernando Luso Soares

De como amávamos Eisenstein sem o ver

UMA TREMENDA VITÓRIA

Por José Vaz Pereira

Os anos do cineclubismo e da descoberta do cinema - generosidade desbaratada, dogmatismo, carolice, trapalhice, «Hoje à noite há palestra», o sócio 345 diz que **não** tem as quotas em atraso, Hitchcock é uma besta e vamos pensar num ciclo - demonstraram que havia possibilidade de amar um cineasta sem o ver, de venerar uma Bíblia sem a ler. O entusiasmo chegava. O amor pelo cinema re-instalava o lirismo, Sergei Mikailovitch Eisenstein, realizador invisível-visível, gigante dum realismo (a sério) socialista, combinava-se connosco da maneira mais platónica deste Mundo. Como os adolescentes mais timoratos e tímidos desajeitados em volta duma carícia.

Mas que ninguém se atrevesse a discutir o que não víamos! Não puxávamos do revolver da gaveta, mas o «dossier» ia para cima da mesa. Os arquivos fuzilavam.

E vinham as teorias de Eisenstein, os livros de Eisenstein, os recortes de Eisenstein, os «croquis» de Einsenstein, as fotografias de Eisenstein, as planificações de Eisenstein, todo o historial da preparação do «script», da filmagem, da montagem.

Éramos um pouco como os relojoeiros suiços que fabricam cada um a sua peça e dominam tudo menos o produto final.

E seriam precisos os filmes - esse pormenor! - para provar a genialidade dum autor evidenciada por tanta documentação insofismável? Cada elemento conseguido sobre a actividade do cineasta russo, por mais insignificante que parecesse, era uma tremenda vitória. De **Que Viva México** dizia-se, por exemplo, «tal montagem é uma aldrabice e a melhor é feita por Marie Seton que conheceu Eisenstein. A opinião saía grave, quase conselheiral, reforçada pelo facto de se «saber» uma coisa que não se tinha visto.

OS FELIZARDOS

Mas havia os felizardos.
Os da vaca.
Os da massa.
Os da bolsa.

Esses iam lá. E viam. Em Paris. E, suprema crueldade, regressavam. Se Ray Bradbury fala dos homens-livros, estes eram os homens-filmes. As pressões ia direitinhas para os arquivos. Faziam parte da deliciosa bagagem eisensteiniana que permitia criticar qualquer outra obra, um Carné desprezível, um Robert Wise sem garra, segundo os princípios do «autor de Outubro».

Mas a trajectória do entusiasta lusíada, desembarcado na gare de Austerlitz, tremendo de excitação perante uma sessão no Studio des Ursulines ou no Ranelagh, não podia ser reconstituída como um telegrama. Os peregrinos de Meca ou de Santiago de Compostela, o admirador da revolução de Outubro que vê o couraçado **Aurora** ancorado em Leninegrado, o americanófilo que pressente as coristas louras da Broadway cheirando a carne rosada e a sabonete Palmolive num bar de New York não contam a sua jornada em duas palavras. Há que ser lento, retardar-se nos pormenores, reconstituir. As perguntas choviam. Estava frio? Havia muita malta? Ficaste com o bilhete? A empregada tinha troco? As cadeiras eram cómodas? Foste (ou não) insultado pela arrumadeira por falta de francos? E a projecção? Assististe acompanhado? Sózinho? Se levaste companhia, a outra pessoa também **vibrou**? Ou era uma burguesinha parisiense, a imitar a BB e arranjada à pressa numa esplanada? Consentiste que ela trincasse uma barra de chocolate com amêndoas enquanto se projectava a cena da batalha de **Alexandre Nevsky**? Responde sim ou não.

A reconstituição era dura. Não trazer o programa era um crime. E, claro, a falta duma prova importante.

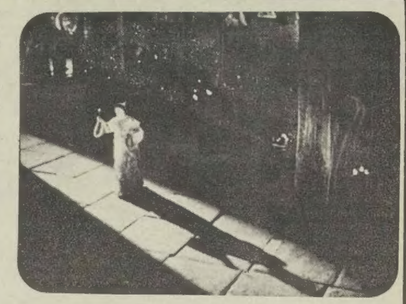
Os homens-filmes faziam também parte da nossa maneira de amar Eisenstein sem o ver. Os felizardos confirmavam que o que estudávamos não era sonho: EISENSTEIN VIVIA!

COM AS LUZES APAGADAS

Vem isto a propósito do encontro com Eisenstein. **Ivan, o Terrível** faz carreira (o que seria impensável no **ancien regime**) no Apollo 70, a duas piscadelas de verde do Campo Pequeno. Talvez por isso o encontro seja mais reencontro e venha envolto duma certa familiaridade. E também duma certa melancolia porque enquanto Eisenstein não envelheceu, envelhecemos nós.

De qualquer modo, essa distância e esse desconhecimento real duma obra e que não nos impedia de ter opiniões e de matraquear citações terá valido como vontade de assumir o expoente máximo da idade do ouro dum grande cinema que nos era desconhecido. E viver couraçados numa teoria de que não tínhamos visto a prática desenvolver-se. Em termos de ser confirmação dialéctica dum pensamento.

A crónica, apesar de côr-de-rosa, assenta numa verdade. Tínhamos Eisenstein sem o ver como os surrealistas ainda jovens «tinham» **King-Kong** apenas por terem lido as páginas delirantes de Ado Kyrou. O manancial de documentação dos anos 50, do princípio dos anos 60 que poderá provar isso só precisa dum coca-bichinhos trabalhador para vir a lume com a sua ingenuidade maravilhosa, só porque o amor também funciona na solidão. Distante, Eisenstein era nosso porque sabíamos que um dia, cá ou lá, as luzes apagariam na sala, formar-se-ia o silêncio e nós ficaríamos, desta vez, face a face com ele. Face a face com o cinema que ele inventa e continua. Face a face com o cinema que ele é.



diário de um volkswagen

DEZEMBRO 12 DOMINGO

25342 kms

Estou cansado mas feliz!

Foi uma rica passeata para eles, mas eu... eu fartei-me de trepar. Fomos à Serra da Estrela e aí provei a excelência do meu motor. Ainda sou melhor que o Merckx!

E cá dentro toda a gente ia satisfeita, que o meu aquecimento (equipamento normal) está à altura da qualidade VOLKSWAGEN!

AG-87-99

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S.A.R.L.
avenida da liberdade, 12 – tels. 366751/7 – 370171/5 – lisboa
FILIAIS E AGENTES EM TODO O PAÍS

Prontuário das Letras

A VOLTA DE CALIBAN

Consideramos um acontecimento a saída do n.º 2 de **Caliban**, cadernos não periódicos de literatura que J. P. Grabato Dias e Rui Knopfli organizam e coordenam em Lourenço Marques. E um acontecimento pela qualidade (tirando **Outubro** nada vemos que se lhe possa comparar), mas é-o também, ou mais ainda, pelo simples facto de haver saído. Queremos acrescentar em tempo que **Caliban** está à venda numa livraria ao cimo do Chiado: leitores de poesia não podem desconhecê-lo; estudiosos ou simples curiosos da actualidade literária africana de expressão portuguesa cometerão um erro grave de perspectiva deixando para amanhã o que devem ler hoje.

O n.º2 dos cadernos laurentinos inclui no seu sumário uma mini-antologia do poeta polaco Zbigniew Herbert, vertida para português, depois de sòbriamente apresentada, por Rui Knopfli; um texto polémico de Herberto Helder (**Movimentação errática**); poemas de António Ramos Rosa, Lourenço de Carvalho e Frei Joannes Garabatus, aliás J. P. Grabato Dias, aliás um pintor muito conhecido, aliás (vamos acabar com os truques e dizer o que é preciso) um poeta maduro, ferocíssimo no humor, agilíssimo na forma que dá a esse humor: V. conhece? E inclui por último as «Notas para a recordação do meu mestre Fonseca Amaral», de Rui Knopfli, seguidas de 12 poemas desse que é, embora diluído hoje na grande Lisboa das traduções para sobreviver, um dos melhores líricos em português do pós-guerra e seguramente um dos mais notáveis poetas da Africa Austral. Recuperando João da Fonseca Amaral para o nosso conhecimento, **Caliban** prestou-nos um serviço oportuno.

MAIS POETAS

Falando ainda de poetas, chamamos a atenção para **Pablo Neruda, Prémio Nobel de Literatura 1971**, que a Prelo acaba de inserir na sua série de «Documentos». Tem bastante material de interesse e ajudará o leitor a movimentar-se na poesia nerudiana, sobretudo a mais recente (e menos conhecida), para além de fornecer todo um acervo de excelentes informações sobre o tónus cultural do Chile de hoje. A não perder, claro, a breve declaração do dr. Salvador Allende comentando a atribuição do Nobel ao seu compatriota.

Dos Açores vem-nos um pequeno caderno intitulado **Silêncio vertical**, de J. H. Borges Martins, que é uma relativa sacudidelá, cremos, no morno ambiente literário do arquipélago. O autor, resvalando embora para alguns lugares-comuns, entremostra qualidades de domínio formal que o colocam já fora do imenso círculo dos versijadores de ocasião. Terá contribuído para isso a sua experiência africana, visível no poema que dá o título à recolha.

A GENTE DO LEME

Mudança substancial, ao que presumimos, na Editorial Estúdios Cor: a entrada de novos sócios, entre os quais estaria o ensaísta Romeu de Melo, deve fazer entrar a firma numa fase diferente da sua actividade. A direcção literária passa a ser assumida por Natália Correia.

Deste modo o poeta José Saramago (12 anos ao serviço da Cor, 10 dos quais como director literário) abandona por decisão própria a editora no fim do corrente mês.

Também nos lados da Moraes sopraram os ventos da mudança. A Livraria Editora foi adquirida pela Sociedade Financeira Portuguesa.

O MARQUÊS E OS JESUÍTAS

Também há novidades no teatro: **Roberta**, de Romeu Correia (edição da Livraria Sam Carlos) merece a nossa atenção por motivos vários. Dir-se-á mais uma vez que este é um dos raros dramaturgos portugueses que efectivamente põem na boca das suas personagens a língua de todos os dias, certa nos modismos populares, reproduzida sempre sem afectação. Depois, o conhecimento da carpintaria teatral não sofre contestação; a simples leitura de uma peça de Romeu Correia basta para **vê-la** sobre as tábuas. Acrescente-se a sua aposta num teatro português, localizado no espaço geocultural que nos coube, e teremos uma breve indicação do que é hoje o fenómeno deste dramaturgo ímpar.

Roberta serve-se de duas aventuras de fantoches, recuperadas de memória, para recriar uma história de amor e ódio entre feirantes: o Marquês de Pombal e os jesuítas misturam-se subtilmente com Santo António pregando aos peixes para nos dar a fábula da ternura cercada pela violência.

Continuação da primeira página

CALÍGULA NO PAÍS DOS ESTEREÓTIPOS

mais ou menos bem re-presentada... trata-se de teatro impossível de ver, por ser representação mais ou menos de literaturas.

Estereótipo dos estereótipos, é CALÍGULA um pedaço de literatura que, REPRESENTANDO-SE em palco tem este singular e único efeito: fica, de uma vez por todas, facultado a quem não saiba ler letras nos livros. Ou então: ir e ver e ver **Representar Calígulas**, para o cidadão leitor de Camus equivale a uma acção in-significante, sem sentido, rotina, estereótipocomportamento mal-educado, léria, passatempo. Um espectador de teatro está destinado hoje a isto.

ESTEREÓTIPO N.º2

O director da representação ora feita na rua da Trindade podia contrariar Camus- CALÍGULA não o representando, mas fazendo dele qualquer coisa, como, v. g., destrui-lo: tinha 50 por cento de possibilidades de pôr no mundo uma coisa não existente - **um camus derrubado**. Ou teatro sobre Camus. Se em vez de **Representar** calígulas (que, por seu lado, são representações de letras camusianas, as quais, por sua vez, são representações de Camuses) se em vez disso escrevesse C-A-L-Í-G-U-L-A em sinais de teatro e inventasse com corpos de actores, uma escrita feita num lugar amplo e livre, teria feito qualquer coisa existente em si. Digamos TEATRO, actividade a desenvolver-se à face da terra.

Não fez, porém, tal.

Ouviu dizer que o teatro já não se faz em palco, mas numa sala ou lugar construida de propósito para nela se fazer, realizar, tornar real (actual) a função teatral. Vai daí, transformou o palco em uma espécie de circo: fez mal. Porque os espectadores continuaram a sê-lo e a horripilante sala do Trindade continuou a ser (in)còmodamente o que era; o lugar não funcionou para lá disto: ser a cama onde se gerou o estereótipo, o estereotipado travejamento para deitar o estereótipo que o encenador tinha de ouvido. Uma desgraça: quando, em teatro, um lugar se transforma, é para que as pessoas se transformem, mal aí tomem lugar.

Transformar um teatro numa espécie de circo - ou mesmo num circo - não resolve nada, não produz nada, não significa nada, não é nada.. Porque se continua a representar num circo a representação de um teatro; que, por sua vez, é aqui a representação de uma literatura camusiana; que, por seu lado, é uma representação de Camus.

ESTEREÓTIPO N.º3

As pessoas vestidas de forma bem estranha, que no palco da Trindade se vão amostrando - essas pessoas representam. São actores profissionais. Por profissão, representam. Não fazem nada. Têm por profissão fazer uma coisa que consiste em não fazer. Por diversas razões mais ou menos assumidas, por diversos actos de diversa vontade, estas dezenas de pessoas, não a g e m, mas **fazem** a a c ç ã o de **representar** o que é **acção** de outros: de ditos por Albert Camus, de marcações de passos por Jacques Sereys, a quem têm por profissão obedecer. Quer isto dizer que vivem de coisas falsas - de fazer acções que NÃO FAZEM. Como um deles afirmou em entrevista recente, têm razão se disserem que não se responsabilizam pelo que fazem:

«Permito-me frisar uma coisa: eu não dirijo nada. (...) sou apenas um proletário contratado, dentro da minha profissão, de que necessito para viver em Portugal. E para viver em Portugal é preciso fazer determinadas transigências. Transigências essas que, no meu caso pessoal eu nunca deixo que sejam muito graves.» Rogério Paulo - à A CAPITAL de 6-11-71)

Fazem fretes, fazem biscatos, estereotipam-se, funcionam como adereços, em relação a uma coisa chamada Espectáculo, a qual é uma representação circense de uma representação teatral, de uma representação literata, de uma representação de Camus. Veja-se pois o desenrolar da cadeia: inicialmente concebeu e chocou um literato o projecto de se **representar** em forma literata; a essa forma transferiu-a para uma **representação** que lhe disseram chamar-se teatral; essa **representação** foi apanhada por um encenador que a transformou em representação de circo e a chamou sua; esta última das representações estão agora a representá-la, na rua da Trindade, Rogério Paulo, José de Castro, Mariana Rey Monteiro, os alunos da Casa Pia de Lisboa, etc.

Representam asssim: dizem frases decoradas aprendidas em Camus e ensinadas a dizer sob forma estereotipada, por Jacques Sereys. Representam assim: não sabem onde pôr as mãos e então metem-nas nos bolsos ou mexem em chicotes; não sabem andar e então passeiam, mexendo nisto ou naquilo; não sabem falar e então repetem falas alheias. **Repetem - ensaiam - representam.** Realizam todas as noites estereótipos. De que dizem não ser responsáveis e com razão.

Era isto tudo para dizer que esta gente está morta. Nada fazem de seu. Nada fazem. Fazem nada. Fazem o que já está feito. Representam.

Parece estar bem provado que não, que teatro não é representar. Mas por muito tempo se disse que era. E se dirá que é. Graças a eles e a nós, pobres voyeurs, que vamos ver representar e que, às vezes, representamos. Porquê?

E pronto. Assim vos foi relatada e explicada, com exemplos mais que concretos, a actividade inútil, impensada e absurda, a que em cadeia se entregam hoje uns milhares de homens chamados artistas. Aqueles de quem Calígula-Camus afirma.

Eu sou o único artista que Roma conheceu, o único que põe de acordo o seu pensamento com as suas acções... Os outros criam por falta de poder. Eu não preciso de uma obra: eu vivo!»

DESESTEREÓTIPO

Para todos os que arranjarem coragem de subir à rua da Trindade, os que a arranjaram para serem capazes de encenar este Camus, os que colaboraram, os que gostaram, os que ainda acham alguma função a esta actividade que chamam teatro... E também para aqueles que lamentam uma coisa bem pouco grave - a ofensa que esta encenação é para Camus, seja finalmente um texto de Grotowski, que também podia ser de Camus ou não; que será necessàriamente de todos os que se crêem neste mundo com capacidade para FAZEREM qualquer coisa. **Fazerem.** Em vez de representarem, que nem por ser actividade mais fácil, é menos absurda. Ou insignificante. Ou falsa, claro; «Porque é que a arte é assunto que nos diz respeito? Porque precisamos de passar para lá das nossas próprias fronteiras, ultrapassar os nossos limites, preencher os nossos vazios, completarmo-nos. A arte não é uma condição mas um processo, durante o qual o que em nós é sombra, se torna transparente. Neste combate com a nossa verdade própria, este esforço para arrancar a máscara da vida, o teatro, com a sua percepção carnal, sempre me pareceu uma espécie de provocação. Ele tem capacidade para se desafiar a si mesmo e desafiar os espectadores, violentando os estereótipos aceites pela nossa visão, pelo sentimento, pelo juizo. E esse desafio é tanto mais violento quanto se incarna na respiração, no corpo, nos outros impulsos do organismo humano. Este desafio ao tabu, esta transgressão do tabu provoca o choque que nos arranca tudo quanto nos embrulha e nos permite oferecermo-nos, todos nus, a qualquer coisa impossível de definir e em que estão compreendidos Eros e Charitas. Como encenador fui tentado a utilizar situações arcaicas, santificadas pela tradição, situações que, no domínio da religião e da tradição são tabus (...) quis atacá-las, ir para lá delas ou então confrontá-las com a minha experiência, que é afinal, a colectiva experiência da nossa época.»

(1) A QUEDA, A PESTE...
(2) Vers un Théatre Pauvre pg. 20-21

SURDEZ
CENTRO AUDITIVO
— A Casa mais moderna em Aparelhos Auditivos —
LISBOA — Rua Aquiles Monteverde, 32-1.° • Telef. 5 95 97
(à Estefânia — frente ao Jardim Constantino)
SEMPRE OS ÚLTIMOS MODELOS em aparelhos para correcção da surdez

★ Audição frontal, produzindo som natural e nitidez inigualável
★ Tamanho discreto — forma anatómica
★ Graduação individual para cada caso
★ Audição indutiva para telefone e TV.
★ Custo mínimo de manutenção-pilha carregável

SERVIÇO ESPECIALIZADO onde os clientes encontram a melhor boa vontade para serem conscienciosamente orientados.

NO SEU PRÓPRIO INTERESSE PREFIRA:
QUALIDADE • TÉCNICA • GARANTIA

Direcção: Francisco Marcão
(23 anos de especialidade)

MORADIAS NUMA NOVA ZONA RESIDENCIAL EM CASCAIS

preços desde 380 contos
NOVA ZONA RESIDENCIAL DE MURCHES — CASCAIS
COM MORADIAS TOTALMENTE CONCLUÍDAS E PRONTAS A HABITAR BEM SERVIDAS DE TRANSPORTES COLECTIVOS E COMÉRCIO
LINDO PANORAMA E VISTA DE MAR E SERRA
PROPRIEDADE JOAQUIM BARBOSA AV. VALBOM, 28-1.º Dto. Telefs. 282345-282388 CASCAIS
valorização permanente

ÍS
OS

am hoje uns milhares de
ens chamados artistas.
eles de quem Calígula-Ca-
afirma.
ou o único artista que Ro-
conheceu, o único que põe
cordo o seu pensamento
as suas acções... Os outros
n por falta de poder. Eu
preciso de uma obra: eu
»

DESESTEREÓTIPO

ara todos os que arranja-
coragem de subir à rua
rindade, os que a arranja-
para serem capazes de en-
r este Camus, os que cola-
ram, os que gostaram, os
ainda acham alguma
ão a esta actividade que
nam teatro... E também pa-
queles que lamentam uma
a bem pouco grave - a
sa que esta encenação é
Camus, seja finalmente
texto de Grotowski, que
bém podia ser de Camus
ão; que será necessària-
te de todos os que se
m neste mundo com capa-
de para FAZEREM qualquer
a. **Fazerem**. Em vez de re-
entarem, que nem por ser
idade mais fácil, é menos
rda. Ou insignificante. Ou
, claro; «Porque é que a ar-
assunto que nos diz res-
? Porque precisamos de
ar para lá das nossas
rias fronteiras, ultrapassar
ossos limites, preencher os
os vazios, completar-
os. A arte não é uma con-
o mas um processo, duran-
qual o que em nós é som-
se torna transparente.
e combate com a nossa
ade própria, este esforço
arrancar a máscara da vi-
o teatro, com a sua per-
ão carnal, sempre me pa-
u uma espécie de provo-
o. Ele tem capacidade pa-
e desafiar a si mesmo e
fiar os espectadores, vio-
ndo os estereótipos acei-
ela nossa visão, pelo sen-
nto, pelo juizo. E esse de-
é tanto mais violento
to se incarna na respi-
o, no corpo, nos outros im-
os do organismo humano.
desafio ao tabu, esta
gressão do tabu provoca
oque que nos arranca tudo
to nos embrulha e nos
ite oferecermo-nos, todos
a qualquer coisa im-
ível de definir e em que
o compreendidos Eros e
itas. Como encenador fui
do a utilizar situações ar-
as, santificadas pela tra-
o, situações que, no
nio da religião e da tra-
o são tabus (...) quis ata-
s, ir para lá delas ou en-
confrontá-las com a minha
riência, que é afinal, a co-
va experiência da nossa
a.»
A QUEDA, A PESTE...
ers un Théatre Pauvre pg.

SIDENCIAL
CASCAIS
sde 380 contos
MURCHES – CASCAIS
CONCLUÍDAS E PRONTAS
DE TRANSPORTES
PROPRIEDADE
JOAQUIM BARBOSA
AV. VALBOM, 28-1.º Dto.
Telefs. 282145-282388
CASCAIS
ermanente

DESTA MANEIRA

- por Raul de Carvalho - sobre Camus e «Calígula» do Nacional

Pareceu-me boa a tradução, de Santos do Vale, pseudónimo do jornalista Fernando Fragoso.

Não sei como as coisas se passam em Portugal; em França, também não sei ao certo. Mas estou convencido que Camus, se visse isto, diligenciaria mandar retirar a peça do cartaz.

Dizem-me (não garanto) que o senhor (não sei o nome; vou procurar saber) foi quem montou, em Paris, **O Vison Voador**. Está tudo explicado...

Leio, em **As Amendoeiras**, de Camus:

«É uma grande verdade dizer que é trágica a época em que vivemos. Mas não falta quem confunda tragédia com desespero. Lawrence dizia que « o sentimento da tragédia deveria ser assim como um bom pontapé na desgraça». Ora aí está um pensamento que é são e imediatamente aplicável. Há muitíssimas coisas hoje em dia que bem merecem este pontapé».

O que vem em abono do meu particular e público protesto contra uma encenação (já não falo dos actores, coitados...) que, **em absoluto**, deturpa, trai, **comercializa**: um texto que à empresa e ao (dito...) encenador (neto de um senhor das relações da ilustre empresária, o que é amável...), um texto que, dizia, devia merecer, a todos nós, outra atenção e respeito, outra fidelidade que não esta. Que não esta... **palhaçada!**

Por isso achei muito bem (e me alegro que continue) a **pateada** de um público que está farto de conceder com os cargos vitalícios, as conveniências de ocasião, a falta de verdade e inteligência, a impreparação irresponsável, o continuado desrespeito por um público que... — que já sabe, felizmente!, **patear**. Que outra coisa merece — e exige! — um espectáculo que: **confunde**. Confunde loucura lúcida com histrionismo de feira, perseguição do infinito com bagatelas amorosas, contradição dos opostos e a impossibilidade de síntese, ou seja, **a condenação da solidão**, com a **blasfémia espectacular** que se nos ofereceu na convicção de que, inconscientemente e como era de hábito, a aceitássemos sem dizer palavra. Não, ilustres **aproveitadores** de Camus para as manigâncias e irresponsabilidades do comércio; ainda não estamos tão completamente desprovidos de senso crítico ainda não estamos assim tão **pobrezinhos de miolo** para... para **deixar passar**, como é costume.

Nem o absurdo (de que o teatro de Camus é paradigma), nem a fria consciência do irremediável (a infelicidade, a morte), nem a perene desumanização a que conduz certo amor (amor do qual, ao que parece, ao que vimos, a tradicional companhia tem vergonha), nem a ambiguidade, posta à luz, da condição humana, nem as contradições irresolúveis entre o poder e clarividência fatal das linhas de um destino que, por ser humano, se nos ante-olha manifestamente condenado de origem, nem a linearidade do estilo e, logo, e por obrigação, da representação, nem a sobrepose do **humano, demasiado humano**, nem a **volonté de puissance** recolhida por Camus em Nietzsche, — nada, nada disso nos transmite, a nada disso corresponde a clownesca representação a que assistimos. É de uma inconsciência...

E é sobretudo — e isso me indigna, nos deve indignar — uma falta de respeito por um homem que, de nome Albert Camus, nos legou uma, já agora inapagável, lição de equilíbrio, de sanidade moral, de ousadia sem gestos «para o público», de revolta contra tudo o que imoral e gasto e injusto, de autêntico exemplar amor à dignidade humana.

Não será, pois, nosso dever, **protestar** (o «resultado» pouco importa em termos de resultado contabilístico... o que importa, sim, é não cometer, uma vez mais, o crime da **indiferença**), — não devemos, pois e por obrigação inalienável, protestar contra uma coisa, uma coisa que... nem a arte, nem a humanidade, nem a memória de Camus, de Albert Camus, permitem que algum de nós esqueça ou atraiçoe. Desta maneira.

É justo fazer uma ressalva para a **leitura teatral**, feita com compreensão e talento, pelo actor Varela Silva. Mas... (reconheço-o) uma, inteligente e com talento, **leitura teatral** — será o suficiente...?

Arte de representar, uma coisa; **leitura teatral**, outra.

RAUL DE CARVALHO

BICICLETAS «VILAR»

COMPLETO SORTIDO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA
DISTRIBUIDOR GERAL: CICLO AREEIRO
ANTÓNIO CARVALHO & C.ª, LDA.
AVENIDA ALMIRANTE GAGO COUTINHO, 1-C/3-B
TELEFS. 72 68 70/71 03 42 • LISBOA
VENDAS: NO DISTRIBUIDOR E NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

E quanto em fim cuidaua, & quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CAMÕES / *Lusíadas*, III, 121

MEMÓRIAS DE ALEGRIA

ANTOLOGIA DE VERSO E PROSA EM HOMENAGEM À CIDADE DE COIMBRA NO CENTENÁRIO DA «GERAÇÃO DE 70»

Organizada e prefaciada por
EUGÉNIO DE ANDRADE

Selecção artística e direcção gráfica de
ARMANDO ALVES

COLECÇÃO VIAGENS NA MINHA TERRA

CINCO SÉCULOS DE LITERATURA

66
AUTORES (DE FERNÃO LOPES A FERNANDO ECHEVARRIA)

1
AGUARELA DE JÚLIO RESENDE, FEITA ESPECIALMENTE PARA ESTA EDIÇÃO

64
FOTOGRAFIAS A PRETO E BRANCO

19
FOTOGRAFIAS A CORES

6
GRAVURAS ANTIGAS

Formato 235×190 mm. Composição (em caracteres 10 Universus) e impressão na Inova / Artes Gráficas. Desta edição fazem-se duas tiragens:

Uma, assinada por Eugénio de Andrade, de duzentos e cinquenta exemplares, numerados de 1 a 250, e vinte e seis exemplares, fora do mercado, numerados de A a Z, impressa em papel couché aveludado Printomat de 120 gramas, encadernada em carneiro no formato 235×190 mm. e ilustrada com 4 gravuras, 64 fotografias a preto e branco e 19 fotografias a cores, e apresentada numa caixa com a reprodução de uma gravura em cobre — gravada por Joseph Skelton a partir de um original de Drawing. Destinada exclusivamente a acompanhar esta tiragem, reproduz-se a cores uma aguarela de Júlio Resende.

728 páginas / Preço 2 350$00

Outra, de mil e duzentos exemplares, numerados de 251 a 1450, e cem exemplares, fora do mercado, numerados de I a C, impressa em papel offset com tratamento Size Press, de 90 gramas, encadernada em couro sintético no formato 235×190 mm.

728 páginas / Preço 850$00

* Destinada exclusivamente aos primeiros 150 leitores que se inscreverem (através da sua livraria ou directamente na Editorial Inova) para adquirir esta edição (tiragem especial), fez-se uma edição bilingue do livro OSTINATO RIGORE (poemas de Eugénio de Andrade, traduzidos em francês por Bruno Tolentino e Robert Quemserat), assinada pelo Autor, com a reprodução de um desenho de Armando Alves e apresentada em carteira própria.

Para receber, sem qualquer compromisso, o artístico folheto exemplificativo do nível excepcional desta edição e com as respectivas condições de inscrição, bastará preencher, recortar e enviar-nos o cupão abaixo. Se tiver alguma pessoa amiga no Ultramar ou no estrangeiro que suponha interessado neste folheto, agradecemos a amabilidade de nos indicar o seu nome e endereço.

Nome _____

Endereço _____

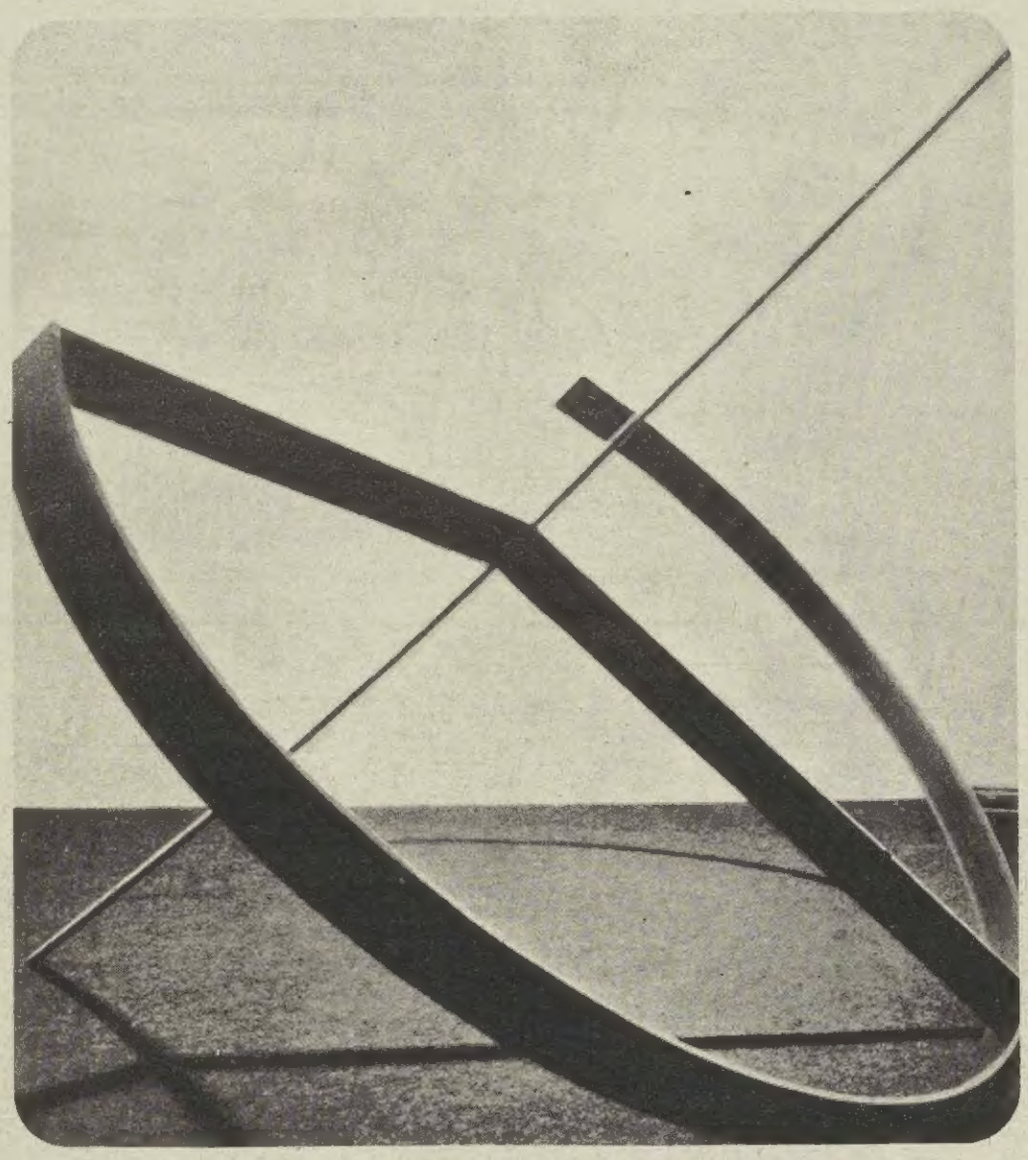
EDITORIAL INOVA LIMITADA ☐ APARTADO 466 PORTO

Artes Visuais

Por Rocha de Sousa

Conquista e utilização do rigor

Pasquale Santoro nasceu em Ferrandina (Itália) em 1933. Vive e trabalha em Roma. Pintor, escultor e gravador, Santoro tem exposto em Itália e no estrangeiro. Participou em diversas bienais, como a de Veneza (1962 e 66), a de S. Paulo (1963), a de S. Marino (1963), a de Lubiana (1961, 65 e 67), a de Tóquio (1962, 64 e 66), a de Paris (1967), a de Londres (1968) e a de Liége (1969). Pasquale Santoro realizou também peças para integração urbana, comemorativas ou decorativas, e está representado em diversos museus italianos e estrangeiros.



Escultura de Pasquale Santoro

BASES DE UMA LEITURA

A exposição de Pasquale Santoro articula-se em dois planos. Ou melhor: em três. As experiências e as consequências que se situam nesses planos explicam-se umas às outras. Cada plano da exposição ilumina o plano seguinte ou o plano paralelo, se se quiser. Nesse aspecto, e em relação à obra actual de Santoro, a Galeria Judite Dacruz realizou um trabalho didáctico e criou um espaço propício à leitura comparada dos diferentes níveis de produção daquele autor.

Poderemos caracterizar da seguinte forma esses três níveis de produção: um refere-se à organização de estruturas gráficas, segundo diferentes técnicas; outro diz respeito à realização do espaço escultórico; finalmente, o terceiro nível, coerente com os anteriores, inclui objectos de pequenas dimensões em que a experiência escultórica se aplica ao domínio da expressão ornamental.

Metodològicamente, situamos a articulação da leitura da exposição de acordo com a sequência assim organizada e partimos, portanto, da organização de estruturas gráficas. Nesse plano, Santoro incorre em dois tipos de experiência. Numa delas, o seu trabalho, tendo embora o aspecto de uma pesquisa que se fecha sobre os próprios meios que a determinam, é sobretudo um modo de exercitação, a descoberta de uma disciplina que condiciona e significa o gesto. No outro tipo de experiência, o autor, socorrendo-se de uma técnica específica de impressão, cria malhas geométricas regulares, sobrepondo-as com ligeiro desfasamento, e propõe assim séries de padrões que sugerem simultâneamente campos exploráveis pela produção industrial e campos susceptíveis de uma aplicação decorativa autónoma.

Ambas as experiências, no entanto, abrem caminhos seguros e rigorosos para a formulação escultórica, núcleo da actividade de Santoro ilustrada na exposição.

A ORGANIZAÇÃO DE ESTRUTURAS GRÁFICAS

1.º tipo de experiências: utilizando suportes de papel e principalmente canetas de feltro de diferentes cores, Santoro procura isolar de forma rigorosa a actividade da escrita, fazendo-se condicionar por espaços geométricos característicos. Trata-se de um trabalho persistente que envolve a aprendizagem do gesto, que explora o aparecimento da escrita e que propõe o estudo das relações entre sinais de diferentes constituições estruturais e cromáticas. Este trabalho revela-se extremamente rigoroso e progressivo, numa longa sequência de tentativas: ele corresponde a um método de disciplinização do gesto e à descoberta de estruturas capazes de favorecer a resolução do espaço escultórico. Com efeito, das «teias» repetitivas que se reconhecem nesta experiência da representação gráfica de Santoro é possível extrair os **movimentos** essenciais que a sua escultura propõe. Essa escultura traduz-se, em grande medida, como uma **coisificação** daqueles movimentos.

2.º tipo de experiência: utilizando técnicas específicas de impressão, em suportes de papel poroso, Santoro realiza paralelamente (ou complementarmente) um trabalho de estruturação matemática e geométrica dos impulsos mais espontâneos assumidos nas experiências atrás referidas. Aqui, a aparência formal é já garantida pelas imposições técnicas de uma oficina de finalização. Os objectos daí resultantes, propondo padrões bem definidos, adquirem perfeita autonomia, são aparentemente «pontos de chegada». Mas, se por um lado eles nos permitem essa conclusão, igualmente nos sugerem a possibilidade de reprodução e aplicação no domínio industrial; e não deixam, por isso, de explicitar a realidade de um «**design**» cuja natureza se reconhece também subjacente à produção escultórica do autor.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCULTÓRICO

Relativamente à exposição em causa, situamos os objectos escultóricos no segundo nível de produção. Essa opção não tem que ver apenas com uma comodidade de leitura das obras propostas: tem que ver também com um mecanismo de criação que assim nos parece mais claramente justificado. Com efeito, e se nos reportarmos ao que afirmámos atrás, estas esculturas de Santoro acusam de maneira evidente os conhecimentos consolidados pela experiência gráfica e revelam a mesma necessidade de rigor e um despojamento final que pressupõe todo um método de síntese.

As esculturas de Santoro apresentadas na Galeria Judite Dacruz são realizadas em aço e ferro. Elas decorrem de um modo de formar que se baseia rigorosamente nas técnicas precisas susceptíveis de trabalhar aqueles metais. Os objectos, de pequenas dimensões, são constituídos por tiras de metal de diferentes espessuras em que o brilho do tratamento final se distribui geralmente por dois níveis de intensidade. Não se trata, portanto, de peças que **fecham** um volume, mas de peças que desenvolvem dois ou três movimentos essenciais (decorrentes da experiência gráfica), movimentos esses que «descrevem» diversos espaços inter-relacionados. Esses espaços são sucessivamente desvendados, e de novo relacionados, pelo próprio movimento do espectador. A esse movimento estas esculturas de facto se propõem. Ou melhor: pela sua própria estrutura, elas forçam-nos **a percorrer movimento** que implìcitamente as realiza e que explìcitamente se realiza no nosso campo perceptivo.

Na sua caracterização morfológica, as esculturas de Santoro, quer pela dimensão, quer pelos materiais e seu tratamento, quer pelos ritmos que seguram, evocam uma produção mecânica, apelam para um tipo de «**design**» que recorta toda uma estética do nosso tempo grandemente apoiada pela técnologia. Assépticas e friamente presentes, tais esculturas não exprimem nenhuma rebeldia perante os **estrangulamentos** produzidos por aquela técnologia e pelo tipo de civilização que nela se apoia. Ao contrário, Santoro «absolve» a máquina e com ela se despoja em função de um brilho oficial encantatório. As suas esculturas são também objectos de consumo, parentes próximos de objectos produzidos pela indústria e que nos cercam de um luxo formal quase hipnótico mas efémero.

O TERCEIRO NÍVEL DE PRODUÇÃO

O «terceiro» nível de produção de Santoro confirma em certa medida aquela última afirmação: utilizando um material nobre (a prata) e socorrendo-se das formas atrás descritas, o autor realiza miniaturais objectos ornamentais, além de braceletes e de anéis. É o próprio escultor que vai buscar ao seu campo de criação os ingredientes da livre experiência artística para os aplicar a objectos de consumo. A exposição ilustra o caminho da degradação (e da reconversão) de uma pesquisa artística inteiramente promissora na sua fase básica.

CARTOGRAFIA DE EFEITO ESPIGA PINTO S.N.B.A.

Prosseguindo a sua afirmação **estilística**, numa acrobacia do talento em que o esteticismo alastra de objectos para com determinação quase epidémica, Espiga Pinto expôs na Sociedade Nacional de Belas Artes os produtos do seu trabalho mais recente. Esta fase do pintor corresponde ao prolongamento, senão ao exacerbamento, das formas que nos tem proposto nos últimos anos. A temática central do conjunto das peças inspira-se no código, ou nos códigos, da cartografia: os mapas do Mundo, ou os mapas de certas regiões do Globo, fornecem à pintura uma série de dados consequentes e de pretextos constantes para a acumulação de sinais. Dentro dessa perspectiva, Espiga Pinto procura construir os significados de uma cosmovisão referida, por transferência ou metáfora, às realidades gráficas da geometria cartográfica. Fazendo um claro esforço para manter a coerência da sua pesquisa pictórica, o autor dispensa-se de permanecer fiel à exactidão daquela geometria e sobrecarrega o espaço com redundâncias formais que lembram, uma vez mais, os maneirismos da sua obra imediatamente anterior. O «barroquismo» desta pintura, as suas truculências sofisticadas e o seu pendor para a produção de efeitos transferem-se paralelamente para os objectos de raiz escultórica também presentes nas salas.

Na verdade, esses objectos acusam arranjos sucessivos que comprometem o sentido essencial da sua problemática, decorrendo sobretudo de uma manipulação técnica e tecnológica que os suspende de um funcionamento quase exclusivamente decorativo. E no entanto, Espiga Pinto aproxima-se aí de sugestões interessantes que fazem apelo ao mundo da mecânica espacial, às cordenadas da electrónica e do automatismo, aos cenários e à mitologia da ficção científica, introdução (profética ou irónica) às imagens e às coisas de um futuro que o homem supõe (e deseja) já bastante próximo.

Não podemos deixar de conhecer em Espiga Pinto, mais uma vez, a brilhante capacidade de execução e o poder de sedução das formas que realiza. Mas esses aspectos não podem, só por si, garantir às obras uma realidade inesperada, a individualização dos problemas, a dinamização da leitura que pressupõe. Nelas, onde tudo acontece por excesso e contra o despojamento, os elementos de impacto não produzem a surpresa, destituem-se do seu significado essencial e acabam por se submergir na futilidade das roupagens que os envolvem. Quanto a nós, o erro básico de Espiga Pinto é o de iludir o estudo dos problemas que o motivam (o estudo das **causas**) incorrendo na permanência do acessório e na exploração dos **efeitos**.

Ùltimamente, e com a maior frequência, os textos publicados nesta página têm surgido deturpados por gralhas de composição. Tal circunstância, de que o autor não é responsável e que decorre de ajustamentos técnicos ainda em processo neste jornal, conduz a frequentes equívocos e tornam os textos susceptíveis de críticas injustas. A própria ambiguidade dos erros de composição ilude por vezes o leitor avisado, o que, se não desculpa naturalmente as indifinições eventuais do texto, prejudica gravemente a compreensão do que ele (também) encerra de válido.

ROCHA DE SOUSA

WHISKY
King George IV

Old Scotch
Supreme
Highland Nectar

O convidado de honra
na sua mesa
de festas

WHISKY
King George IV
— O SCOTCH
DE SABOR REAL

Representante e distribuidor:
ANTÓNIO A. TEIXEIRA, LDA.
LISBOA - PORTO